UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PPG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGED

ISMENIA DA SILVA VIEIRA

PROFESSORAS COM ADOECIMENTO PSÍQUICO: O TRABALHO DOCENTE E OS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO PROFISSINAL

VITÓRIA DA CONQUISTA-BA
2025

ISMENIA DA SILVA VIEIRA

PROFESSORAS COM ADOECIMENTO PSÍQUICO: O TRABALHO DOCENTE E OS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO PROFISSINAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB para obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Prof.ª Drª. Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz

Linha de Pesquisa: Conhecimento e práticas escolares

VITÓRIA DA CONQUISTA-BA
2025

616.85 Vieira, Ismenia da Silva.
V715p Professoras com adoecimento psíquico: o trabalho docente e os impactos no desenvolvimento profissional. / Ismenia da Silva Vieira. – Vitória da Conquista, BA: UESB, 2024.
137f.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB para obtenção do título de Mestre. Linha de Pesquisa: Conhecimento e práticas escolares. Sob a orientação da Prof.ª D. Sc. Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz.

1. Professor – Saúde física e mental. 2. Professor – Adoecimento mental – Carreira docente. 3. Professor da Educação Básica – Adoecimento psíquico. I. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Programa de Pós- Graduação em Educação. II. Ferraz, Rita de Cássia Souza Nascimento. III. Título.

CDD (21): 616.85

Catalogação na Fonte:
Adalice Gustavo da Silva – CRB 535-5ª Região
Bibliotecária – UESB – Campus de Itapetinga-BA

Índice Sistemático para desdobramentos por Assunto:

3. Trabalho docente - Transtornos mentais - Educação Básica

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO

PROFESSORAS COM ADOECIMENTO PSÍQUICO: O TRABALHO DOCENTE E OS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO PROFISSINAL

Autora: Ismenia da Silva Vieira

COMISSÃO JULGADORA:

_____

Prof. ª Drª. Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz (UESB)
Orientadora

_____

Prof.ª Dr.ª Ligya de Sousa Viégas (UFBA)
Examinador Externo

_____

Profª Drª Leila Pio Mororó (UESB)
Examinador Interna

_____

Profª Drª Lúcia Gracia Ferreira Trindade (UESB)
Examinador Interna

Aprovada em: 11 de fevereiro de 2025.

Vitória da Conquista–BA
2025

LUGAR DO DESEJO

Aprofundar em nós mesmos é a melhor e mais dolorosa ação, nos perdemos ao longo do caminho, ou fingimos não encontrá-lo, porque nem sempre iremos gostar do que veremos, porém, é imprescindível chegar nesse lugar.

Quão contraditória é essa capacidade de desejar e não buscar compreender o que se deseja. Por isso, se perde ao caminhar, confunde-se diante daquilo que aparece, titubeia nas escolhas e acerta no que não era para ser.

Desejar é fincar madeira, é vestir-se disso.

Não se perde quem deseja, tem norte, tem horizonte, tem encontro.

E quanto, um tanto eu desejei e desejo, traço o meu caminho e nele percorro.

Desejos desejados por muitos, onde poucos alcançam.

Desejos desencontrados.

Interrompidos.

Anulados.

Adoecidos.

Desconhecidos.

Negados.

Mas, ainda assim, desejado.

Às vezes sentava do lado de fora, olhava para dentro de mim e alcançava o meu desejo, queria estar em tantos lugares e veja agora onde estou, aqui, falando daquilo que eu sempre quis, compreendendo por meio da técnica.

E foi aqui que eu escolhi. Parece até que nasci para isso, tamanho é o meu esforço em alcançá-lo.

E foram nessas grandes batalhas, de lutas travadas, de nãos andando lado a lado comigo que, de repente, chegou meu sim.

Foi nesse lugar que marquei território e dele não quero sair!

Ismenia da Silva Vieira

Dedico este estudo a mim!

À minha força, minha coragem, meu foco, às minhas conquistas.
Às tantas lágrimas que derramei, ao medo que senti, à tristeza diante da desilusão, à solidão em muitos momentos.

Dedico este estudo à vida!

Às oportunidades que Deus me deu.
Aos anjos (a todos eles) que o Espírito Santo colocou em meu caminho (todos em forma humana).
E à minha família e amigos.

Dedico este estudo a você que,

Igual a mim tem sede de conquista, de saber mais e mais.
Faça uma boa leitura e junte-se a mim para transformarmos vidas por meio do conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Se há o agradecimento é porque houve uma benfeitoria.
Sim, talvez esta seja a página mais importante deste documento, porque, por meio dela, posso dizer sobre como eu consegui chegar até aqui, bem como o meu estado de gratidão diante desta grande conquista em minha vida.

Primeiramente, agradeço ao onipotente, onisciente e onipresente Deus do universo, que a mim concedeu a graça de alcançar o meu desejo e não ter permitido que eu desistisse, por mais difícil e desafiador que tenha sido. Eu acreditei, mesmo quando tudo provava o contrário, desbravei caminhos e aqui estou.

Com a mesma intensidade de amor, respeito e devoção eu agradeço à razão do meu viver, à pessoa que mais me estimula, que acredita em mim, me dá todo o suporte do mundo e que é para mim uma grande personalidade constituída de resistência, fé e coragem, a minha mãe DEIJALVA NOGUEIRA DA SILVA. É pela senhora, é por nossa família, é por nossa história, é por seu esforço que mantenho toda a minha dedicação. Obrigada, Mainha, por oferecer tudo para mim, a senhora é a minha luz.

Aos meus filhos, minhas joias raras, Mariano, Marcela e Isadora, agradeço-lhes por compreenderem as minhas escolhas e que elas sirvam de exemplo para a vida de vocês. Saibam que é muito bom tê-los comigo; eu vos amo profundamente.

Aos meus irmãos Wriel e Isnélia, a nossa história está sendo construída aqui também, é por todos nós. Muito obrigada! Na oportunidade agradeço à minha cunhada Ernândia, pelo apoio diante das minhas urgências.

E para a minha irmã de alma, minha companheira, amiga, parceira, a pessoa que nunca me abandonou, que faz por mim como se fosse sangue do meu sangue, a você, Zé (Josy), toda a minha gratidão, amor e cumplicidade, você receberá esse título junto comigo, ele é nosso. Que os anjos te guardem por onde você for. Obrigada por ser tão incrível em minha vida.

São muitos os que compuseram o meu caminho para que eu pudesse seguir. Aos professores que aceitaram participar desta pesquisa, àquelas que foram entrevistadas, meu respeito e consideração pela história e luta diária de vocês. Às minhas amigas Renata (que nunca falte amor, carinho, sensibilidade, casa, comida e carona em sua vida), Érica (aquela que resolve tudo que é burocrático e me estimula bastante), Jenniffer (nossa história ainda será contada), vocês são muito importantes para mim. Às minhas colegas: Mari, Ana e Débora, temos uma história em comum, a casa das sete mulheres. À amiga querida, Gilmara e seu filho Daniel, que me permitiram alterar suas rotinas, dando-me casa, cama, comida, bons papos e apoio. Toda a minha gratidão. Aos amigos motoristas Cristovão (Malhada) e Nenego (Iuiu), cada carona de ambulância, todo o esforço que fizeram por mim e o apoio que me deram nunca serão esquecidos, vocês contribuíram para que eu me tornasse uma Mestre em Educação. Deus abençoe a direção de vocês no volante e na vida. Aos outros motoristas que me ajudaram, também, o meu agradecimento. Às demais pessoas maravilhosas que estiveram ao meu lado, minha amiga Noelma (sua inteligência é admirável), ao grandioso amigo doutor Hamilton Werneck (pela valorosa amizade e grande estímulo), ao admirável doutor Odair Ledo (Serra do Ramalho) e Lore (Bom Jesus da Lapa), vocês me ajudaram nos primeiros passos; à Júlia e Ninha, pelas ajudas nas caronas; e às demais pessoas, Deus abençoe a todos vocês.

Por fim, para fechar com o coração cheio de amor, muito amor, eu não só agradeço, como reverencio ao anjo da minha vida, minha orientadora Drª. RITA DE CÁSSIA S. N. FERRAZ, como a senhora pode ser tão divina, tão luz, tão sublime? Não há palavras capazes de caracterizá-la, és uma diva. Que Nossa Senhora devolva a ti toda a doçura e bondade que causa na vida das pessoas. Eu glorifico aos céus pela sua existência.

Obrigada, Deus, eu consegui!

Resumo

VIEIRA, Ismenia da Silva. **Professoras com adoecimento psíquico**: O trabalho docente e os impactos no desenvolvimento profissional. 2025. 137f. Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Vitória da Conquista-BA, 2025.

O trabalho docente configura-se em uma multiplicidade de impactos que acabam por influenciar a qualidade do processo educacional, principalmente a dos professores em situação de adoecimento psíquico. Este estudo objetivou analisar, por meio da Perspectiva Histórico-Cultural de Vigotski e Leontiev, como os professoras da Educação Básica, com adoecimento psíquico, realizam seu trabalho docente, considerando suas características pessoais-profissionais e os possíveis impactos da condição de saúde no desenvolvimento profissional docente. Nessa perspectiva, foram derivados os seguintes objetivos específicos: conhecer as características pessoais-profissionais de professores da Educação Básica em situação de adoecimento psíquico; caracterizar, a partir da percepção dos professores, os possíveis impactos do adoecimento psíquico no trabalho do docente.Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo e exploratório, com a participação de 52 (cinquenta e dois) professores da Educação Básica do município de Iuiú-BA, em situação de adoecimento psíquico. Para a construção dos dados, foram utilizados dois instrumentos: questionário – para apreensão das informações sobre as características pessoais-profissionais dos professores da Educação Básica em situação de adoecimento psíquico, além da compreensão das demandas comportamentais apresentadas pelos professores que possibilitaram analisar o ciclo da vida profissional dos mesmos; e a entrevista narrativa – para obtenção de informações para a construção dos dados referentes à atuação docente, sua relação com o trabalho, desenvolvolvimento profissional e impactos do adoecimento no trabalho docente. A entrevista foi realizada com 04 (quatro) professoras com adoecimento psíquico que participaram por adesão. Para análise dos dados oriundos do questionário, foi utilizada uma análise interpretativa do *corpus*. Já a análise das entrevistas narrativas resultou em uma minuciosa comparação das trajetórias individuais das participantes no percurso do desenvolvimento profissional docente, o que permitiu a elaboração do conhecimento teórico do ciclo de vida profissional de Amor, Desafio, Responsabilidade e Solidariedade. Dentre os dados analisados, as relações interpessoais, as condições do trabalho, as características individuais das professoras foram unidades direcionadoras para compreensão dos elementos/aspectos analisados. A desvalorização da profissão, o desgaste emocional, o não receber apoio social dos colegas e a necessidade de políticas públicas, pensando nos cuidados voltados para promoção e prevenção da saúde, também foram componentes das percepções das docentes. Em suma, a relação do professor com o trabalho docente tem causado impactos recorrentes na saúde física e mental desses profissionais, os quais, diante dessas vulnerabilidades a que tem sido exposto, apresentam o adoecimento como um dos fatores presente no seu desenvolvimento profissional. Dada a relevância deste estudo, destaca-se o atendimento aos indicadores de qualidade do trabalho docente, bem como os impactos do adoecimento no trabalho.

Palavras-chave: Adoecimento Psíquico; Trabalho Docente; Saúde Mental.

ABSTRACT

VIEIRA, Ismenia da Silva. **Teachers wifh psychological illness**: Teaching work and impacts on professional development. 2025. 137f. Dissertation (Master's in Education) Postgraduate Program in Education, State University of Southwest Bahia, UESB, Vitória da Conquista-BA, 2025.

The teaching profession is characterized by a multiplicity of impacts that ultimately influence the quality of the educational process, especially for teachers experiencing psychological illness. This study aimed to analyze, through the Historical-Cultural Perspective of Vygotsky and Leontiev, how Basic Education teachers with psychological illness perform their teaching work, considering their personal-professional characteristics and the possible impacts of their health condition on their professional development. From this, the following specific objectives were derived: to understand the personal-professional characteristics of Basic Education teachers experiencing psychological illness; to characterize, based on the teachers' perceptions, the possible impacts of psychological illness on their teaching work. This is a qualitative, descriptive, and exploratory research involving 52 (fifty-two) Basic Education teachers from the municipality of Iuiú-BA, who are experiencing psychological illness. Two instruments were used for data collection: a questionnaire - to gather information about the personal-professional characteristics of Basic Education teachers with psychological illness, as well as to understand the behavioral demands presented by the teachers that allowed for the analysis of their professional life cycle - and a narrative interview - to obtain information for constructing data related to teaching performance, relationship with teaching work, professional development, and the impacts of illness on teaching work. The interview was conducted with 04 (four) teachers with mental illness who participated by opting in. To analyze the data from the questionnaire, an interpretative analysis of the corpus was used, and the analysis of the narrative interviews resulted in a detailed comparison of the individual trajectories of the participants in the course of professional development of teachers, which allowed the elaboration of theoretical knowledge of the professional life cycle of teachers. The analysis of the narrative interviews resulted in a detailed comparison of the individual trajectories of the participants in the course of professional development of teachers, which allowed the elaboration of theoretical knowledge of the professional life cycle of Love, Challenge, Responsibility and Solidarity. Among the data analyzed, interpersonal relationships, working conditions, and the individual characteristics of the teachers were guiding units for understanding the elements/aspects analyzed. The devaluation of the profession, emotional exhaustion, not receiving social support from colleagues, and the need for public policies thinking about care aimed at health promotion and prevention were also components of the teachers' perceptions. In short, the relationship between teachers and teaching work has caused recurring impacts on the physical and mental health of these professionals, who, given the vulnerabilities to which they have been exposed, present illness as one of the factors present in their professional development. Given the relevance of this study, attention is drawn to the quality indicators of teaching work, as well as the impacts of illness on work.

Keywords: Psychic Illness; Teaching Work; Mental health.

LISTA DE SIGLAS

APA – *American Psychiatric Association*

BAI - *Beck Anxiety Inventory*

BDI - *Beck Depression Inventory*

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAAE - Certificado de Apresentação de Apreciação Ética

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CID - Classificação Internacional de Doenças

CIP - Conversas Interativo-Provocativas

DPD - Desenvolvimento Profissional Docente

DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

EC – Estado do Conhecimento

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação

OIT - Organização Internacional do Trabalho

OMS - Organização Mundial de Saúde

OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde

PME - Plano Municipal de Educação

PNE - Plano Nacional de Educação

PPGED - Programa de Pós-Graduação em Educação

REDA - Regimento Especial de Direito Administrativo

SEED-AP - Secretaria de Educação do Estado do Amapá

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TDAH- Transtorno do déficit de atenção com hiperatividade

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Produções científicas utilizando o descritor Adoecimento psíquico and professor..... 32
Quadro 2 - Produções científicas utilizando o descritor Adoecimento psíquico e trabalho docente..... 33
Quadro 3 - Produções científicas utilizando o descritor Adoecimento psíquico e mal-estar docente..... 34
Quadro 4 - Dados sóciodemográficos dos professores em situação de adoecimento..... 57

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1 - Organograma da seleção dos estudos organizados..... 30

Gráfico 1 - Tempo de atuação na docência dos professores participantes..... 56

Gráfico 2 - Etapas da carreira docente dos professores participantes..... 57

Gráfico 3 - Etapas da carreira docente das professoras com adoecimento psíquico..... 66

Gráfico 4 - Tempo de atuação das professoras participantes na etapa de finalização da carreira..... 69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 09

2. O TRABALHO DOCENTE E O ADOECIMENTO PSÍQUICO: ESPECIFICIDADES DE UMA PROFISSÃO 17

2.1 Adoecimento psíquico do professor: cenário das produções científicas brasileiras 26
2.1.1 O cenário do adoecimento psíquico e seus entrelaces com o trabalho docente 34

3. O PERCURSO METODOLÓGICO 52
3.1 O contexto da pesquisa 53
3.2 Os participantes da pesquisa 55
3.3 A construção e análise dos dados 58

4. PROFESSORAS COM ADOECIMENTO PSÍQUICO E O IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE 63
4.1 Ciclo de vida profissional das professoras em situação de adoecimento psíquico 63
4.1.1 Desenvolvimento Profissional Docente: uma compreensão das demandas emocionais das professores com adoecimento psíquico 74
4.2 Percepções de professoras sobre o impacto do adoecimento psíquico no desenvolvimento profissional docente 85
4.2.1 Quando o professor fala da sua prática: o impacto do adoecimento psíquico no trabalho e no comportamento das docentes 88

CONSIDERAÇÕES FINAIS 107

REFERÊNCIAS 110

APÊNDICES
ANEXOS

INTRODUÇÃO

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra
Nunca me esquecerei desse acontecimento, na vida de minhas retinas tão fatigadas
Nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra…
(Carlos Drummond de Andrade)

Sabe o que fiz?
Peguei-as e com elas construí um lindo castelo
E, nele estou morando.
(Ismenia da Silva Vieira)

Essa construção foi iniciada em 2013, quando ingressei no curso de Psicologia (meu grande desejo) e, nesse período, atuei como coordenadora pedagógica da rede municipal (também sou graduada em Licenciatura em Pedagogia - 2004 a 2008), permanecendo até o ano de 2017. Foi uma experiência que deixou marcas ao conhecer e vivenciar várias realidades; escutei muitos desabafos e, assim, o desejo em pesquisar o que ouvi foi mobilizado e, posteriormente, com a aprovação no curso de Mestrado em Educação, transformei essa percepção e inquietação em objeto de pesquisa. Muitas dessas falas ressoavam sofrimentos psicológicos, como preocupação excessiva, insônia, medo, depressão, ansiedade, o uso constante de medicações psiquiátrica etc. Penso que, talvez, pelo fato de ser estudante de Psicologia, os professores viam em mim um potencial para a escuta dos seus problemas.

Mesmo diante da potencialização das dificuldades, pois, oriunda de uma cidade muito pequena, do interior da Bahia, com uma cultura de pouco investimento em formação, não encontrava orientação que apontasse o caminho para chegar ao mestrado. Foi uma jornada difícil na qual recebi muitos “não” e alguns “sim” até que, após quatro tentativas, fui aprovada. Não tenho dúvida de que precisei desbravar, com sangue nos olhos, esse caminho. Hoje toda essa experiência alimentou-me e me ensinou como a vida funciona. Permanecer no mestrado tornou-se outro desafio gritante, pois me fez/faz perceber que estudar é uma luta diária, em virtude dos desafios (pedras no caminho) que favorecem a nossa eliminação. Todavia, permaneci/permaneço ali com um sentimento de invasora de espaços que estão longe do meu alcance.

Essas duas áreas de formação no Ensino Superior, Pedagogia e Psicologia, conduziram-me a uma trajetória dialógica e dialética (Aguiar; Ozella, 2006), vivi os

reflexos e afetos dos contextos nos quais estava inserida, transformando-me sob olhares que também foram modificados. Nesse ínterim, tive certeza de que o espaço acadêmico é essencial para a nossa formação, todavia, a prática reflexiva coloca-nos num lugar de desafios e possibilidades constantes. A junção dessas duas vertentes alargou meu campo de visão e, ao atuar como coordenadora municipal da educação, experienciei, sob dois olhares, o da Educação e o da Psicologia, a relação oriunda da prática educativa. Assim, em muitos momentos, os docentes também aproveitavam a minha presença para fazerem uma catarse (Freud, 1987) de suas dificuldades e angústias derivadas da incompreensão perante suas práticas.

Diante dessas escutas, fui me questionando acerca do que esses professores elaboram psicologicamente dessas dificuldades e angústias. Após reflexão, percebi a necessidade de uma busca constante de formação, pois, sem dúvida, é indiscutível ao docente a necessidade de estudo permanente e coerente para o melhoramento de sua prática pedagógica, bem como sua condição de vida pessoal; digo isso porque a cada queixa debruçava-me nas leituras para compreender os fenômenos apresentados.

A participação, naquela época, nos programas do Proinfância e do ProGestão do governo federal, contribuiu imensamente para compreender parte dessas queixas, entretanto, ao trazê-los para esta reflexão lembrei-me da discussão que Grimm, Sossai e Segabinazzi (2016), quando em referência à produção de Stephen J. Ball, apresentam-nos os interesses neoliberais por detrás das corporações e redes políticas, como discurso salvacionista perante o fracasso, as incertezas, as angústias e os anseios de toda a comunidade escolar diante da educação. Isso é perigoso porque os ideais neoliberais aí se instalam e promovem a produção de corpos discentes e docentes dóceis e produtivos, numa normatização favorável à reprodução e desfavorável à sua qualidade de vida, ao seu bem-estar. Essa é uma condição também percebida nas falas das professoras participantes desta investigação aqui apresentada. Para isso, é necessário trazer Forquin (1992) para esta discussão, ao assinalar que na configuração de um campo social existem postulações ideológicas e culturais diversas para a condição da escolarização como um trunfo social, político e simbólico. Assim, é preciso ter cuidado com a noosfera (Lopes; Macedo, 2011), isto é, a esfera do pensamento humano presente nas constituições sociais que prejudicam os olhares e as vivências.

Pois bem, por meio das experiências vividas junto aos docentes, atentei-me para o fato de que, quando um professor(a) narra sobre sua preocupação e angústia diante do processo ensino-aprendizagem pode haver sentidos produzidos; sendo assim, a

compreensão dos sentidos aproxima-se dos questionamentos que mobilizam os sujeitos em suas ações. Portanto, estudar as práticas docentes para compreensão do que emerge das mesmas pode ser relevante para a identificação de possíveis sofrimentos e adoecimentos psíquicos, bem como o apontamento de caminhos para a qualidade do trabalho do professor. Por isso, e por muito mais, faz-se oportuno atentar para o que sinaliza Freire (2003) de que o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente lido, interpretado, escrito e reescrito, em hipótese alguma podendo homogeneizá-lo, ou descartar tudo o que nele atravessa.

Ademais, numa perspectiva individual e na articulação com suas relações constitutivas, os docentes apresentam transformações e características que compõem o desenvolvimento como processo evolutivo (ontogênese). A construção de conhecimentos sobre a subjetividade de professores e o exercício de sua docência tem influenciado/contribuído para maior/melhor comprensão sobre sentimentos (negativos e positivos) que emergem em relação à profissão. E, também, representa, para o momento, uma necessidade de maiores investigações acerca de uma temática que pode interferir em todas as dimensões do desenvolvimento humano, na prática pedagógica e na profissionalidade docente. É uma discussão que circula entre a esfera psicológica e pedagógica, bem como da Saúde e Educação, tendo a profissão e a constituição o fenômeno em que se manifesta seu foco de interesse e, podendo, ainda, através do estudo do conhecimento, possibilitar transformações na atuação profissional de diversos atores.

Essas tranformações permeiam o desenvolvimento profissional docente, foco de estudos diversos (Marcelo Garcia, 1999, 2009; Imbernón, 2011; Ferreira, 2023). Marcelo García (1999, 2009) apresenta que o desenvolvimento profissional docente engloba a formação inicial, a formação continuada, a profissionalidade, os processos de autoformação e aprendizagens. Para o autor, este também está ligado ao contexto de atuação e de desenvolvimento organizacional e curricular; a dimensão individual (pessoal) e coletiva (envolve as histórias de vida e a historicidade do sujeito); ao envolvimento de processos de melhorias de competências e atitudes do professor (processos individuais e coletivos); implica em melhorias e influências das condições de trabalho; ocorre numa encruzilhada de múltiplos caminhos que tende a unir práticas educativas, pedagógicas, escolares e de ensino.

Nesse caso, os processos (psicológicos ou não) vivenciados pelos professores no decorrer da construção de seu desenvolvimento profissional podem e devem ser estudados, à medida que existam variáveis decorrentes de adaptações das dimensões

temporais, sociais, culturais, profissionais e econômicas, que caracterizam a profissão docente (Ferreira, 2017). À vista disso, os professores encontram em sua prática dinâmicas diversas que exigem desse profissional uma capacidade ímpar de desdobramento para dar conta, ou pelo menos, amenizar as demandas que atravessam o processo educacional.

A compreensão dessas dinâmicas é ponto crucial para que o trabalho docente não se torne uma ação distanciada de significados e permeada de adoecimentos que estão para além do orgânico, alcançando o psíquico. Por isso, este estudo pode contribuir para o fortalecimento de investigações científicas sobre o bem-estar docente, o desenvolvimento profissional, possibilitando, assim, ao professor um conhecimento, tendo como recorte suas trajetórias pessoal, acadêmica e profissional, resgatadas por eles mesmos.

A proposição desta pesquisa tem aderência às áreas de Educação, Psicologia e Saúde, abarcando elementos do desenvolvimento profissional docente e do bem-estar de professores. A relevância do presente estudo localiza-se na proporção dos conhecimentos gerados a partir de sua própria construção e essência, e das mudanças por eles produzidos, bem como em subsidiar a transformação de uma realidade que primeiramente focaliza a atuação e o desenvolvimento profissional e pessoal de professores da Educação Básica, mas que poderá abranger ou abrangerá outros níveis de ensino. Além disso, certamente, poderá contribuir para a reflexão sobre as condições de bem-estar e do desenvolvimento profissional docente, tomando como base aspectos constitutivos da profissão.

Questionamentos diante das relações estabelecidas, eventualmente, entre os trabalhadores para resistir aos ataques do seu funcionamento psíquico, provocados pelo seu trabalho são alicerçados em proposições de Dejours (1992). O que fazem para não ficarem loucos? Aproximando essa reflexão para a dinâmica do professor, é pertinente compreender sobre a percepção desse profissional e sua organização diante do movimento da vida. Quais os significados construídos por ele diante de sua prática? Essas reflexões são necessárias porque os induzem a enxergar pontos cegos que, culturalmente, eram acomodados, negados e silenciados. Há um adoecimento do professor, no entanto, ainda assim, ele permanece correspondendo às exigências de produtividade e desempenho impostas pela sociedade capitalista.

Duarte (2020) orienta para a adoção de uma postura crítica, por meio de uma resistência ativa, diante da doutrinação neoliberal que favorece o adoecimento do professor; e a redução do sentido da atividade educativa leva a uma adaptação imediatista que torna o professor um mero instrumento do projeto societário neoliberal, gerando

efeitos deletérios na vida profissional e pessoal. Ademais, por meio de uma perspectiva crítica, é necessário problematizar esse adoecimento, compreendendo que o trabalho docente requer uma dinâmica coletiva, com demandas sociais e históricas que podem constituir patologias que incidem no corpo, sendo este um receptáculo das doenças biológicas, somando-se às tensões socioafetivas e emocionais.

Os diagnósticos apresentados nos relatórios psiquiátricos, baseados no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais-DSM (2014), apontam um quadro caracterizado por transtornos depressivos, de ansiedade, relacionados a traumas e estressores, que possuem código de verificação F e que apresentam uma série de reações e manifestações encadeadas, além do código R referente à cefaleia, nervosismo e tontura, que também constam na descrição do estado depressivo, referindo-se a sintomas que são comumente associados aos quadros sintomáticos dos professores (APA, 2014).

Diagnósticos como esses, geralmente, são “resolvidos” apenas com medicações, ou seja, receita de psicoestimulantes ou analgésicos, como se essa medida fosse suficiente para solucionar o problema. Com isso, o saber médico termina por disfarçar o adoecimento mental por meio da medicalização. É possível perceber que a comprovação do quadro de adoecimento dos professores só se torna válido a partir de uma classificação médica incansável em detrimento de múltiplos sintomas reafirmando a situação.

Diante desse complexo processo desencadeado, principalmente, pelas relações sociais, bem como pela cultura do silenciamento referente às questões psicológicas, as quais são contrárias à ideologia do mundo capitalista de desempenho e produtividade, é importante o acolhimento desses profissionais, a oferta de uma educação socioemocional, para propiciar o controle das emoções diante das adversidades da vida. Podemos aproveitar a discussão sobre o normal e o patológico que denunciam a exclusão e os rótulos sustentados na sociedade neoliberal em desfavor das pessoas em adoecimento psíquico e romper com essa barreira para permitir que a diversidade apareça, sem a pretensão de sustentar uma fortaleza inabalável no ser humano.

Sendo assim, mediante toda essa discussão, é importante refletir: Quem, dentro das escolas, percebe esses impactos sofridos pelos professores? Quais as medidas tomadas para gerenciar essa situação? Como as escolas lidam com esses professores em adoecimento psíquico? Há esse cuidado? Ainda segundo Duarte (2020), não há uma estranheza no fato de o adoecimento de professores ter se tornado um fenômeno de proporções preocupantes, visto ser reflexo de uma realidade que vai além da escolar.

O que se percebe é um histórico de sintomas psíquicos acumulados ao longo da

trajetória profissional, influenciando a autoimagem e a profissionalidade, de uma parte significativa dos professores, com uma possível crise de identidade e busca pela aposentadoria, no intuito de abreviar o tempo de serviço (Gomez; Klautau, 2021). As reações oriundas dessa realidade, apresentadas por meio de sintomas oriundos de patologias físicas e psíquicas, às vezes, compreendidos como subterfúgios para o não enfrentamento ou como momentos de interrupções, fugas e paralisação laboral, na verdade, são mecanismos de defesa que o ser humano utiliza, mesmo que inconscientemente, para dar conta daquilo que lhe angustia, lhe causa dor e sofrimento.

Nesse sentido, compreender a situação do professor convivendo com as inúmeras e velozes mudanças sociais e os seus impactos no seu fazer pedagógico possibilita amenizar os efeitos dessa situação. É uma percepção que favorece o profissional e garante qualidade no setor educacional porque irá antever os percalços, os problemas, os adoecimentos, os inchaços nos setores de saúde, que terão que receber e atender esse professor que não foi assistido previamente. Portanto, fica evidente que, diante das exigências e responsabilidades vivenciadas pelos professores, bem como da dinâmica crescente de trabalho (dentro e fora da escola com as atividades extras), da desvalorização como profissional, há o adoecimento, desencadeando manifestações comportamentais e socioemocionais diversas.

Por isso, mais uma vez, reafirmamos que há uma trama de dimensões éticas, políticas e afetivas que circundam a vida do professor. De fato, a educação não é condizente, demasiadamente, com ideal de justiça social, e de transformação da realidade porque o que se vê, com frequência, é a preocupação com um cenário de mercantilização do saber, reverberando nos professores a manifestação de frustrações cotidianas, disputas e exigências de desempenho, de acordo com a lógica atual, ou seja, a lógica do capital, tornando as tarefas um fardo. Devido às exigências e responsabilização, a saúde mental dos professores encontra-se fragilizada, requerendo cuidados específicos. A situação atual do bem-estar dos professores, no exercício da docência, conforme estudos investigados, apresentam um atravessamento de temáticas que transitam desde mal-estar ao adoecimento psíquico (Giannini; Latorre; Ferreira, 2012; Pereira, 2015; Gregorin, 2016; Silva; Coimbra; Yokomiso, 2017; Ferreira Costa; Pedro-Silva, 2018; Siqueira; Boarini, 2018; Veloso, 2018; Assis, 2020; Moura, 2020; Pereira, 2020; Gomez; Klautau, 2021; Silva, 2021; Freire, 2023).

É sabido que a prática docente é complexa e exige desse profissional uma capacidade ímpar de desdobramento para dar conta, ou pelo menos, amenizar as

demandas que atravessam o processo educacional. Compreender essa complexidade é ponto crucial para que a prática docente não se torne uma ação distanciada de significados e permeada de adoecimentos que estão para além do orgânico, alcançando o psíquico. Sendo assim, faz-se necessário questionarmos como o sistema educacional enxerga esse profissional que adoece. E, se o adoecimento for um sofrimento psíquico, como essa percepção se efetiva? Há uma prática docente distanciada das vivências pessoais? Até onde os professores são assistidos e como é o trabalho docente dos professores que estão em sofrimento psíquico? Há um impacto no seu desenvolvimento profissional docente? Dessas indagações, originou-se a pergunta de pesquisa: Como os professores da Educação Básica em situação de adoecimento psíquico exercem/desenvolvem o seu trabalho e quais os impactos no desenvolvimento profissional docente?

Com base nessa problemática, o objetivo geral buscou analisar como os professores da Educação Básica, com adoecimento psíquico, realizam seu trabalho docente, considerando suas características pessoais-profissionais e os possíveis impactos da condição de saúde no desenvolvimento profissional docente. Nesse sentido, foram derivados os seguintes objetivos específicos: conhecer as características pessoais-profissionais de professores da Educação Básica em situação de adoecimento psíquico; caracterizar, a partir da percepção dos professores, os possíveis impactos do adoecimento psíquico no trabalho do docente.

Por fim, este estudo está organizado e estruturado com uma Introdução, que apresenta as mobilizações para pesquisa, as considerações tecidas sobre aspectos teóricos do estudo, a problematização e os objetivos. Acrescenta-se o Capítulo intítulado “O trabalho docente e o adoecimento psíquico: especificidades de uma profissão”, marco téorico que apresenta a conceituação de duas categorias que atravessam e delineiam o estudo: o trabalho docente como elemento do Desenvolvimento Profissional Docente e o Adoecimento Psíquico. Também integra esse capítulo um Estado do Conhecimento sobre a temática do adoecimento psíquico do professor da Educação Básica a partir das produções científicas, com a apresentação do cenário dos elementos que atravessam/impactam o trabalho docente. O Capítulo intítulado “Percurso Metodológico” é pautado nas diretrizes epistemológicas da investigação qualitativa, realizada com professores da Educação Básica da rede pública do Município de Iuiú-BA, em situação de adoecimento psíquico, os seus dispositivos para construção dos dados e a análise dos dados. No Capítulo intitulado “Ciclo da vida profissional: caracterização pessoal-profissional de professores com adoecimento psíquico”, são apresentados os resultados

da investigação com as características pessoais-profissionais de professoras da Educação Básica em situação de adoecimento psíquico e a caracterização das percepções das professoras, os possíveis motivos do adoecimento psíquico no trabalho do docente, bem como sobre o impacto do adoecimento psíquico no desenvolvimento profissional docente. Por fim, nas Considerações Finais, são apresentadas as construções tecidas pela investigação sensível, cuidados e ética que possibiltaram estudar como as professoras da Educação Básica, com adoecimento psíquico, realizam seu trabalho docente, considerando suas características pessoais-profissionais e os possíveis impactos da condição de saúde no desenvolvimento profissional docente. Assim, nesse percuso investigativo, foram traçadas constatações, questionamentos e dicussões afloradas por profissionais inseridos em um contexto profissional que, ao mesmo tempo, se modifica e o modifica na sua trajetória laboral.

O TRABALHO DOCENTE E O ADOECIMENTO PSÍQUICO: ESPECIFICIDADES DE UMA PROFISSÃO

O mais básico consiste em que a pessoa não somente se desenvolve, mas também constrói a si.
L. Vigotski

O trabalho docente desempenhado pelos profissionais do ensino envolve a compreensão de como, por meio deste, o professor pode estruturar sua prática pedagógica. É resultado de uma formação obtida de estudos teóricos e práticos vivenciados diretamente e que delineiam seu desenvolvimento profissional. A respeito da profissão docente, Marcelo Garcia e Vaillant (2009) apontam que se deve considerar a experiência e a cultura profissionais como importantes aspectos da profissão, entendendo que as experiências individuais podem tornar-se coletivas (Ferreira, 2014). Conforme Tardif (2002), no cotidiano da atuação docente, estes (professores) fazem uso de conhecimentos que se articulam às suas vivências e saberes, o que recai sobre o conhecimento do cotidiano escolar.

Evidentemente, um profissional do ensino é alguém que deve habitar e construir seu próprio espaço pedagógico de trabalho de acordo com limitações complexas que só ele pode assumir e resolver de maneira cotidiana, apoiado, necessariamente, em uma visão de mundo, de homem e de sociedade. Nesse sentido, o ensino torna-se um processo de trabalho constituído de diferentes componentes que podem ser isolados abstratamente para fins de análise. Esses componentes são o objetivo, o objeto, as técnicas e os saberes dos trabalhadores, o produto do trabalho e, finalmente, os próprios trabalhadores e seu papel no processo de trabalho, o que pode evidenciar seus impactos nas práticas pedagógicas.

O objeto de trabalho dos professores envolve seres individualizados e socializados de forma indissociável, o que também influencia nas relações estabelecidas com este objeto, as quais são, portanto, relações humanas, isto é, relações individuais e sociais ao mesmo tempo. Para Vigotski (1986/2000), o homem é um conjunto das relações sociais encarnado no indivíduo. Assim, o trabalho do professor envolve interação com alunos e pares, planejamento e gestão educacional do ensino, avaliação, transformações curriculares etc. Com isso, há de se considerar que as formas de relações estabelecidas nas profissões são específicas, como no caso do trabalho docente que, a depender do tipo de interação vivenciada entre os profissionais e os discentes, essa relação

se configura como processo. E é justamente a relação estabelecida que delimita o tipo de interação existente na atividade laboral.

Por outro lado, a atividade docente exige concentração, mas, com as demandas que vêm impactando o trabalho do professor, principalmente o estado mental, como apresentar "brancos" de memória, dificuldades para processar informações, concentrar-se nas tarefas, excesso de pensamentos negativos devido a notícias desagradáveis, sentimentos confusos, dificuldade para tomar decisões etc, esses fatores podem provocar situações de ansiedade e estresse e, consequentemente, apresentar outros sintomas.

Aprender a lidar com esse estado emocional requer, por parte do indivíduo, uma capacidade para regular essas manifestações. Isso significa a necessidade do desenvolvimento de uma competência emocional que viabilize um processo de autorregulação dessas emoções e sentimentos, isto é, construir novas aprendizagens/domínios sobre nossas emoções. Essa (re)aprendizagem é resultado de um processo constante do fortalecimento do estado emocional. Dessa forma, lidar com os fatores ansiolíticos e estressores pode limitar a capacidade de desenvolvimento da atividade docente (Batista; Noronha, 2018).

Em relação à saúde do docente, estudos brasileiros revelam que o mal que atinge essa categoria está ligado a fatores como: a precarização no trabalho, o tipo de trabalho que realiza, o comprometimento pela formação de outros indivíduos, a sobrecarga de trabalho burocrático, condições de vida dos discentes, contexto social e econômico, o trabalho demasiado e a perda de autonomia (Esteve, 1999; Aranda, 2007; Barroso, 2008; Fonseca, 2009; Pereira, 2015; Gregorin, 2016; Ferreira, 2017; Ferreira-Costa; Pedro-Silva, 2018; Pereira, 2020; Silva, 2021; Freire, 2023).

Dentre esses fatores, a precarização do trabalho, segundo Nóvoa (1992), provoca um mal-estar docente, cuja consequência é a desmotivação, insatisfação profissional por meio atitudes de desinvestimento e indisposição para com o trabalho, aspectos também identificados neste estudo. Percebe-se, assim, que problemas relacionados à saúde se associam e se inter-relacionam, não podendo, portanto, serem estudados separadamente, devendo-se considerar as dificuldades e a prática dos professores.

Desse modo, o adoecimento influencia o trabalho do professor e gera consequências para sua prática pedagógica, principalmente na sua forma de se relacionar com os elementos do processo – aluno e conhecimento – e com a qualidade do processo educacional. Dentre os estudos pesquisados, um dos indicativos que gera maior índice para o adoecimento do professor é a relação professor-aluno. À luz do que propõe

Vigotski (1986/2000), entendemos que somos constituídos através dos outros e essa é a essencialidade do desenvolvimento cultural. Contudo, existem diversas formas de reagirem aos diferentes fatores que acometem o adoecimento (Carlotto, 2002; Reis *et al*., 2006; Oliveira, 2006; Tavares *et al*., 2007). Para Maslach e Leiter (1999), os prejuízos dessa relação diz respeito não só ao bem-estar do professor, como à carreira e à aprendizagem dos discentes.

Assim sendo, o estudo das condições subjetivas na prática docente referem-se à compreensão que o professor tem do significado de sua atividade. Para corroborar essa ideia, as discussões de Leontiev (1978) direcionam a uma compreensão em que, neste caso, o professor somente consegue uma qualidade naquilo que faz, de modo transformador, quando seu ambiente de atuação profissional adquire uma função estimuladora e motivadora para essa atividade, ou seja, é preciso que ele, o professor, encontre sentido e significado nos esforços do seu trabalho, que é, portanto, a atividade vital humana. Nesse caso específico do trabalho do docente, por exemplo, a aprendizagem dos discentes pode ser um motivo que incita a ação, isto é, há uma vinculação com os significados e sentidos que o professor dá à atividade.

No entanto, isso pode ser alterado quando há o adoecimento, o que leva a uma modificação patológica da personalidade (Vigotski, 1995). O processo de adoecimento psíquico de docentes tem uma relação bastante próxima com o seu bom desempenho laboral e a apresentação de resultados favoráveis, os quais sempre foram exigências na profissão docente. Diante disso, a não aprendizagem do aluno torna-se responsabilidade, exclusiva, do(a) professor(a), sem levar em consideração um emaranhado de fatores que corroboram para esse fim.

Atrelado a isso, historicamente, os professores confrontam um sistema incoerente, com gestores, atravessados por práticas enviesadas de interesses particulares que se distanciam cada vez mais da oferta de uma educação de qualidade. A constante falta de sustentação do Estado faz com que profissionais convivam com a incerteza de seus ganhos, com as condições precárias das instituições de ensino, com a desestabilização da posição assumida e com salários não reajustados. Essa conjuntura pode contribuir para a instalação de um mal-estar capaz de repercutir na saúde do professor.

Diante da realidade do sistema público de ensino, concomitante às exigências da contemporaneidade, percebe-se nuances sendo instauradas, como a síndrome nomeada como Burnout, um padecimento no âmbito da saúde do trabalhador, especialmente dos professores, marcados pelo esgotamento, pela impotência e insuficiência. Essa síndrome

é uma resposta prolongada a estressores interpessoais crônicos no trabalho que se apresenta em três dimensões interdependentes: exaustão emocional, despersonalização e redução da realização pessoal (Maslach; Schaufeli; Leiter, 2001; Perniciotti, 2020). Há a prevalência de sobrecarga e exaustão de recursos físicos e emocionais, resultando no esgotamento de energia, consequências de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade.

Tal descompasso pode provocar a insegurança dos atores escolares e, nesse caso, os professores são os que mais respondem a essa lógica. Para tentar corresponder a tais exigências contemporâneas, há um grande esforço por parte deles, o que favorece o esgotamento. A evolução desse estado suscita uma falta de perspectiva frente a situações futuras e que podem produzir insegurança e fragilidade, levando o trabalhador a uma perda da crença em si. Dessa forma, percebe-se, contudo, a fragilidade do sentimento de pertencimento.

A *Varkey Foundation* (2018), em pesquisa realizada com 35 países, sinaliza que o Brasil ocupa a última posição do *ranking* relativo à valorização docente e os dados que caracterizaram essa posição foram: trabalho excessivo, salários menores do que o imaginado para os docentes, falta de respeito dos alunos e um dos piores sistemas educacionais do mundo. Percebe-se, com isso, uma desvalorização do docente; essa realidade impulsiona para a reflexão se tal cenário pode interferir na percepção que esses profissionais têm de si e se causa adoecimento psíquico.

Importa destacar que o adoecer passa por diversas formas de compreensão e o modo como as pessoas com adoecimento psíquico foram tratadas ao longo dos anos sinaliza lembranças dolorosas e complexas da história da saúde pública brasileira. Nesse viés, compreender o adoecimento psíquico, por meio de uma perspectiva teórica que envolva o ser humano em sua totalidade e que possibilite perceber as transformações do seu psiquismo e os movimentos de suas relações com o meio, favorece o entendimento das mudanças e das constâncias do seu desenvolvimento. Por conseguinte, compreender o fenômeno do adoecimento psíquico ocupacional, por meio da Psicologia Histórico-Cultural orientado pela perspectiva marxista, permite-nos alcançar a essência do problema, sem fixar na aparência do fenômeno, isto é, o adoecimento ocupacional, partindo da própria atividade do sujeito, bem como as condições para a sua execução, sua estrutura e como esta determina e é determinada por outros processos psíquicos favorece a sua compreensão (Silva, 2007).

Um aspecto possível para o surgimento de sintomas relacionados ao adoecimento

mental em professores é a cobrança da “eficiência” e de resultados positivos. A saúde do professor fica comprometida diante das condições de exigência e demandas de trabalho a que são submetidos, como péssimas condições laborais, baixos salários, acúmulo de funções, carga horária excessiva etc. Esses fatores contribuem e muito para o surgimento de sintomas de ansiedade, estressores e depressivos nos profissionais (Reis, 2008; Moura, 2020; Pereira, 2020; Freire, 2023).

A dimensão educacional, especialmente na última década, requereu a criação e o aumento de pesquisas com o propósito de contribuir para o desenvolvimento dos atores educacionais haja vista a complexidade de situações que esses novos tempos apontam. Há implicações diretas dos efeitos dessas mudanças no sistema educacional, sendo necessária a análise das condições de trabalho dos professores em oposição ao movimento pelos interesses do capital.

Com isso, o trabalho desses profissionais tem se modificado diante do contexto de transformações que ocorreram e ocorrem a todo instante no mundo. Diante de tais mudanças, acompanhadas de novas exigências pedagógicas, percebe-se repercussões negativas frente à prática docente que pulverizam na saúde desses profissionais. Pode-se dizer que, possivelmente, essas mudanças promovam o desencadeamento de percepções e sensações negativas diversas. Vigotski (1929/2000) considera que todos os seres humanos têm medos, angústias e delírios, entre outras sensações, todavia, o fundamental é atentar-se para a intensidade e a hierarquia dada a cada sensação, a cada sentimento. Mediante o quadro potencial de adoecimento dos professores na contemporaneidade, ainda se faz necessário, entre outras medidas, o discurso direcionado para gestores públicos para que se atentem à difícil realidade do trabalho dos professores no Brasil.

Pelo proposto no artigo 67 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), cabe aos sistemas de ensino promover a valorização de todos os profissionais da educação, dentre eles os professores. Isso é o que versa a Lei, porém, essas condições adequadas só são especificadas, quando se trata da manutenção e desenvolvimento da educação (Lei do FUNDEB) e, por vezes, não contemplam as demandas gigantescas que atravessam o labor dos docentes, causando-lhes adoecimento. Por exemplo, na Lei nº 13.005/2014, que trata do Plano Nacional de Educação (PNE), consta-se, somente, a garantia de aquisição de titulação, formação continuada e o melhoramento do plano de carreira dos professores. Entretanto, esses indicadores estão contidos da Meta 13 até a Meta 18 (Brasil, 2014). Reportando para o município de Iuiú, o Plano Municipal de Educação (PME), Lei nº 276, de 23 de junho de 2015, faz referência

às políticas de valorização de professores na diretriz IX – valorização dos(as) profissionais da educação. Há no município um terreno enorme a ser cultivado, no que tange às políticas de valorização e formação docente.

A formação continuada em serviço, que fortalece a prática docente, encontra muitos obstáculos, dentre os quais a falta espaço destinado especialmente à formação permanente e qualificação contínua dos docentes; no entanto, estabelece como fundamental reconhecer a importância destes profissionais para a qualidade do ensino público oferecido à população, dando-lhe condições de trabalho e salários justos, equivalentes com outras categorias profissionais de outras áreas que apresentam o mesmo nível de escolaridade e o direito ao aperfeiçoamento profissional contínuo. No entanto, as condições ainda estão longe de serem alcançadas (Prefeitura Municipal de Iuiú, 2015).

O frequente desrespeito aos profissionais do magistério tem provocado danos à sua saúde, além da despersonalização e falta de realização pessoal cuja consequência é o baixo comprometimento com o trabalho, adoção de comportamentos mecânicos e burocratizados e um distanciamento emocional dos professores com seu alunado. Marino Filho (2020) aponta o que pode causar o adoecimento psicológico no indivíduo, como a perda da coerência das suas ações com a sua realidade. Isso significa que o indivíduo passou a criar outros sentidos pessoais para as suas ações, baseado em uma interpretação fantasiosa da realidade como alternativa para uma realidade insuportável. Os problemas para o sistema psicológico se concretizam como frustração das próprias ações na realidade concreta, já que o sentido na orientação das ações se relaciona a uma realidade mal interpretada, diferente ou inexistente da realidade concreta.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) definiu num documento de acesso geral as condições de trabalho em todo o mundo, inclusive para os professores, especialmente por reconhecer o lugar central que estes ocupam na sociedade, uma vez que são os responsáveis pelo preparo do cidadão para a vida (OIT, 1984). Na sociedade capitalista, segundo Sousa (2013), o trabalho tem papel de mediador social, pois funciona como meio de sobrevivência, seja pelo aspecto cultural seja pela dimensão econômica, tendo relevância na constituição da subjetividade e dos modos de vida e expressão, sendo portanto, um influenciador na saúde física e mental das pessoas. Como já abordado por Marx (2008), há um estranhamento nas relações de trabalho na contemporaneidade.

São situações adversas que atravessam o âmbito do exercício profissional dos professores, predominando a exaustão, oriunda de um trabalho realizado de forma conflituosa por meio de um cenário constituído por narrativas estereotipadas, cujo

conteúdo é, doravante, pautado no sentimento de baixa autoestima, desvalorização salarial, condições, muitas vezes, inapropriadas de trabalho, estresse, bem como das relações institucionais e pessoais. O que resta dessa relação se não um sentimento de estranheza gerado por abatimento emocional e desprestígio social?

Esteve (1999) reforça essa complexa situação ao afirmar que se tem aumentado as responsabilidades e exigências sobre os professores, diretamente influenciados pela transformação do contexto social e, consequentemente, gerando um mal-estar para muitos deles. Isso impacta na sua ação em sala de aula e nas tensões oriundas de sentimentos e emoções negativas que afetam a atividade docente, portanto, sua relação com o trabalho. Perceber os efeitos permanentes, de caráter negativo, que afetam as condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência favorece a compreensão da precarização advinda das estratégias do capital, que tem no aprofundamento das políticas neoliberais seu principal pilar. Nesse sentido, infere-se que o adoecimento, então, pode ser consequência decorrente dessa estrutura acima mencionada.

Como dito até aqui, a saúde dos professores é um tema relevante e uma discussão necessária. Promover políticas públicas que visem o benefício dessa classe trabalhista, visto que muito se fala e pouco se faz para reverter o quadro de adoecimento desses profissionais, deve ser uma ação social urgente da sociedade civil e do Estado. O alto número de afastamentos, atestados, queixas e muitos outros sintomas escancaram a realidade atual da situação dos professores, no entanto, essa se mantém velada e na invisibilidade das ações governamentais.

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2001), o conceito de saúde é posto como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não apenas como a ausência de doença ou enfermidade. Além disso, a definição de saúde tem muitos pontos em comum com a percepção do conceito de qualidade de vida. Desse modo, percebe-se a necessidade de analisar o corpo, a mente e até mesmo o contexto social no qual o indivíduo está inserido para uma melhor definição do estado de saúde.

O relatório emitido pela OMS, em 17 de junho de 2022 (OPAS, 2022), trata da urgência sobre a necessidade de compromisso e mudança de atitudes, ações e abordagens à saúde mental, seus determinantes e cuidados. É uma proposta com a ambição de apoiar o mundo na transformação da saúde mental. Segundo dados desse relatório, a depressão e a ansiedade aumentaram mais de 25% apenas no primeiro ano da pandemia da Covid-19. Diante dessa realidade alarmante, o relatório sinaliza a todos os países a acelerar a implementação do Plano de Ação Integral de Saúde Mental 2013–2030 e faz várias

recomendações de ação que foram compactadas em três “caminhos para a transformação”, a saber: aprofundar o valor e o compromisso que damos à saúde mental; reorganizar os entornos que influenciam a saúde mental, incluindo lares, comunidades, escolas, locais de trabalho, serviços de saúde etc; reforçar a atenção à saúde mental, mudando os lugares, modalidades e pessoas que oferecem e recebem os serviços.

A OMS enfatiza, ainda, que são indissolúveis os vínculos entre saúde mental e saúde pública, direitos humanos e desenvolvimento socioeconômico, ressaltando que a transformação de políticas e práticas em saúde mental pode trazer benefícios reais e substantivos para a humanidade, sem restrição, alegando que investir em saúde mental é garantir um futuro melhor para todos. Ao relacionar o conceito de saúde e a situação atual dos professores, há o entendimento de que se saúde não se refere somente à ausência de doença física, então, um profissional com danos psicológicos é considerado doente. Com essa afirmativa, é importante atentar sobre como o Estado assiste seus servidores e quais as considerações compreendidas em torno da saúde mental.

Falar sobre saúde mental é compreender, historicamente, todos os processos de construção, regressão e desconstrução em torno dessa temática. O Brasil passou por diferentes etapas na reestruturação da assistência em saúde mental e, em meio aos avanços e retrocessos, houve algumas contribuições para a ressignificação no cuidado da pessoa com sofrimento mental. Por isso, discutir sobre o normal e o patológico permite-nos refletir sobre o quanto a estigmatização ou a negligência pode limitar o ser humano a desenvolver suas habilidades, suas relações e reprimir suas emoções, desencadeando o adoecimento humano (Silveira; Nascimento, 2015).

A estigmatização por parte da sociedade, por exemplo, pode causar medo e insegurança na pessoa em verbalizar o próprio sofrimento, ocasionando a piora dos sintomas. Essa herança histórica é carregada de preconceitos e desencadeia nas pessoas o silêncio diante de suas angústias, por medo de assumir suas fragilidades e dores. A primeira das três recomendações destacadas no relatório da OMS diz sobre a necessidade de inclusão de pessoas com problemas de saúde mental em todos os aspectos da sociedade, bem como a tomada de decisões para superar o estigma e a discriminação, reduzir as disparidades e promover a justiça social (OPAS, 2022).

A urgência em discutir sobre saúde mental em tempos tão efêmeros vai de encontro ao discurso agressivo de normalidade e produtividade imposto pelo capitalismo. Para Silveira e Nascimento (2015), o patológico é constituído pela separação entre a normalidade e a anormalidade. Em consonância a esse propósito, é importante

compreendermos como as queixas relacionadas ao sofrimento mental ainda são tratadas sob o viés biológico e farmacológico. Muitas vezes, uma das atitudes dessa classe profissional (a de docente) é o uso de medicação e medicalização como forma de se adaptar ou resistir às demandas e pressões relacionadas ao seu trabalho (Silva, 2020).

Em concordância, Silva e Tuleski (2015) acrescentam a esse viés biológico e farmacológico os comportamentos desadaptados de um padrão de normalidade num crescente processo de patologização da vida e culpabilização dos indivíduos em particular. As autoras afirmam, ainda, que este paradigma biomédico faz com que o transtorno mental seja um distúrbio compreendido como algo em si, acometendo determinado indivíduo, fortalecendo o papel do médico e da medicação como meio prioritário de tratamento, assim como fortalece a etiologia orgânica e a-histórica.

São novos tempos (Han, 2015), novas propostas de inserção no mundo, nova dinâmica que atravessa o processo ensino-aprendizagem. Esses novos tempos requerem mudanças e medidas inovadoras. Em consonância com as ideias de Byung-Chul Han (2015), Delors (2010), no final do século XX, já discutia sobre isso; segundo ele, a busca frenética do progresso tecnológico, tendência forte dos finais do século XX, que estimula o aparecimento e desenvolvimento de ‘sociedades de informação’, destaca as dimensões intelectuais e imaterial do trabalho. Refere-se a uma inovação, uma proposta de evolução e adaptação a um mundo em rápida mudança e capaz de dominar essas transformações. O que prevalece nessa nova articulação social? Uma grande crise no mundo contemporâneo! A repercussão desse novo cenário se acentua porque requer diversas competências para atender a essas exigências ditadas pela sociedade; e a escola é um dos lugares que mais requer essa mudança.

É evidente que há um mal-estar docente rondando o trabalho do professor. Um fenômeno que faz referência às questões relacionadas à saúde física-psíquica e intelectual desses profissionais. Para Esteve (1999), a designação mal-estar docente refere-se aos efeitos permanentes de caráter negativo que afetam a personalidade do professor, como resultado das condições psicológicas e sociais em que se exerce a docência. O autor, na perspectiva dos efeitos ocasionados pelas mudanças histórico-sociais, sem perder de vista o caráter de subjetivação da formação e vida dos professores, enfatiza que há um sentimento de desencanto que afeta hoje muitos professores, exatamente por comparar a situação do ensino há alguns anos com a realidade atual, prevalecendo um sentimento de insegurança, causando-lhes, dentre outras coisas, a recusa em relação às novas polítcas de reforma educativa.

O trabalho do professor passa a ser comparado, o tempo todo, com o advento da era digital. As inseguranças, conflitos, medos e angústias, oriundos dessa relação, reverberam no modo como ele se percebe e como percebe o mundo à sua volta. Dentre tantas outras coisas, há o impacto da desvalorização profissional que perpassa, principalmente, pelas questões salariais, bem como a falta de credibilidade social instituída historicamente. O trabalho docente, nessa perspectiva, é demarcado pela degradação e ausência da autonomia, num processo de intensificação desse trabalho, com uma inflação de tarefas e sobrecarga permanente de atividades.

Esteve (1999) esclarece que esses sintomas que os professores passam a manifestar, advindos da sua relação com o trabalho, se mantiverem isolados, terão, apenas, significado intrínseco, todavia, caso ocorra o acúmulo dos mesmos, a configuração muda totalmente, a manifestação cai sobre a imagem que esse profissional tem de si mesmo e de seu trabalho e, com isso, instala-se uma crise de identidade, levando, inclusive, à autodepreciação do ego.

A docência se caracteriza por constituir-se em um processo educativo intencional (Alves, 2024). O início dos estudos sobre o trabalho docente, no Brasil, ocorreu nos anos de 1960, com as pesquisas de Luíz Pereira (1967, 1969) sobre a formação de professores, e de Aparecida Joly Gouveia (1961, 1965), mais especificamente para formação de professoras.

Todavia, o exercício profissional da docência no Brasil é atravessado por questões difíceis, como a escolha e aceitação de jovens, com excelentes desempenhos acadêmicos, por licenciaturas. Alves (2024) discute algumas especificidades da docência ao apresentar a pesquisa do professor da Universidade do Arizona, Walter Doyle, publicada em 1986, sobre particularidades da aula como atividade. Durante uma aula, um professor precisa compreender diversos fenômenos que ocorrem: a multiplicidade (numa aula é espaço de diversos eventos ao mesmo tempo e em um período curto), imediatez (os eventos durante a aula ocorrem repentinamente, sem anúncios prévios, exigindo ações/respostas imediatas que fazem o tempo de reação do professor ser o mínimo), rapidez (sucessão e o encadeamento do fluxo de acontecimentos durante a aula). Outros dados revelam que comportamentos perturbadores ocorrem a cada 3,75 minutos, exigindo a intervenção do professor (seja num olhar, num gesto, etc.) para manter seu propósito da aula, imprevisibilidade (ao longo da aula acontecimentos inesperados surgem e modificam em vários graus o plano inicial), visibilidade (a aula é uma atividade pública desenvolvida diante da turma – de cujos olhos o professor não pode se esconder), historicidade

(dimensão temporal na qual se inscreve a interação entre professores e alunos – diária, semanal, ao longo do semestre – e no qual eventos condicionam os momentos seguintes).

Conferindo a complexidade de seu exercício, Vieira e Fonseca (2010) afirmam que o trabalho docente, além de sua dimensão social, é também um trabalho emocional, pois implica a ação, a cognição e a emoção, fazendo com que as situações e as interações locais dependam de seus agentes (docentes e discentes), mesmo que os conhecimentos e condutas sejam especificados pelos contextos. As atividades sociais dos agentes precisam ser negociadas e relacionadas às suas experiências e formação. Isso indica que o trabalho docente, concomitante à sua dimensão social, é, também, um trabalho emocional.

Adentrando aos teóricos da Psicologia Histórico-Cultural, temos Vigotski (1896-1934) e Leontiev (1903-1979) que priorizaram as interações sociais entre os fatores implicados no desenvolvimento, e este último trouxe contribuições relevantes sobre a atividade e os motivos e sentidos pessoais. Transpondo o trabalho docente como atividade humana, pode-se pensar que uma das características específicas desse trabalho são as interações vivenciadas no ambiente escolar. Leontiev (1983) também aborda a conexão entre a atividade humana e o contato, modificação e domínio do mundo dos objetos pelo homem e como esse processo intervém na organização da estrutura corporal do indíviduo na busca da satisfação das necessidades humanas. As possibilidades do desenvolvimento das capacidades psíquicas humanas, como a percepção, a vontade, os pensamentos e os sentimentos, significa, para ele, que é a partir da produção material e não a partir das ideias, que a psique humana se desenvolve, demonstrando sua natureza social, histórica e material. Desse ponto, pode-se entender como o professor, ao longo do seu desenvolvimento profissional, vai se relacionando com o trabalho e ao mesmo tempo se modificando, pois através do trabalho se objetivam nos produtos que constroem e transferem para os objetos sua atividade física e mental.

2.1 Adoecimento psíquico do professor: cenário das produções científicas brasileiras

A relação entre trabalho docente e o adoecimento apresenta um cenário preocupante acerca dos impactos e atravessamentos dessa profissão na saúde do professor, pois a docência exige dos docentes uma sobrecarga de trabalho imposta que passa a ser um indicador para os motivos desse adoecimento, culminando em um alto índice de licenças médicas. Assim, o mal-estar docente reflete uma variável complexa de

fenômenos econômicos, culturais, sociais e psíquicos que não podem ser analisados isoladamente, sob o risco de construir uma leitura mutilada, ora culpabilizando o professor individualmente ora refletindo determinismos sociais sem apreender as particularidades do modo de sofrer desses profissionais. Em suma, revela a importância de um enlace entre Saúde e Educação, destacando a necessidade da construção de uma cultura de autocuidado docente.

Historicamente, ser professor no Brasil é caracterizado pela ideia romântica de exercer uma missão ou defender o propósito de que "nasceu para isso" porque junto com a obrigação do cumprimento da prestação desse serviço há o acometimento de diversos problemas oriundos de fatores sociais, históricos e culturais que reverberam na prática docente e podem provocar um adoecimento psíquico no professor.

O adoecimento psicológico, segundo Codo (2006), reforça a necessidade de investigações quanto aos fatores prejudiciais à saúde mental do trabalhador. Um dos ambientes em que esse adoecimento provoca grande preocupação é o da educação, especialmente para os profissionais da docência. Para Esper *et al*. (2020), baseados na teoria da Psicologia Histórico-Cultural, para o professor, diante da grande diversidade de atividades que lhe é exigida, o ato de ensinar pode ser uma atividade realizada a duras penas. Isso por ser a atuação na educação um trabalho complexo que perpassa o ato de ensinar; envolve um enorme contingente de desafios e responsabilidades ao trabalhador, especialmente porque os reflexos das múltiplas demandas sociais entram com os alunos na escola, com isso, é preciso lidar com o pedagógico e com o social, concomitantemente, no processo de ensino-aprendizagem.

O trabalho docente, como toda relação laboral, confere significado na vida do profissional, constituindo-lhe identidade que reflete na sua autoestima e autoconceito, torna-se fator fundamental para a sua saúde, reverberando no seu desenvolvimento emocional, cognitivo e moral. Para Jacques (2007), essa relação unívoca organiza a vida mental do indivíduo, tornando-se ainda mais delicada, quando se fala no adoecimento mental, porque questiona se este pode ser decorrente de características particulares da psique do sujeito ou se realmente determinados ambientes e dinâmica de trabalho acarretam prejuízos à saúde mental. Fortalecendo essa discussão, Marino Filho (2020) destaca que sofrimento e adoecimento psicológico são resultantes das condições de produção da vida em sociedade, não podendo ser, assim, atribuídos, exclusivamente a condições biológicas.

Várias questões sociais têm colaborado para o aumento de doenças mentais na

população trabalhadora na atualidade, como: mudanças socioambientais, demográficas, migrações, aumento da população idosa, urbanização desordenada, hipertrofia das metrópoles, intensificação da velocidade dos meios de transporte e de comunicação, aumento da violência em diversos contextos, poder midiático, expansão tecnológica, dentre outras (Seligmann-Silva, 2013). A existência de mecanismos psicológicos de defesa, acionados nessas situações (vida, trabalho) evitam a ansiedade, o medo, a depressão, as vivências de desproteção ou sensação de ameaça (Seligmann-Silva, 2013).

O cenário atual promove uma exaltação a uma mobilidade que deve ser cada vez mais rápida, bem como à busca por uma cultura de excelência. A dinâmica é de um presente fugaz, seguido por um futuro em que as metas são instantâneas; não se aprofundam em reflexões nem comprometimentos, pois não há tempo para se fixar em nada (Bauman, 2001). Para corresponder a essa velocidade de atuação e produção na contemporaneidade, evitam-se os sentimentos porque esta distração, essa compreensão é caracterizada de síndrome da insensibilidade (Seligmann-Silva, 2013).

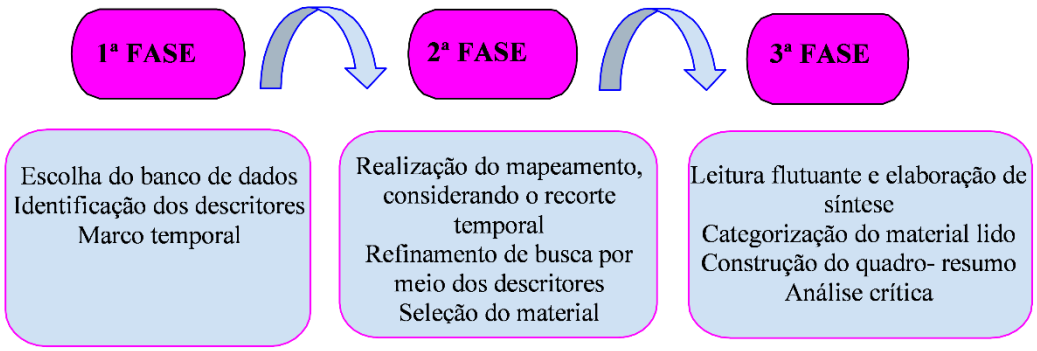
As expectativas e demandas apoiadas no trabalho docente fazem com que as críticas direcionadas ao sistema educacional recaiam quase que, exclusivamente, nesses profissionais, acarretando uma exigência ainda maior sobre eles. Isso porque, conforme Esper *et al.* (2020), a mediação que o professor promove na sua relação com o discente e deste com o conhecimento faz com que ele ocupe um lugar imprescindível no processo ensino-aprendizagem. Paradoxalmente, Mello (2004) ressalta que as mudanças ocorridas a partir do século XXI passaram a exigir da escola e do professor grande adaptação às questões tecnológicas e mudanças sociais que adentram o ambiente da sala de aula. Diante desse novo cenário, a função da escola passa a ser muito mais a de construir significados sobre as informações e conhecimento do que os emitir, descentralizando o professor do lugar de detentor do saber. Com isso, as diversas demandas que o trabalho docente impõe diariamente podem ser grandes potencializadoras de adoecimento psíquico.

O estudo das produções científicas, aqui apresentado, tem como temática o adoecimento psíquico do professor da Educação Básica no Brasil. Esse trabalho trata-se de um Estado do Conhecimento cujo objetivo foi analisar os resultados conclusivos desses trabalhos científicos que têm como objeto o adoecimento psíquico e as possíveis variáveis que atravessam/impactam a prática docente. Por meio do Estado do Conhecimento (EC), que consiste na identificação, registro e categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área em um determinado espaço de tempo sobre uma temática específica (Morosini, Fernandes,

2014), foram selecionadas produções científicas que tinham como foco os docentes da Educação Básica no Brasil, como critério de exclusão das produções localizadas por todos os descritores. O levantamento de dados, oriundos de pesquisas científicas brasileiras, vai além de um cumprimento de pauta de investigações geradoras de uma dissertação ou tese. Torna-se uma necessidade conhecer e entender como está a situação da saúde mental, especificamente os problemas referentes ao adoecimento psíquico dos professores da Educação Básica.

Para estudos do Estado de Conhecimento, há a abertura para a flexibilidade e autonomia do pesquisador, que possui a liberdade de adaptá-las de acordo com as demandas de seu estudo, pois há particularidades, como alguns refinamentos específicos, que são importantes para a busca eficaz das produções científicas (Santos *et al.*, 2020). Assim, foi realizado um levantamento dessas produções científicas, nos bancos de dados das seguintes bases eletrônicas: Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEd) e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), dos últimos anos (2014 a 2023). Na Figura 1, apresenta-se uma demonstração do sequenciamento das etapas:

Figura 1. Organograma da seleção dos estudos analisados.



Fonte: Elaborado pela autora, 2024.

O marco temporal foi delimitado nas produções científicas dos anos de 2014 a 2023, tendo, nessa temporalidade, a pandemia da Covid-19, doença causada pelo vírus SarsCovi-19, período este que pode oferecer informações que impactaram ou não o trabalho e a saúde dos docentes, o que pode elevar ainda mais a pesquisa em questão, uma vez que o foco principal da pesquisa é o psíquico.

Para delimitar o nicho de resultados da pesquisa, foram utilizados os seguintes descritores: adoecimento psíquico *and* professor, adoecimento psíquico *and* trabalho

docente e adoecimento psíquico *and* mal-estar docente. O operador booleano "*and*" foi utilizado para que houvesse combinação entre os descritores. Em algumas pesquisas foi encontrado um número alto de resultados e, para filtrar e chegar ao material, realizou-se, a princípio, uma leitura superficial somente dos títulos. Santos *et al.* (2020) destacam a importância do afunilamento eficaz nesse processo de investigação; as palavras selecionadas para serem utilizadas como descritores precisam corroborar o campo semântico no qual esse vocábulo está inserido, bem como corresponder com as orientações do banco de dados utilizado. Devido à orientação sobre as técnicas de afunilamento para obtenção das produções precisas que correspondam ao interesse da pesquisa, não houve problema com excesso de material durante as buscas.

A partir do levantamento realizado, de abril de 2023 a junho de 2024, foi identificado o seguinte quantitativo de produções: i) adoecimento psíquico *and* professor, um total de 71 produções encontradas e 04 produções analisadas; ii) adoecimento psíquico *and* trabalho docente, 80 produções encontradas e 05 analisadas; iii) adoecimento psíquico *and* mal-estar docente, 10 produções encontradas e 05 analisadas. O quantitativo de produções encontradas foi de 161 e destas 14 foram objeto de análise.

Das quatro produções selecionadas no descritor adoecimento psíquico *and* professor, três dissertações e uma tese foram resultados de pesquisas realizadas, na sua maioria, em Programas de Pós-graduação em Educação, oriundas de Universidades da região Sudeste, Nordeste e Centro-Oeste. Dado significativo é que destas, três pesquisas são de programas de pós-graduação em Educação e ocorreram durante o período da pandemia, conforme Quadro 1 seguinte.

Quadro 1 - Produções científicas utilizando o descritor Adoecimento psíquico *and* professor

AUTOR/A	TÍTULO	ANO	TIPO	IES/PROGRAMA
Camilla Paiva Silva Crespo	Adoecimento psíquico do professor e seus reflexos no processo de ensino em unidades escolares da rede municipal de Campos dos Goytacazes-RJ	2016	Dissertação	Universidade Estadual do Norte Fluminense- RJ / Programa de Pós-Graduação em Cognição e Linguagem
Juliana da Silva Moura	Transtornos mentais e comportamentais em professores e as implicações para a carreira docente	2020	Dissertação	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – BA / Programa de Pós-Graduação em Educação
Leandro Queiroz Pereira	Adoecimento e afastamentos de professores dos anos iniciais do ensino fundamental em Patos de Minas, MG: 2018 a 2019	2020	Dissertação	Universidade de Uberaba-MG / Programa de pós-Graduação em Educação
Sílvia Segovia Araújo Freire	O silêncio e o sofrimento/adoecimento psíquico docente sob a análise da psicologia histórico-cultural: das condições às emoções	2023	Tese	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-MS/Programa de Pós-Graduação em Educação

Fonte: Dados da Pesquisa (2024).

As cinco produções utilizando o descritor adoecimento psíquico *and* trabalho docente são pesquisas de programas diversos, como Educação, Psicologia e Sociologia, de Universidades da região do Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste, sendo a maioria dissertações que ocorreram antes do período pandêmico, conforme Quadro 2 a seguir.

Quadro 2 - Produções científicas utilizando o descritor Adoecimento psíquico e trabalho docente

AUTOR/A	TÍTULO	ANO	TIPO	IES/PROGRAMA
Ana Carolina da Costa Carvalho	Trabalho docente e adoecimento de professores do ensino fundamental em um município da Zona da Mata Mineira	2014	Dissertação	Universidade Federal de Viçosa-MG / Programa de Pós-Graduação em Educação
Selma Gomes da Silva	Travessias entre a sala de aula e o consultório: trajetórias docentes, adoecimento e narrativas de sofrimento psíquico de professores	2017	Tese	Universidade Federal do Ceará-CE / Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Rodney Querino Ferreira-Costa Assis	O mundo do trabalho docente e o esgotamento psíquico	2017	Dissertação	Universidade Estadual Paulista-SP / Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade
Letícia Brito da Mota Fernandes	O adoecimento psíquico (in)visível docente: uma perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural	2019	Dissertação	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-MS / Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Érika Carvalho Silva	Processos de medicalização e trabalho docente: reflexões sobre o adoecimento de professoras da rede pública de Salvador/BA	2020	Dissertação	Universidade Federal da Bahia-BA / Programa de Pós-Graduação em Educação

Fonte: Dados da Pesquisa (2024).

Ao utilizar o descritor mal-estar docente, foram encontradas dez produções, e destas, apenas cinco dissertações e teses foram selecionadas. Nesta pesquisa, as dissertações tiveram prevalência, e o estado de São Paulo obteve maioria de trabalhos encontrados, assim como o programa de pós-graduação em Educação, conforme Quadro 3 apresentado a seguir.

Quadro 3 - Produções científicas utilizando o descritor Adoecimento psíquico e mal-estar docente

AUTOR/A	TÍTULO	ANO	TIPO	IES/PROGRAMA
José Antônio Pereira	Trabalho docente e sofrimento mental: um estudo em uma escola pública do estado de São Paulo	2015	Dissertação	Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" / Programa de Pós-Graduação em Trabalho e Sociedade
Lauro Take Tomo Veloso	Trauma e sofrimento docente: sintoma e invenção	2018	Tese	Universidade de São Paulo-SP/Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Educação
Camila Carolina Alves Assis	Trabalho e Mal-estar docente na educação infantil da rede pública municipal de Mineiros-GO: mediações de enfrentamento dos professores	2020	Dissertação	Universidade Federal de Goiás-GO/Programa de Pós-Graduação em Educação
Marlova Gross da Silva	O impacto do mal-estar docente no protagonismo do professor	2021	Dissertação	Universidade La Salle-UNILASALLE/Programa de Pós-Graduação em Educação
Marcelo Goes Tomassini	O mal-estar dos professores da rede de ensino estadual de São Paulo	2023	Dissertação	Universidade Federal de São Paulo-SP/Programa de Pós-Graduação em Educação

Fonte: Dados da Pesquisa (2024).

Após a análise das produções, estas foram elencadas, considerando o ordenamento dos descritores analisados, e organizadas em categorias, a saber: i) adoecimento psíquico e trabalho docente, ii) adoecimento psíquico na docência e ii) adoecimento psíquico e o mal-estar docente.

2.1.1 O cenário do adoecimento psíquico e seus entrelaces com o trabalho docente

O adoecimento dos professores tem sido foco de discussões e, para aclarar, destacamos as cinco produções analisadas na categoria adoecimento psíquico e trabalho docente, a saber: Carvalho (2014), Silva (2017), Assis (2017), Ferreira-Costa (2017), Fernandes (2019) e Silva (2020). Sobre essa categoria, as pesquisas selecionadas apresentam datas ascendentes, anterior ao período pandêmico, bem como abordagens metodológicas diversas para o estudo do adoecimento de professores. A partir dos

estudos, alguns elementos/aspectos foram sinalizados, como a relação com o próprio trabalho docente, as patologias que causam o afastamento do trabalho, as percepções dos docentes sobre o adoecimento e as intervenções medicamentosas.

Com o objetivo de compreender as relações entre o trabalho docente e o adoecimento de professores do ensino fundamental e identificar as patologias que justificam os afastamentos de suas atividades profissionais, o estudo de Carvalho (2014) apontou que as precárias condições de trabalho docente têm proporcionado pouca disponibilidade de tempo a esses profissionais para o exercício da função de educar, considerando a diversidade de habilidades e competências demandadas ao professor. Em contrapartida, as oportunidades de aperfeiçoamento profissional têm sido restritas e os baixos salários têm levado muitos professores ao aumento da jornada de trabalho. Somadas a esse contexto, estão as cobranças e a excessiva responsabilização pela eficiência e produtividade nas atividades de ensino, frente a uma realidade educacional em crise. Dessa forma, em atendimento a essas demandas, os professores desenvolvem mecanismos adaptativos que podem torná-los mais vulneráveis fisica e psiquicamente, resultando, muitas vezes, em adoecimentos. Dado constatado no estudo com a identificação de 471 patologias descritas em códigos internacionais de doenças (CID´s), registradas pela pesquisa das fichas cadastrais dos professores, no período de 2001 a 2011.

Trata-se de uma pesquisa documental realizada no Banco de Arquivo do Instituto de Previdência, visando à identificação do número de docentes de um município mineiro que se afastaram do trabalho, bem como as patologias que o justificaram. Constatou-se que 100% dos docentes, um total de 171 professores do Ensino Fundamental, já solicitaram afastamentos das atividades de ensino, respaldados por atestados médicos. Portanto, esta pesquisa revelou um número significativo de adoecimentos nos professores da etapa do ensino fundamental.

Considerando essas patologias, o estudo de Silva (2017) também discute sobre possíveis relações e conexões de sentido entre trajetórias docentes e histórias de adoecimento psíquico vivenciado por professores e professoras que recorrem ao Núcleo de Atenção à Saúde do Professor – Casa do Professor, vinculado à Secretaria de Educação do Estado do Amapá (SEED-AP), ao identificar distintas formas de adoecimento sob múltiplas classificações médicas. A pesquisa de abordagem qualitativa realizou uma análise documental de prontuários e demais documentos, além da observação e entrevistas com professores, profissionais da Casa do Professor (especialistas da equipe

multidisciplinar, coordenadores e gestores em educação).

Os tipos de adoecimentos identificados como mais recorrentes foram assim classificados: adoecimentos relacionados ao corpo (fibromialgia e outras doenças); ao pensamento (transtornos psicóticos, esquizofrenia); ao humor (depressão, ansiedade e pânico); à dependência química (álcool e outras drogas); e aos conflitos de relação (trabalho, escola e família).

Ao comparar essas informações com os da investigação aqui proposta, percebe-se que das doenças de ordem psíquica, a depressão, a ansiedade, o pânico e os transtornos de humor também aparecem nos dados das professoras participantes. Além dessas formas de adoecimento, são mencionadas, nas narrativas e nas histórias de adoecimento apresentadas e discutidas no *corpus* do estudo de Silva (2017), outros fatores que desencadeiam sofrimento psíquico, como: condições precárias de trabalho, rebaixamento da imagem social do docente, relações desgastadas com a gestão, percepções da doença do professor, falta de reconhecimento, contradições entre exigências profissionais e realidade de trabalho, sentimentos de frustrações entre a idealização do trabalho docente e suas reais condições de realização. Esse conjunto de fatores citados nos relatos docentes, imbricados nas vivências sociais, subjetivas e familiares, aparecem como prováveis dimensões desencadeantes de sofrimento e de adoecimento para os docentes investigados.

Acrescenta-se, ainda, sob a luz teórica do Materialismo Histórico-Dialético, ancorado na Psicologia Histórico-Cultural de Vigotski e seus interlocutores, o estudo de Fernandes (2019), que investigou as expressões do fenômeno adoecimento psíquico docente na Rede Estadual de Ensino de Campo Grande-MS, bem como as percepções apresentadas pelos professores acerca dos determinantes sociais que perpassam a instituição escolar e que contribuem para um possível adoecimento psíquico. Inicialmente, são apresentadas algumas análises de produções científicas em relação à temática investigada, utilizando-se como delimitação temporal os anos de 2012 a 2018. Posteriormente, foram apresentados, a partir de análise documental, dados quantitativos da Perícia Médica do Estado de Mato Grosso do Sul - MS com os indicativos de licenças médicas e readaptações referentes aos anos de 2015 a 2018. Outro instrumento utilizado para coleta de dados foi o questionário *on-line* (recurso disponível via *Google* Formulários), realizado com 34 professores(as) do Ensino Médio da Rede Pública Estadual de Ensino de Campo Grande-MS.

Percebeu-se, a partir das respostas do questionário, que a educação, enquanto inserida na lógica mercantilizada e sofrendo as consequências das condições materiais

limitadas e do modelo governamental, gera fatores preponderantes para o adoecimento do(a) professor(a), levando profissionais a assumirem essa condição de adoecimento como naturalizada, pertencente ao próprio ambiente de trabalho, o que atinge negativamente a subjetividade docente e distorce o sentido ontológico do trabalho e da Educação.

No tocante à subjetividade docente mencionada anteriormente por Fernandes (2019), Nóvoa (1995, p. 17) afirma que "[...] cada professor constrói sua maneira própria de ser e de ensinar, intercruzando o eu pessoal e o eu profissional [...]". Ou seja, não se dissocia subjetividade e profissionalismo. Segundo o autor, "[...] os professores são criticados por não garantirem na escola aquilo que a escola não consegue fora dela [...]" (Nóvoa, 2002, p. 57). Esse conjunto de circunstâncias torna o campo de atuação do docente fértil para produção do estresse, esgotamento que, junto à demanda à qual é submetido, resulta na produção do mal-estar docente. No estudo de Fernandes (2019) foram apontados como fatores de estresse e esgotamento o acúmulo de funções, a pressão por parte da gestão, a indisciplina dos alunos e a burocracia pedagógica, além de percepções de que a educação atual está precarizada, caótica, desafiadora e negligenciada por parte governamental, dados também similares aos encontrados nesta investigação. A partir desses apontamentos, compreende-se a importância da investigação do adoecimento psíquico do profissional da Educação, com o intuito de avançar nas discussões já existentes. Conforme os dados do estudo de Fernandes (2019), visualiza-se que os professores(as) pesquisados denunciam, tanto por meio de suas respostas quanto pelos dados das perícias médicas, as rupturas do sentido pessoal e do significado social atribuído ao seu trabalho.

Já a pesquisa realizada por Ferreira-Costa (2017), com 163 professores do Ensino Básico da rede pública estadual de São José dos Campos (SP), apresenta uma discussão inicial preocupante ao mostrar que as organizações que estudam a situação profissional do docente têm apontado que, atualmente, o magistério é considerado um trabalho de risco e, consequentemente, com maior probabilidade de adoecimento mental. Os resultados indicaram que 58,0% dos entrevistados estavam psiquicamente adoecidos e 27,0% deles apresentaram sintomatologia condizente a um quadro de transtorno de ansiedade ou de depressão. Para obtenção desses dados, foram utilizadas as escalas *Beck Anxiety Inventory* (BAI) e *Beck Depression Inventory* (BDI) e questionários com o intuito de coletar dados sociodemográficos e relacionados ao grau de satisfação com o trabalho. Os questionamentos foram: Será que os professores, mesmo os que apresentam alta

capacidade de resiliência, não estão adoecendo por conta do clima cultural geral que enfatiza o individualismo e a obtenção de status social e financeiro a qualquer custo? O que mudou na relação trabalho-trabalhador, a ponto de levar ao adoecimento, à corrosão do caráter e ao empobrecimento das relações interpessoais, até com familiares e amigos íntimos? Podemos inferir, com base nos resultados da pesquisa de Ferreira-Costa (2017), que a subjetivação desencadeada pela efemeridade das relações contemporâneas, juntamente com a dinâmica trabalhista de curto prazo, da flexibilidade, da competitividade e da produtividade, tem se apropriado de todas as reservas psíquicas do professor, desestimulando-os a estabelecer vínculos profundos com a sua função, além de contribuir para o seu adoecimento.

No livro *Sociedade do cansaço*, Byung-Chul Han (2015) discorre sobre o sujeito da sociedade atual como sujeito do desempenho, sublinhando o excesso de sua positividade e de sua superprodução laboral que, consequentemente, emerge uma era de doenças neurais e do cansaço. Afirma que todos esses esforços têm desencadeado doenças psicológicas, distúrbios, perturbações, ansiedade, disfunções e depressões. Han (2015) cita no estudo "o caso de Bartleby" como alusão a uma sociedade enferma, com característica de uma era adoecida com personagens depressivos, angustiados, que sofrem com distúrbios neuróticos, causados pela excessividade laboral.

E, para dar conta de corresponder a todas essas exigências do mundo contemporâneo, muitas pessoas aderem a intervenções medicamentosas. A esse respeito, a pesquisa de Silva (2020) objetivou analisar de que forma os processos de medicalização têm atravessado o trabalho docente, mais especificamente o processo saúde/doença relacionado ao trabalho de professoras da educação básica da rede pública de Salvador. Trata-se de uma pesquisa empírica qualitativa, fundamentada na perspectiva sócio-histórica, realizada com três professoras de uma escola pública de ensino fundamental, desenvolvida através de observações diretas e entrevistas semiestruturadas. Os dados foram transcritos e sistematizados em categorias semânticas, segundo a técnica de Análise do Conteúdo.

Os resultados apontam que as professoras reconhecem a ligação entre o adoecimento e o trabalho, porém, por ser um fenômeno recorrente, elas passaram a naturalizar o adoecimento como inerente ao trabalho e como "o mal da profissão". Diferentes nuances do atravessamento dos processos de medicalização na relação saúde-doença, vinculada ao trabalho das professoras, foram evidenciadas: a naturalização, culpabilização e individualização do sofrimento gerado pelo trabalho, o relato do uso

(abusivo ou não) de medicamentos e/ou psicofármacos para lidar com aflições do trabalho e o uso de terapias convencionais e alternativas como forma de intervenção em problemas oriundos do processo de trabalho e para auxiliar a suportar as adversidades do cotidiano escolar.

O estudo de Silva (2020) sinaliza o quanto o adoecimento relacionado ao trabalho docente é deslocado de suas determinações políticas, socioeconômicas, trabalhistas e ideológicas e é atribuído tão somente para o organismo dos professores. Assim como denuncia que os processos de medicalização têm atuado como tentativa de ocultar desigualdades historicamente estruturadas. Segundo Illich (1975, p. 31), "[...] a saúde do indivíduo sofre pelo fato de a medicalização produzir uma sociedade mórbida [...]". Corroborando essa discussão, Guarido (2007) defende que, sem rejeitar todo e qualquer uso dos psicofármacos, são inegáveis alguns de seus efeitos positivos, todavia, evidencia os efeitos de um discurso que banaliza a existência, naturaliza os sofrimentos e culpabiliza os indivíduos por seus problemas e pelo cuidado de si.

Nesse ínterim, a relação entre trabalho docente e adoecimento apresenta um cenário preocupante acerca dos impactos e atravessamentos dessa profissão na saúde do professor. Dados específicos do trabalho docente, como precárias condições de trabalho (disponibilidade de tempo, oportunidades de aperfeiçoamento profissional, baixos salários, cobranças e a excessiva responsabilização pela eficiência e produtividade nas atividades de ensino), impacto na subjetividade (rebaixamento da imagem social do docente, relações desgastadas com a gestão, percepções da doença do professor, falta de reconhecimento, contradições entre exigências profissionais e realidade de trabalho, sentimentos de frustrações entre a idealização do trabalho docente e suas reais condições de realização), formas de adoecimento sob múltiplas classificações médicas, fatores preponderantes para o adoecimento do(a) professor(a), o fato de ser professor, ocupar o lugar de um trabalho de risco e os processos de medicalização a que este profissional está sujeito são elementos que incidem e contribuem para o adoecimento psíquico.

Nesse contexto, a docência é algo da ordem da delicadeza, tanto quanto é da ordem do humano, do político e do cuidar (Teixeira, 2007). Etimologicamente, "[...] tem suas raízes no latim, *docere*, que significa ensinar, instruir, mostrar, indicar, dar a entender [...]" (Veiga, 2006, p. 468). A docência como profissão tem sua origem em congregações religiosas, como exemplo os Jesuítas e Oratorianos ao longo dos séculos XVII e XVIII, e houve uma progressão sistemática no sentido de constituir "[...] um corpo de saberes e de técnicas e um conjunto de normas e de valores específicos da profissão docente [...]"

(Nóvoa, 1999, p. 16).

Silva *et al*. (2021) apontam que a docência em si consiste em uma profissão peculiar, em que o aprendizado prático se objetiva para além do estágio supervisionado realizado durante a graduação, ocorre bem antes da formação inicial como professor e de sua atuação com o aluno em uma sala de aula. É construída com base em paradigmas já existentes e transmitida pelas gerações. Nesse aspecto, Gómez (1997) discute que repensar as crenças herdadas à docência é uma prática reflexiva na e sobre a ação, por desencadear questionamentos sobre um conjunto de questões educativas.

Ademais, Freire (1996) enfatiza a grandeza do processo dialético entre formar o outro, formar-se e ser formado, na relação intersubjetiva docente-discente, pressupondo uma educação integral do ser humano, em seu meio e com os outros. Considerando a realidade de cada professor, no contexto escolar, o autor defende uma relação dialógica e um aprendizado coletivo com seus pares, com os demais profissionais da educação, para que possam refletir sobre a prática, analisar os problemas e construir propostas de superação.

Para elucidar essa discussão, são destacados os principais aspectos/elementos que emergiram das cinco pesquisas analisadas que envolvem a categoria adoecimento psíquico na docência (Crespo, 2016; Moura, 2020; Pereira, 2020; Freire, 2023). A partir dos estudos, alguns elementos/aspectos foram sinalizados, a saber: impactos no ensino, como alto índice de licenças médicas e solicitações de afastamento das salas de aula; implicações na carreira docente; especificidades da profissão e a relação com o trabalho; concepção de sofrimento e adoecimento psíquico, ações de enfrentamento.

A dissertação de Crespo (2016), intitulada “Adoecimento psíquico do professor e seus reflexos no processo de ensino em unidades escolares da rede municipal de Campos dos Goytacazes-RJ”, objetivou analisar os indicadores relacionados às licenças médicas de professores por motivos de adoecimento psíquico, apontados pelos órgãos públicos, e seus reflexos no processo de ensino da rede municipal da referida cidade, contida no tema deste estudo. A pesquisa de cunho qualitativa foi realizada em duas escolas, localizadas no município de Campos dos Goytacazes-RJ, com 44 professores dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental que apresentaram maior número de pedidos de licença no primeiro semestre do ano de 2015, conforme informações da Secretaria Municipal de Educação. Os resultados obtidos através de questionário, observação e entrevista foram discutidos à luz dos estudos interdisciplinares sobre educação, psicologia, psicanálise, psiquiatria e semiologia, voltados para o adoecimento psíquico do professor.

Segundo a autora, as medidas tomadas até o presente (destaca-se aqui a temporalidade do estudo em questão) não se mostraram suficientes para garantir a satisfação dos professores ao ponto de diminuir as estatísticas referentes às licenças por adoecimento psíquico. Diante da problemática de como os indicadores relacionados às licenças médicas de professores por motivos de adoecimento psíquico interferem no processo, Crespo (2016) destaca o elevado índice de licenças médicas por transtornos de humor e comportamentais e a sobrecarga que a ausência de um licenciado impõe sobre os professores que permanecem atuando em sala de aula. A autora aponta ainda que o alto índice de licenças médicas, concedidas no âmbito da educação, segue o mesmo padrão estabelecido nas relações de trabalho em geral. Em função do enorme desgaste que a prática docente pode causar, alguns professores necessitam ampliar o período de afastamento das salas de aula, conjugando as férias com as licenças.

Conforme dados do estudo, as principais queixas dos professores durante os anos de 2013 e 2014 estão relacionadas ao adoecimento psíquico, sendo 64 pedidos de licença médica (23,9%) em razão de transtornos mentais e comportamentais. Em conclusão, a sobrecarga de trabalho nos professores constitui-se em mais um indicador de adoecimento psíquico, promovendo um ciclo vicioso. Como sugestão, a autora aponta a necessidade de mudança na formação do profissional, além de alcançar os professores que estão adoecendo em sala de aula, proporcionando um espaço livre e neutro de escuta especializada; uma escuta coletiva e individual, para que haja acolhimento e suporte, com fins à minimização dos sintomas provocados pelo adoecimento psíquico. Esse acolhimento e a valorização do trabalho docente também foram ressoados nas falas das professoras participantes da Educação Básica desta investigação.

Essas constatações implicam em saber que a sala de aula torna-se um lugar de alto nível de estresse e a docência passa a ser vista como uma atividade que traz risco para a saúde. É necessário esclarecer que não somente o espaço da Educação Básica, mas também o ambiente Universitário (Silva, 2019) pode adoecer psiquicamente os profissionais da docência. Isso ocorre, principalmente, devido à transição do docente entre os múltiplos papéis exigidos pela sua profissão (Silva, 2019).

É necessário abrir um parêntese para inserir a contribuição de outros autores, além dos que compõem o EC, a exemplo de Codo (2006), ao afirmar que o possível enquadramento da doença mental como “doença profissional” nos faz pensar que a discussão e o diagnóstico, doravante próprios do foro privado, tornam-se, por consequência, de domínio da instância pública necessariamente política. Dagher (2019)

confirma essa ideia ao alegar que as explicações do comportamento humano, sua relação com a doença mental, explicada somente pelo viés de cunho biológico ou de fatores intrapsíquicos, naturalizantes e individualistas, foi uma das críticas de Vygotsky (1999) à Psicologia e à Psiquiatria da época. Entender que o adoecimento psíquico dos professores é um problema social/político permite-nos enxergar essa questão de forma holística, com capacidade de intervenção mais efetiva.

Na tese "O silêncio e o sofrimento/adoecimento psíquico docente sob a análise da psicologia histórico-cultural: das condições às emoções", Freire (2023) analisou as causas do sofrimento/adoecimento psíquico dos professores da rede municipal de educação do município de Corumbá-MS sob o olhar da Psicologia Histórico-Cultural. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, realizada com professores e gestores através de um questionário, por meio da plataforma *online*, para investigar a existência de ação, projeto ou programa de enfrentamento e a concepção do sofrimento/adoecimento psíquico docente com a finalidade de complementação aos discursos dos professores.

Os resultados revelaram semelhanças e disparidades nas respostas dos professores e gestores, mas apontaram que as relações interpessoais, as condições de trabalho, situações inesperadas como a pandemia da Covid-19, disponibilização e formação para o uso de recursos tecnológicos, a falta de ambiente saudável e de uma escuta qualificada, ausência de ações, projetos, programas para instrumentalizar os professores a administrar ou minimizar o sofrimento/adoecimento psíquico são aspectos considerados importantes para os professores e gestores. Tanto os professores, quanto os gestores que participaram da pesquisa apontaram que assuntos pertinentes à saúde mental, atendimento psicológico, coletivo ou individual, ambientes de trabalho saudáveis, mais e melhores formações e aspectos relativos às condições laborais são temas importantes para futuros projetos que visem o enfrentamento ao sofrimento/adoecimento psíquico docente.

Segundo Freire (2023), as ideias conclusivas apontam que as condições sociais, consequentes da materialidade da sociedade capitalista, resultam na desvalorização e falta de prestígio do trabalho docente, em condições inadequadas e sobrecarga de trabalho, e, portanto, propiciam o comprometimento das relações interpessoais e o silenciamento das emoções dos professores, oportunizando o sofrimento/adoecimento psíquico. A autora também sugere como intervenção utilizar questões fundamentais do cotidiano, como ferramentas para compor as estratégias e instrumentalizar os professores a manter a saúde psíquica ou minimizar danos que possam vir acometê-la; ainda, melhores condições de trabalhos, bem como valorização e respeito com o trabalho docente, cuidado

socioemocional e investimento nas relações interpessoais.

Há, por parte desses estudos, o indicativo de relevância para o investimento desses profissionais da docência. Na dissertação de Moura (2020), “Transtornos mentais e comportamentais em professores e as implicações para a carreira docente”, a autora buscou responder quais as implicações desses transtornos em professores da Educação Básica da rede pública de ensino podem ocasionar para a carreira docente. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório, realizada com dois docentes do município de Itapetinga-BA, tendo como instrumentos um questionário e Conversas Interativo-Provocativas (CIP).

Ao analisar as implicações desses transtornos para a carreira docente, a autora constatou que a categoria de trabalhadores (professores) está mais suscetível ao adoecimento mental em decorrência da própria natureza do trabalho que desenvolve; que no exercício profissional estão presentes questões pessoais, sociais, familiares, emocionais que se relacionam e se influenciam; que o adoecimento mental/transtornos mentais e comportamentais podem interferir negativamente no desenvolvimento profissional docente (descontinuidades, interrupções temporárias), causando impactos significativos para a vida laboral desse profissional/sujeito e sua carreira docente.

A partir dos dados analisados, Moura (2020) também alerta aos gestores públicos que essa situação pode se desdobrar em um grande problema social, intensificando os impactos já existentes. As mudanças que vêm acontecendo no cenário da educação brasileira e que ganharam força após as reformas educacionais provocaram uma reestruturação do trabalho dos professores. Segundo Freire (2023):

> A flexibilização, a intensificação, a precarização das condições de trabalho docente propiciaram um ambiente muitas vezes nocivo e ameaçador para saúde mental desses profissionais. Os salários defasados e indignos, a falta de estrutura funcional e apoio multidisciplinar, a sobrecarga de trabalho, e o descumprimento (não materialização) de políticas públicas voltadas para a formação, condições de trabalho e saúde são elementos que tem conduzido os docentes a sentimento de frustração e desvalorização, que por sua vez geram um grande sofrimento psíquico a esses profissionais [...] (Freire, 2023, p. 131).

Em sua dissertação intitulada “Adoecimento e afastamentos de professores dos anos iniciais do ensino fundamental em Patos de Minas, MG: 2018 a 2019”, Pereira (2020) apresenta como um dos resultados que a docência é acompanhada de pressões externas e internas decorrentes da atual ordem capitalista e das transformações da

sociedade, apontando para a evidência de que a relação entre as condições de trabalho e o adoecimento docente deve ser revista. Segundo o autor, o capitalismo e as políticas educacionais advindas dele têm tornado o trabalho docente mais difícil (acúmulo de trabalho e baixos salários) e com enfrentamentos. Tudo isso provoca a desconstrução da profissionalidade e, em muitos casos, o constante adoecimento de professores, consequentemente, o afastamento da sua prática na sala de aula e prejuízos ao processo ensino-aprendizagem.

O autor aponta que, no mundo contemporâneo, a transformação do modelo fordista para o pós-fordista trouxe grandes mudanças na organização do trabalho, as quais afetaram também a profissionalização do trabalho docente, o que acarretou modificações, inclusive, na educação brasileira, bem como desencadeou a precarização no ambiente de trabalho do docente, concomitante com a desvalorização do professor.

No Brasil, as mudanças, a partir do pensamento neoliberal, têm exigido uma revisão dos modelos de formação e profissionalização do professor, de modo que novos perfis profissionais viessem atender a esse novo contexto. Diante desse quadro de reestruturação e das finalidades que se instalaram nele, aparecem fatores que podem resultar no adoecimento dos profissionais docentes, conforme tem pontuado documentos nacionais e internacionais sobre a relação do trabalho e o processo saúde/doença. Contudo, desencadeou-se a precarização no ambiente de trabalho do docente e na desvalorização do professor.

Na pesquisa, observou-se que é relevante a manutenção da saúde do professor, uma vez que é mediador na oferta do ensino e na construção do aluno como sujeito de mudanças sociais, além de constatar que o excesso de trabalho, a falta de valorização profissional, a ausência de apoio pedagógico, entre outros, são fatores que têm ocasionado o estresse, o transtorno do pânico, transtorno de ansiedade, episódios de depressão sem sintomas psicóticos, mal-estar e a fadiga dos professores dos anos iniciais da Educação Básica na rede municipal de ensino de Patos de Minas-MG, inclusive com custos financeiros elevados para os cofres públicos.

Em síntese, a docência exige dos docentes uma sobrecarga de trabalho imposta que, conforme as produções citadas (Crespo, 2016; Silva, 2019; Moura, 2020; Pereira, 2020; Freire, 2023), é um indicador para os motivos de adoecimento psíquico dos professores, culminando em um alto índice de licenças médicas. Cita-se, também o próprio desgaste que a prática docente pode causar em virtude da especificidade da profissão e da relação laboral desses profissionais, os quais estão mais susceptíveis ao

adoecimento mental.

Sem dúvida toda essa situação provoca um grande mal-estar docente, que é um fenômeno mundial que tem preocupado os trabalhadores da educação, especialmente os professores, com implicações negativas e efeitos permanentes, como resultado das condições psicológicas e sociais em que exercem a docência, devido à mudança social acelerada. Sintomas físicos e psíquicos são encontrados frequentemente nessa classe de profissionais que, mediante as especificidades dos sintomas, são nomeados de mal-estar docente (Fonseca, 2009).

Para Veloso (2018, p. 89):

> [...] o mal-estar docente deve ser considerado como um fenômeno típico das relações pessoais, que o contempla como decorrente da nossa vida em comum, ignorá-lo é incorrer em um grave erro, o de perpetuarmos um circuito de angústia e mal-estar que também envolvem outros sujeitos como os alunos e a escola [...].

Esteve (1999) afirma que há uma situação de desolamento ou incômodo indefinível da qual padecem os professores, bem como defende a necessidade de evitar a imprecisão desse sentimento indeterminado que se expressa por meio de diversos sintomas, como: depressão, estresse, insônia, exaustão emocional, sentimento de desajustamento e insatisfação perante os problemas reais da prática do ensino, em aberta contradição com a imagem ideal do professor, pedidos recorrentes de transferência ou desvio de função, desenvolvimentos de esquemas de inibição, absenteísmo laboral, esgotamento e depreciação do eu.

Diante dessa realidade, o adoecimento psíquico dos professores tem sido objeto constante das discussões sobre mal-estar e dos impactos no trabalho docente. Essas discussões são apresentadas a partir da análise das cinco produções da categoria "adoecimento psíquico e mal-estar docente": Tomassini (2023), Veloso (2018), Pereira (2015), Assis (2020), Silva (2021). Dos estudos, alguns elementos foram sinalizados, como: o fato de ser a profissão de professor e a relação com a complexidade de fenômenos diversos, efeitos do adoecimento na prática pedagógica, significado e sentido do trabalho para os professores com adoecimento.

Tomassini (2023) deriva seu estudo ao questionar se há um modo de mal-estar específico da categoria dos professores da educação básica da rede de ensino estadual de São Paulo. Para isso, se apoia epistemologicamente nos escritos de Sigmund Freud, Theodor W. Adorno e do psicanalista Sándor Ferenczi ao investigar o mal-estar associado

à profissão dos professores da educação básica da rede de ensino estadual de São Paulo e o modo como ele se manifesta, mediado por suas dinâmicas sociais e de precarização do trabalho. Por meio desse aporte teórico psicanalista, o estudo realizado através da escuta e de entrevistas semiestruturadas com quatro professores e quatro professoras apresenta que o mal-estar docente na rede de ensino estadual de São Paulo produz uma dinâmica social no interior das escolas a qual favorece sociabilidades regressivas, adoecimentos e modos e estratégias de defesa individuais ou em grupo. Apresenta ainda que o mal-estar docente reflete uma variável complexa de fenômenos econômicos, culturais, sociais e psíquicos que não podem ser analisados isoladamente, sob o risco de construir uma leitura mutilada deste mal-estar, ora culpabilizando o professor individualmente, ora refletindo determinismos sociais sem apreender as particularidades do modo de sofrer dessas professoras e professores.

Recorrendo a Bauman (2001), em seu livro *Modernidade Líquida*, este salienta que, por não ser capaz de fazer o que cabe a si mesmo, acredita-se que todas as mazelas do mundo são de responsabilidade do indivíduo, isso provoca sentimento de frustração, impotência e culpa:

> Se ficam doentes, supõe-se que foi porque não foram suficientemente decididos e industriosos para seguir seus tratamentos; se ficam desempregados, foi porque não aprenderam a passar por uma entrevista, ou porque não se esforçaram suficientemente para encontrarem trabalho; se não estão seguros sobre as perspectivas de carreira e se agoniam sobre o futuro, é porque não são suficientemente bons em fazer amigos e influenciar pessoas e deixaram de aprender e dominar, como deveriam, as artes da auto-expressão e da impressão que causam [...] (Bauman, 2001, p. 43).

A tese de Veloso (2018), intitulada “Trauma e sofrimento docente: sintoma e invenção”, tem por objetivo estabelecer a relação entre o evento traumático, a produção do trauma e suas vicissitudes, e compreender os efeitos psíquicos do trauma e os mecanismos que determinam o adoecimento, bem como a prática criativa e inovadora. Por meio do campo teórico da Psicanálise, buscou-se entender, na produção do trauma, os mecanismos que levam alguns docentes a sucumbirem e outros a se dinamizarem; utilizou-se, para tanto, uma entrevista com professores em condição de sofrimento psíquico que participaram da pesquisa. O autor trouxe como síntese que o estado de desamparo torna o sujeito suscetível ao trauma e indica que a orientação por um desejo decidido, diante do encontro com o real, pode movê-lo à invenção.

O trauma pode ser compreendido, segundo o autor, como um possível ponto de guinada, sendo que, apesar do sofrimento e do sintoma, alguns podem optar por se dirigir ao que particulariza e proporciona a invenção singular, ou seja, a invenção diante do caos; compreendeu como ideia conclusiva que, apesar do real do trauma, tendo um desejo decidido, pareceu ser possível sermos empurrados para frente, recriando e inventando a existência.

As condições psíquicas do sujeito podem levar ao sofrimento mental. Segundo o Ministério da Saúde no Brasil, os transtornos mentais ocupam na atualidade o 3º lugar dentre as causas de concessão de benefícios previdenciários (Brasil, 2001). O sofrimento do trabalhador pode ser caracterizado por sentimentos de insatisfação e ansiedade, decorrentes da falta de significado do conteúdo do trabalho para o sujeito, ou seja, a insatisfação em relação ao conteúdo significativo da tarefa gera sofrimento mental.

Pereira (2015), ao pesquisar "trabalho docente e sofrimento mental: um estudo em uma escola pública do estado de São Paulo", analisou a ocorrência do sofrimento mental decorrente do trabalho de professores em uma escola pública estadual paulista no município de Franca, São Paulo. Ancorado teoricamente em autores que tratam da educação no sistema capitalista e dos processos de adoecimento decorrentes do trabalho, como Christophe Dejours, Louis Le Guillant e Seligmann-Silva, realizou entrevistas semiestruturadas com professores selecionados a partir da situação funcional em que se encontravam no serviço público. Segundo o autor, a confusão que se estabelece na identificação das causas reais do sofrimento mental leva professores e outros profissionais da educação a processos de autoculpabilização e a assumirem como naturais, características de uma profissão que adoece. Isso atinge negativamente a subjetividade do trabalhador e deturpa o sentido ontológico do trabalho e da educação, inserindo alunos e professores em um sistema que transforma a educação em mais uma mercadoria a ser consumida via mercado.

O sentido (ou a falta deste) do trabalho docente é fator preponderante no modo como o sofrimento mental se instala; tanto pode aumentar a carga de sofrimento psíquico quanto minimizá-la, a depender do modo como o professor percebe a questão. Esse sentido perpassa a construção da identidade profissional. O sofrimento mental alcança um nível elevado e torna-se uma questão a ser resolvida no imediatismo, significando a possibilidade do rompimento de um dos pilares do processo ensino-aprendizagem: a relação pessoa a pessoa (Pereira, 2015).

Os resultados dessa pesquisa demonstraram a ocorrência incisiva do sofrimento

mental entre os professores a expressar-se em sintomas físicos e psíquicos, a partir das condições concretas da efetivação do trabalho. Além da tendência à minimização do problema, em função de crenças pessoais e coletivas desenvolvidas a partir do modo como se concebe o trabalho na sociabilidade capitalista. Verificou-se, também, que o sofrimento mental é enfrentado individualmente pelos professores, dado que a organização do trabalho docente nas escolas não permite a abordagem e expressão coletiva da questão.

Ainda, segundo Pereira (2015), o sofrimento mental não adquire a importância que tem como fator agravante dos quadros de adoecimento psíquico, perpetua-se como um aspecto natural do trabalho docente e, consequentemente, não é alvo de políticas que favoreçam melhores condições. E, na maioria das vezes, é negligenciado como forma de resisti-lo ou por não terem forças para enfrentarem um sistema que não permite a manifestação do sofrimento no trabalho. Segundo o autor:

> O SM tem suas particularidades engendradas pela máquina social e mantidas nos meandros do trabalho cotidiano dos professores; em sintomas que vêm e vão ao sabor das circunstâncias, resolvidos por automedicação ou por remediação paliativa na forma de licenças, remanejamentos funcionais, afastamentos, etc., não obtendo, porém, uma atenção que atinja suas causas principais e recorrentes e que percebemos estarem relacionadas à organização do trabalho docente que produz uma prática cujas relações se estabelecem em condições laborais que se configuram cada vez mais precarizadas em função do modo como este é concebido [...] (Pereira, 2015, p. 124).

Para Mészáros (2016), o trabalho que deveria ser interior ao homem, propiciando liberdade, torna-se, na sociedade capitalista, exterior a ele, levando à alienação. Deixa de ser atividade vital para ser meio de sobrevivência. O trabalho estranhado retira toda a potência humanizadora do homem, reduz a atividade emancipadora a meio de sobrevivência e manutenção física. Enfim, atua no sentido de desumanizar o ser. Assim, ocorre o estranhamento de si, do outro e do trabalho (Assis, 2020).

Com o intuito de compreender as mediações utilizadas pelos professores para lidar com a realidade do trabalho docente na Educação Infantil, na cidade de Mineiros-Goiás, Assis (2020) apresenta a seguinte dissertação “Trabalho e Mal-estar docente na educação infantil da rede pública municipal de Mineiros-GO: mediações de enfrentamento dos professores”. A pesquisa foi realizada com onze professoras de duas instituições de Educação Infantil por meio de entrevista semiestruturada. O estudo revelou que as mediações mais utilizadas se relacionam à perspectiva individualista e reducionista da

subjetividade, muito impregnadas pelo discurso hegemônico neoliberal, o que não possibilita a superação da alienação. As professoras entrevistadas, assim como os trabalhadores em geral, sofrem com o estranhamento do trabalho, a alienação de suas subjetividades e buscam mediações "paliativas" para dar conta do mal-estar subjacente ao trabalho.

Mészáros (2016) define que a alienação é característica de uma sociedade da "universalização da venalidade", a saber, onde tudo é vendido, tudo é transformado em mercadoria, inclusive o homem. A conversão das relações humanas em coisas possíveis de serem comercializadas, a divisão do ser social em indivíduos, a possibilidade de vender toda a experiência humana, coloca o homem diante da realidade do dinheiro, da individualização extrema, do culto à privacidade. Contudo, permanece dominado pelo sistema, expropriado do saber de seu trabalho, incapaz de atingir o pleno desenvolvimento enquanto ser humano individual e social, portanto, alienado. Esse mal-estar resulta em sofrimento psíquico. É um trabalho alienado da possibilidade de realização, desenvolvimento pleno da identidade, do psiquismo, levando à mera execução de tarefas que podem soar sem sentido para o trabalhador, o que favorece o sofrimento e o adoecimento relacionados ao trabalho (Assis, 2020).

Diante disso, é importante questionar: De que maneira o mal-estar docente repercute no protagonismo em sala de aula em relação à qualidade da prática pedagógica? Para responder a esse propósito, Silva (2021) estudou sobre "[...] o impacto do mal-estar docente no protagonismo do professor [...]", tendo como participantes professores de uma escola pública da região metropolitana de Porto Alegre-RS, que atuam nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

A compreensão do fenômeno, no âmbito profissional docente, possibilitou projetar ações, como o Programa Saúde na Escola, procurando atender às demandas referentes à saúde e bem-estar dos professores, além da construção de espaços de escuta aos docentes na instituição escolar que trabalham, oferecendo apoio e acolhimento, bem como orientações para que os professores desenvolvam o cuidado de si como pessoas humanas e que o trabalho possa ser um exercício de humanização. Foi sugerido, também, formação contínua entre pares, voltada para construção da identidade docente e aprimoramento profissional, e a valorização salarial e profissional, por parte dos gestores, considerando o que já preconiza políticas públicas neste campo.

Como resultado, a pesquisa apontou o mal-estar docente sob diversos ângulos no contexto educacional, sendo causado, principalmente, por questões como a sobrecarga de

trabalho, desvalorização docente, baixos salários e intensa carga horária de trabalho, entre outros. Em suma, revelou a importância de haver um enlace entre saúde e educação, objetivando a construção de uma cultura de autocuidado docente.

Em síntese, a relação entre o adoecimento psíquico e o mal-estar docente confirma um cenário que impulsiona maiores investigações e, ao mesmo tempo, confirmações de uma realidade preocupante: a vivenciada no trabalho docente. As produções sinalizaram que o mal-estar é atravessado por fenômenos sociais, culturais, econômicos e psíquicos, cujos efeitos e mecanismos do adoecimento impacta as condições psíquicas do sujeito (professor). Sustentam, ainda, que a relação do professor com o trabalho docente impacta a subjetividade de forma tão particular que o adoecer e, nessa profissão, acaba sendo algo natural.

Por fim, as produções científicas brasileiras, compreendidas no recorte temporal (2014 a 2023), apresentaram os principais problemas derivados do trabalho docente que ocasionam em adoecimentos psíquicos dos professores da Educação Básica e os fatores presentes em seu trabalho relacionados a eles. Ficou evidente que a relação entre o adoecimento psíquico e o trabalho docente não é derivado do período pandêmico porque muitos estudos ocorreram bem antes desse período; entretanto, não se pode desprezar a possibilidade de intensificação da situação, mas não é fator determinante. Outro ponto que merece destaque, segundo dados das pesquisas, é que o trabalho docente não é fator de adoecimento, porém, as condições nas quais os professores são submetidos é que promove esse adoecimento. Além disso, compreender as subjetividades no coletivo é importante para entender como esse sujeito percebe o mundo e reflete essa percepção em seu comportamento.

Conclui-se que o sistema gerenciador da gestão pública deve ser revisto; e o professor, enquanto parte amiudada do processo educacional, não pode e não deve ser responsabilizado sozinho pelo caos na educação. Ademais, a adaptação ao novo necessita de formação, esta nova era, implicada no digital, requer mudanças de concepções e hábitos; para isso, é preciso que os profissionais da educação sejam preparados, constantemente, para essa nova realidade. Assim sendo, o adoecimento do docente na contemporaneidade se dá por meio de implicações diversas, como a precariedade das condições de trabalho, a gestão imprópria de recursos, déficits na formação e falta de implementação de políticas de apoio, bem como a desvalorização do papel social do professor, além da evolução digital que adentrou as salas de aula. Há, portanto, uma sobrecarga no professor, ocasionada pelas demandas de trabalho, carga horária excessiva,

necessidade de levar trabalho para casa, que são potencializadas com baixa remuneração e circunstâncias sociais complexas que adentram a sala de aula. Além disso, a sociedade, a escola e o Estado lançam sobre ele a responsabilidade quanto à aprendizagem ou não dos alunos. Conforme Diehl e Marin (2016), há uma multidisciplinaridade na origem dos principais fatores que levam esses profissionais ao adoecimento.

Diante das limitações identificadas neste trabalho, ainda assim, foi possível traçar um panorama quanto aos dados apresentados pelas pesquisas que tratam da temática proposta, constatando importantes questões que envolvem o adoecimento psíquico do professor da Educação Básica no Brasil. Dessa forma, as pesquisas apontam para a importância de implementação de ações e políticas públicas voltadas à promoção de saúde mental do professor com foco na redução de fatores que podem levá-lo ao adoecimento pelo trabalho e, consequentemente, comprometer a qualidade da Educação Básica oferecida no Brasil.

O PERCURSO METODOLÓGICO

A verdade é sempre um contato interior inexplicável
(...) enquanto eu tiver perguntas
E não houver respostas, continuarei a escrever.

Clarice Lispector, A hora da estrela

A metodologia indica o caminho a ser percorrido, definindo-o como, onde, com quem, quando e de que maneira se pretende compreender o conhecimento a partir da realidade. Ela "[...] inclui as concepções teóricas de abordagens, bem como o conjunto de técnicas que possibilitam a construção da realidade [...]" (Minayo, 2002, p.16). A pesquisa, pautada nas diretrizes epistemológicas da investigação qualitativa de cunho descritivo, enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais (Bogdan; Biklen, 1994). É nesse contexto que a pesquisa qualitativa possibilita o trabalho com o universo dos significados, crenças, percepções, sentimentos, valores, opiniões e atitudes dos sujeitos sociais e, assim, permite compreender um nível de realidade que não pode ser quantificado (Minayo, 2002).

Conforme Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa estuda o universo dos valores, significados, representações, ações e causas, buscando responder questões particulares ou de grupo e produzir informações aprofundadas sobre determinados fatos ou objetos de estudo. As autoras ainda acrescentam que uma das características importantes dessa abordagem é que ela manifesta oposição ao pressuposto de defesa de um modelo único de pesquisa para todas as ciências. Sendo assim, a pesquisa qualitativa investiga sobre como a experiência social é criada e como é conferido um sentido às questões postas, ou seja, o foco é nas intenções e significados. Denzin e Lincoln (2006) orientam que o termo qualitativo:

> [...] implica uma ênfase na qualidade das entidades estudadas e nos processos e significações que não são examináveis experimentalmente nem mensuráveis, em termos de quantidade, crescimento, intensidade ou frequência, para eles, os investigadores qualitativos realçam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o investigador e o que é estudado, e os constrangimentos situacionais que dão forma à investigação [...] (Denise; Lincoln, 2006, p. 13).

Conhecer o fenômeno do adoecimento psíquico é descobrir sua epistemologia e compreender seu desenrolar no contexto no qual ele se desenvolve. Por meio da

fenomenologia, que é um método de investigação crítico, rigoroso e sistemático, é possível darmos destaque às experiências de vida das pessoas (Moreira, 2002). Etimologicamente, "[...] fenomenologia é o estudo ou a ciência do fenômeno, sendo que por fenômeno, em seu sentido mais genérico, entende-se tudo o que aparece, que se manifesta ou se revela por si mesmo [...]" (Moreira, 2002, p. 63).

Aprofundando ainda mais, Moreira (2002, p. 65) defende que a "[...] percepção (nos seres humanos) indica o processo pelo qual a estimulação sensorial é transformada em experiência organizada [...]". Então, nesta pesquisa, o estudo do adoecimento psíquico de professores amplia para uma compreensão da significação das vivências da consciência desses profissionais. Ao analisar as características pessoais-profissionais dos professores da Educação Básica em situação de adoecimento psíquico, o desenvolvimento profissional e os possíveis impactos no trabalho docente, há uma pretensão em compreender o fenômeno, visto que um professor adoecido, especialmente com comprometimento psíquico, possivelmente influenciará o seu trabalho. Por isso, investigar esse fenômeno poderá contribuir para a melhoria da qualidade da educação e diminuição do impacto no setor da saúde pública e previdenciária.

A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, CAAE nº 77382923.7.0000.0055, Parecer nº 6.671.411, em atendimento a todos os princípios éticos das pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, conforme Resolução 510/2016, que em seu Art. 3ª (dentre outros) visa a garantia de assentimento ou consentimento dos participantes das pesquisas, confidencialidade das informações, privacidade das colaboradoras e da proteção de sua identidade, inclusive do uso de sua imagem e voz, e a não estigmatização dos participantes da pesquisa, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima, de prestígio e/ou de aspectos econômico-financeiros.

3.1 O contexto da pesquisa

A pesquisa foi realizada em Iuiú-BA, município que faz parte do Território de Identidade do Sertão Produtivo. A ocupação do município do Iuiú está vinculada à história do município de Carinhanha, cujo povoamento relaciona-se ao movimento bandeirante em busca de regiões produtoras de ouro pelo interior do país. Essa porção territorial integrou uma extensa propriedade pertencente a Antônio Guedes de Brito. Em 1931, o município de Carinhanha, ainda um distrito, foi dividido em seis regiões:

Carinhanha, Cocos, Iuiú, Malhada, Parateca e Rio Alegre.

A região de Malhada e Iuiú mantiveram-se como território de Carinhanha até a década de 60 do século XX, quando passou a constituir o município de Malhada. Em 1989, Iuiú desmembrou-se de Malhada, formando um novo município. Fato favorecido pelo deslocamento da lavoura para o chamado Vale do Iuiú, o que permitiu o crescimento econômico necessário à sua emancipação. Emancipado pela Lei Estadual n º 4.833 de 24 de fevereiro de 1989, publicada no Diário Oficial do Estado em 26/02/1989, o topônimo Iuiú é originário de um peixe pequeno, conhecido como "iuiú", encontrado em grande quantidade em rios da região à época de seu povoamento. A dinâmica histórica da ocupação da região compreendeu dois importantes ciclos econômicos.

O Município do Iuiú está situado na Microrregião Geográfica de Guanambi, Estado da Bahia, inserido na Região Econômica do Médio São Francisco, pertencente à sub-bacia do Rio Verde Grande que faz parte da grande Bacia Hidrográfica do São Francisco. Limita-se no Estado da Bahia, ao Norte e a Leste, com município da Malhada; a Oeste, com Palmas de Monte Alto e Sebastião Laranjeiras; e ao Sul, com os municípios de Manga e Matias Cardoso no Estado de Minas Gerais. A área total do Município é 1.099,5 Km², apresentando 490m de altitude, distante aproximadamente 774 km de Salvador e 100 km do município de Guanambi. Atualmente a população é de 11.118 habitantes.

Iuiú-BA conta com 12 (doze) escolas da rede pública que atendem 1.875 alunos da Educação Infantil (569 alunos) e Ensino Fundamental (667 nos Anos Iniciais e 639 nos Anos Finais) e 01 (uma) escola da rede estadual que oferta o Ensino Médio para 405 alunos, totalizando 2.280 alunos.

Das escolas que atendem esse quantitativo, 03 (três) estão localizadas no Distrito de Pindorama (Educação Infantil, Ensino Fundamental); 05 (cinco) escolas multisseriadas (Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental), localizadas nas comunidades da zona rural, a saber: Batalhão, Brejo de Bezerra, José Honório, Casa Armada e Jacolhi; e 04 (quatro) escolas na sede, sendo 02 (duas) de Educação Infantil e 02 (duas) de Ensino Fundamental. Na rede Estadual, consta 01 (uma) escola de Ensino Médio, localizada na sede. Para atendimento a esses alunos, há um quantitativo de 124 professores (efetivos e contratados), destinados às etapas da Educação Infantil e Ensino Fundamental da rede municipal e 20 professores (sendo 10 contratados e 10 efetivos) da rede Estadual para a etapa do Ensino Médio. Importante destacar que não obtivemos, por parte da secretaria de educação, a quantidade exata de professores efetivos e de professores contratados.

3.2 Os participantes da pesquisa

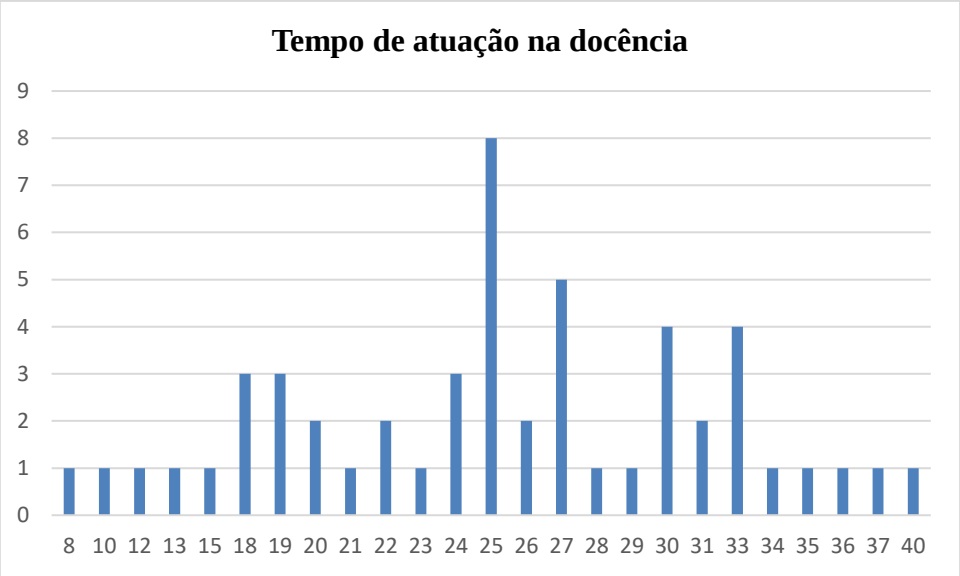
Foram participantes da pesquisa professores da Educação Básica do município com adoecimento psíquico. A identificação dos participantes ocorreu mediante um levantamento junto à Secretaria de Educação municipal, Educação Infantil e Ensino Fundamental, e à Secretaria Escolar da Unidade do Ensino Médio (única escola da rede estadual no município de Iuiú-BA) para acesso às informações das escolas e dos docentes, além do número de solicitações de afastamento para identificação e caracterização dos professores da Educação Básica em situação de adoecimento psíquico. Os critérios de inclusão dos docentes foram: i) ser professor efetivo e atuante em sala de aula; ii) apresentar situação de adoecimento psíquico ocorrido no período de exercício da docência; iii) incluso no quantitativo de professores atuantes na Educação Básica que, nos últimos anos (2019 a 2023), apresentaram sintomas de doenças de ordem psíquica[1], conforme classificação do DSM-V (2014) Eixo I: transtornos clínicos, inclusive transtornos mentais, bem como problemas do desenvolvimento e aprendizado, tais como transtornos como depressão, ansiedade, distúrbio bipolar, TDAH e esquizofrenia; e CID-11 (2019): Transtornos do humor, Transtornos neuróticos, transtornos relacionados com o estresse e transtornos somatoformes.

Com base nas informações solicitadas e com a adoção dos critérios, foi identificada uma amostra de 95 (noventa e cinco) professores que atenderam todos ou a maioria dos critérios estabelecidos para a escolha dos docentes. Desses 95 professores, apenas 52 responderam ao questionário, sendo 44 (quarenta e quatro) professoras e 08 (oito) professores, com faixa etária de 29 a 60 anos de idade. Desse quantitativo, 34 (trinta e quatro) declararam serem casados, 04 (quatro) em união estável, 11 (onze) solteiros, 02

[1] Os diagnósticos apresentados nos relatórios psiquiátricos, que são baseados no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), quando apontam quadro caracterizado por transtornos depressivos, de ansiedade, relacionados a traumas e estressores, que possuem código de verificação F e que apresentam uma série de reações e manifestações encadeadas, além do código R referente a cefáleia, nervosismo e tontura, que também constam na descrição do estado depressivo, se referem a sintomas que são comumente associados aos quadros sintomáticos dos professores (APA, 2014). Na Classificação Internacional de Doenças (CID), com atualização no ano de 2022, as doenças de ordem psíquica passam a ser considerada CID-11. A classificação é utilizada para ser prático armazenar, recuperar e analisar dados, através da tradução de diagnósticos e outras condições de saúde em um código alfanumérico único. O capítulo V (F00 a F99) trata dos transtornos mentais e comportamentais e o código F41 se refere a outros transtornos ansiosos e contém a subcategoria CID F41.2 - Código para transtorno misto ansioso e depressivo. CID R51 - Cefaleia (episódios com dor de cabeça).

(dois) divorciados e 01 (uma) viúva. Todos os professores são licenciados, possuem especialização, sendo um deles com titulação de mestrado; o tempo de atuação varia de 08 a 40 anos de exercício na docência, conforme Gráfico 1:

Gráfico 1 - Tempo de atuação na docência dos professores participantes

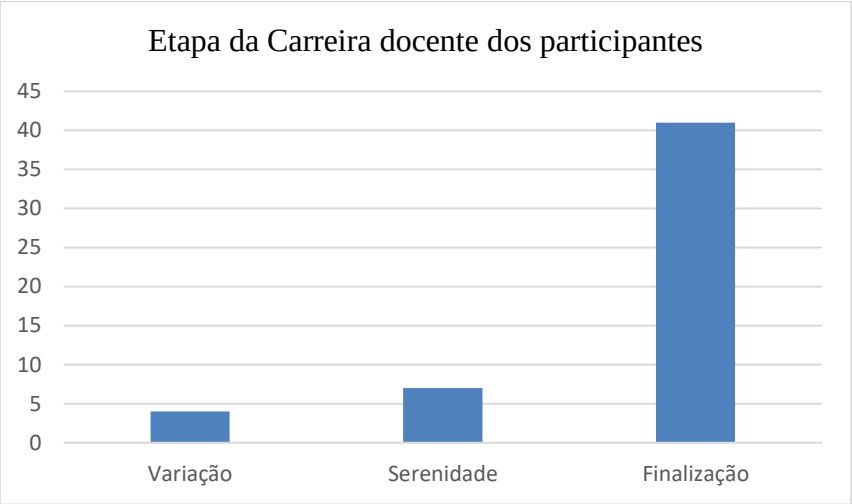


Fonte: Dados pesquisa (2024).

O Gráfico 1 apresenta a quantidade de professor por tempo de atuação, aqui representado em anos. Percebe-se que à proporção que o tempo passa, o número de professores aumenta, com raras exceções. Considerando a análise do gráfico, um dado relevante para a compreensão do perfil dos professores da cidade de Iuiú-BA é o fato de grande parte encontrar-se na etapa da finalização, ou seja, há mais de vinte anos na docência. Outro dado importante foi o número de profissionais iniciantes (até 05 anos na docência) ser pouco; e com até 15 anos de atuação, há apenas um profissional por ano, o que implica em refletir se não tem sido pouca a procura por essa área de atuação. Ademais, o fato de as quatro professoras que aderiram à entrevista estarem na etapa da finalização.

Considerando as etapas da carreira vivenciadas pelos professores participantes, foram identificadas, conforme Gráfico 2, as de variação, serenidade e finalização, sendo: quatro professores na etapa de variação, sete professores na etapa de serenidade e quarenta e um professores na etapa de finalização.

Gráfico 2 - Etapas da carreira docente dos professores participantes



Fonte: Dados pesquisa (2024).

Desses 52 (cinquenta e dois) docentes que responderam ao questionário, 22 (vinte e dois) informaram apresentar sintomas de adoecimento psíquico durante a docência. Desse quantitativo de 22 (vinte e dois) professores com adoecimento psíquico, todas são mulheres, sendo 13 (treze) casadas, 06 (seis) solteiras, 01 (uma) em união estável e 02 (duas) divorciadas; 17 (dezessete) delas têm de um a três filhos e 05 (cinco) sem filhos, conforme apresentado no Quadro 4.

Quadro 4 - Dados sóciodemográficos dos professores em situação de adoecimento

Participante	Idade	Gênero	Estado Civil	Nº Filhos	Tempo de atuação na docência	Etapa da Educação Básica
PQ2	42 anos	Feminino	Solteira	2 filhos	20 anos atuação	Ensino Fundamental II
PQ3	51 anos	Feminino	Casada	2 filhos	28 anos atuação	Ensino Fundamental II
PQ5	37 anos	Feminino	Solteira	0	12 anos atuação	Ensino Médio
PQ11	48 anos	Feminino	Casada	1 filho	29 anos atuação	Ensino Fundamental I
PQ12	53 anos	Feminino	Casada	2 filhos	37 anos atuação	Ensino Fundamental II
PQ13	53 anos	Feminino	União Estável	3 filhos	34 anos atuação	Educação Infantil - Creche
PQ18	29 anos	Feminino	Casada	1 filho	10 anos atuação	Ensino Médio
PQ22	46 anos	Feminino	Casada	1 filha	22 anos atuação	Ensino Fundamental I
PQ23	49 anos	Feminino	Casada	1 filho	30 anos atuação	Ensino Fundamental I

PQ24	42 anos	Feminino	Casada	3 filhos	22 anos atuação	Ensino Fundamental I
PQ26	43 anos	Feminino	Casada	2 filhos	24 anos atuação	Educação Infantil - Pré-escola
PQ30	50 anos	Feminino	Casada	2 filhas	27 anos atuação	Ensino Fundamental I
PQ31	45 anos	Feminino	Casada	2 filhos	26 anos atuação	Ensino Fundamental II
PQ32	51 anos	Feminino	Solteira	0	31 anos atuação	Ensino Fundamental I
PQ34	55 anos	Feminino	Casada	3 filhos	33 anos atuação	Ensino Fundamental I
PQ36	40 anos	Feminino	Solteira	2 filhos	21 anos atuação	Educação Infantil - Creche
PQ37	47 anos	Feminino	Divorciada	2 filhos	23 anos atuação	Ensino Fundamental I
PQ39	51 anos	Feminino	Divorciada	3 filhos	27 anos atuação	Ensino Fundamental I
PQ46	51 anos	Feminino	Solteira	0	08 anos atuação	Ensino Médio
PQ48	43 anos	Feminino	Casada	3 filhas	25 anos atuação	Ensino Fundamental I
PQ49	58 anos	Feminino	Casada	0	18 anos atuação	Ensino Fundamental I
PQ52	47 anos	Feminino	Casada	1 filho	19 anos atuação	Educação Infantil – Pré-escola

Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Quanto às etapas de atuação das professoras participantes com adoecimento psíquico, 04 (quatro) são da Educação Infantil, 15 (quinze) do Ensino Fundamental, sendo 12 (doze) dos Anos Iniciais e 03 (três) dos Anos Finais, e 03 (três) são do Ensino Médio. A partir desses dados, percebemos que a prevalência de adoecimento de professores centra-se no Ensino Fundamental, mais especificamente nos Anos Iniciais. Importante ressaltar que, das quatro professoras que participaram da entrevista, três são dessa etapa da Educação Básica. Porém, é crucial destacar que as escolas em que houve maior adesão ao questionário foram, exatamente, as duas do Ensino Fundamental.

Dentre as 22 (vinte e duas) professoras com adoecimento psíquico, 04 (quatro) participaram, por adesão, das entrevistas narrativas, sendo todas da etapa de finalização. Ao iniciar as entrevistas, foi solicitado às professoras que escolhessem uma palavra que as caracterizasse, isto é, o que dizia sobre elas, sobre a história de cada uma, por compreender que os nomes carregam a historicidade dos sujeitos. Assim, cada professora escolheu a palavra que melhor lhes representasse: Amor, Desafio, Responsabilidade e

Solidariedade. Esses nomes produziam sentido, pois apresentavam a composição dos afetos construídos na relação com a profissão, com o trabalho docente, com o que para elas atravessa o ser professora. Foram elas:

Amor, 56 anos, casada, formada em Pedagogia e com Especialização em Psicopedagogia. Iniciou na docência em 1991, nos Anos Iniciais do Ensino fundamental, mas permaneceu quatro anos na direção de escola (2013 a 2017). Escolheu o nome Amor porque é uma pessoa que ama; mãe, avó, professora. Se representa na palavra Amor, pois tenta fazer o melhor para educação. Envolve-se demasiadamente com sua prática profissional, não concorda com muita coisa do modo como acontece e, por isso, tenta se doar como meio de contribuir significativamente para a sociedade. Hoje em dia aprendeu a modificar alguns comportamentos de sua prática profissional, sob orientação profissional, para amenizar os impactos que a docência implicou em sua vida pessoal.

Desafio, 56 anos, solteira, formada em Pedagogia com Especialização em Metodologia da Educação Infantil e Séries Iniciais. Iniciou na docência em 1987, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, mas também atuou como gestora escolar de 1989 a 1992. Escolheu o nome Desafio porque concebe o trabalho docente como desafiador e, como consequência, exige um profissional responsável. Percebe que os desafios da educação na atualidade são enormes, estranhou as mudanças que ocorreram no contexto da educação nos últimos tempos, sofreu com isso, de tal modo que precisou mudar de escola e de segmento de trabalho para dar conta de continuar trabalhando. Se dedica muito à educação ao ponto de, caso os seus alunos não aprendam, leva essa preocupação para casa. Na sala de aula, os alunos dizem que ela tem a postura de psicóloga, gosta de dar conselhos, se preocupa com todos. Estava vivendo uma situação difícil com uma aluna, por isso resolveu ir à casa dela sem avisar, e o resultado do que viu deixou-a perplexa. A partir desse dia mudou sua postura na sala de aula, sendo ainda mais acolhedora.

Responsabilidade, 50 anos, casada, formada em Pedagogia, com Especialização em Alfabetização e Letramento. Atua em sala de aula dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental há 28 anos. Nesse percurso, foi coordenadora da EJA no município e atuava como professora em turmas de 5º Ano. Escolheu o nome Responsabilidade porque se considera uma pessoa muito responsável: “eu sou muito responsável naquilo que eu faço”. Afirma que nunca se afastou da escola, enfrenta as dificuldades de saúde mantendo-se ativa na sala de aula. Um de seus lamentos é o fato de não haver respeito e valorização entre as hierarquias na escola, especialmente entre direção e corpo docente. Mesmo doente mentalmente, busca forças para ir trabalhar, exceto quando os agravos no

corpo não permitem. Acredita numa educação feita com amor, cuidado e respeito.

Solidariedade, 53 anos, casada, formada em Pedagogia e com Especialização em Educação de Jovens e Adultos, e Neuropsicopedagogia. Atua em sala de aula da Educação Infantil, Ensino Fundamental Anos Iniciais e Finais e Educação de Jovens e Adultos desde 1987 (36 anos); também foi vice-diretora e coordenadora pedagógica. Escolheu o nome Solidariedade porque afirma ser professora e que jamais escolheria outra coisa; não se vê em outra profissão. Se representa pela palavra Solidariedade pela empatia e amor ao próximo: "se fosse para fazer tudo de novo eu faria, estou muito feliz". Diz ser uma professora empática, preocupada com a condição do aluno e de sua família; busca escutar os seus dilemas e acredita que, por meio da prática humanizadora, o mundo pode ser melhor e a educação não está fora dessa proposta. Se envolve emocionalmente em sua vida profissional, de tal modo que, quando há algum problema na escola, isso reflete em sua vida pessoal.

Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE (Apêndice A) que têm por finalidade possibilitar o mais amplo esclarecimento sobre a investigação a ser realizada, seus riscos e benefícios, para que a sua manifestação de vontade, no sentido de participar (ou não), fosse efetivamente livre e consciente. Os nomes das professoras que participaram da entrevista foram fictícios para atendimento às questões éticas, como também para assegurar o cuidado e a guarda das informações.

3.3 A construção e análise dos dados

Para a construção dos dados, foram utilizados dois instrumentos: questionário – para apreensão das informações sobre as características pessoais-profissionais dos professores da Educação Básica em situação de adoecimento psíquico, além da compreensão das demandas comportamentais apresentadas pelos professores que possibilitaram analisar o ciclo da vida profissional dos mesmos – e a entrevista narrativa – para obtenção de informações para a construção dos dados referentes à atuação docente, relação com o trabalho docente, desenvolvolvimento profissional e impactos do adoecimento no trabalho docente.

O instrumento inicialmente utilizado foi o questionário, o qual, para Amado (2014), visa sondar a opinião de uma população sobre um determinado assunto, bem como auxiliar no acesso a eventos ocorridos no passado, definir perfis socioeconômicos de populações, fazer diagnósticos diversos, caracterizar hábitos e comportamentos, dentre

outras coisas. Comumente, o questionário é empregado como um dos principais instrumentos de coleta de dados, devido à sua versatilidade, além de possuir uma relativa facilidade de aplicação em sessões individuais ou em pequenos e grandes grupos (Amado, 2014). Para essa investigação, o questionário possibilitou a construção dos dados referente às características pessoais-profissionais e de como era realizado o trabalho docente dos professores da Educação Básica e em situação de adoecimento psíquico.

O questionário (Apêndice B) foi aplicado para os 95 (noventa e cinco) professores que atenderam todos ou a maioria dos critérios estabelecidos para a escolha dos docentes. Deste quantitativo, apenas 52 (cinquenta e dois) professores constituíram a amostra de conveniência e responderam ao questionário não probabilístico, por meio de uma plataforma eletrônica (*Google forms* – disponibilizado via *Link*), composto por questões abertas para facilitação de respostas mais extensas por parte dos participantes, similar às de uma entrevista, o que demandou, para a coleta e organização dos dados, menos investimento de tempo e recurso. O *Link* de acesso foi disponibilizado para as diretoras escolares que disponibilizaram aos professores via grupo de *whatsapp* no dia 04 de março de 2024 e encerrado no dia 30 de abril do mesmo ano, tendo, portanto, um período de dois meses e doze dias para os professores acessar e responder. As questões contidas no questionário apresentaram três blocos, sendo: perfil sociodemográfico (sexo, idade, formação, atuação etc), demandas comportamentais e trabalho docente.

A entrevista narrativa, segundo instrumento utilizado, é "[...] um dos mais poderosos meios para se chegar ao entendimento dos seres humanos e para a obtenção de informações nos mais diversos campos [...]" (Amado; Ferreira, 2017, p. 207). Os autores afirmam ainda que a entrevista é um método potencial, por excelência, de recolha de informação entre pessoas, que visa perceber emoções, necessidades inconscientes e influências interpessoais, por meio de uma conversa intencional, orientada por objetivos precisos. Para Jovchelovich e Bauer (2002), pode-se compreender as entrevistas narrativas como uma forma discursiva, pois são ferramentas não estruturadas, com vistas à profundidade de aspectos específicos, por meio dos quais se conhece as histórias de vida, tanto as do entrevistado como as que aparecem no contexto situacional. O propósito dessa entrevista é suscitar no entrevistado a narrativa de sua trajetória, algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social.

A estrutura da entrevista narrativa possui o propósito de um plano prévio (preparação, iniciação, narração, perguntas e conclusão), embora haja a liberdade de resposta ao entrevistado. A fase de preparação é o momento de exploração do campo e

formatação das questões; na fase de iniciação, é formulado o tópico inicial da narração e o emprego de auxílios visuais, quando necessário; na fase da narração central, não se pode interromper o participante e motivar o prosseguimento da narração somente com encorajamentos não verbais; na fase de questionamentos, não se deve opinar ou fazer perguntas sobre atitudes, não discutir sobre contradições e avançar de perguntas que emergem dos objetivos da pesquisa para as que emergem do relato do entrevistado; na fala conclusiva, deve-se facultar perguntas do tipo "Por quê?", como porta de entrada para a análise subsequente e realizar anotações imediatamente depois da entrevista (Jovchelovitch; Bauer, 2000, p.62).

A entrevista narrativa é apontada (Amado, 2014) como um dos principais instrumentos da pesquisa de abordagem qualitativa, especialmente porque não há imposições rígidas, o que permite ao entrevistado discorrer sobre o que foi proposto, sem desprezar seu ponto de vista, suas crenças, bem como tudo o que for relevante, possibilitando a captação imediata e corrente das informações almejadas. No caso dessa investigação, a entrevista narrativa permitiu a construção dos dados da caracterização do desenvolvimento profissional e dos impactos do trabalho do professor em situação de adoecimento psíquico.

As entrevistas foram agendadas previamente e realizadas na escola de atuação das professoras, individualmente, em uma sala destinada, sem a presença ou interrupção de terceiros, gravadas em áudio com o dispositivo celular, durante os meses de maio e junho de 2024. Compuseram o universo de questões-eixo os pontos (Apêndice C): atuação docente, relação com o trabalho docente, impactos do adoecimento no trabalho docente e no desenvolvimento profissional docente. Foi apresentada pela pesquisadora, para cada professora, as orientações sobre o momento da entrevista, deixando-as à vontade para falarem sobre si e sobre sua prática profissional. A pesquisadora também delimitou a direção dos conteúdos da entrevista, de modo que não houvesse nenhuma ruptura ou imposição durante a oralidade. As falas foram livres, por meio de diálogos, com duração de uma hora a uma hora e meia para cada participante. A condução da entrevista foi iniciada com um momento para relaxamento das participantes, as quais se mostraram muito nervosas e, na sequência, dada as informações referentes ao projeto e demais esclarecimentos, bem como deixando-as o mais confortável possível.

Para análise dos dados oriundos do questionário, foi utilizada uma análise interpretativa do *corpus*, cujas informações foram recortadas e adotado o procedimento de leitura e releitura, seguida de análise para categorização. Na análise interpretativa,

segundo Minayo (2010), no ato de pesquisar estão envolvidos os processos interpretativos e cognitivos inerentes à vida social, ou seja, tem o propósito de investigar como as pessoas dão sentido às suas experiências de vida mais significativas. Ela tem sido utilizada como nomeação dos estudos de delineamento qualitativo e as pesquisas indutivas. Após a análise dos dados do questionário, estes foram organizados em duas categorias: condição de bem-estar dos professores no trabalho e percepções de demandas emocionais (negativas e positivas) no desenvolvimento do seu trabalho docente.

Segundo Jovchelovitch e Bauer (2002), a análise de narrativas visa explorar não apenas o que é relatado, mas também como é relatado. As características paralinguísticas, como tom da voz, mudanças na entonação, pausas, expressões, entre outras, também foram relevantes para apreensão do que não foi dito em palavras e complementar a análise da pesquisadora. Dessa forma, os dados construídos nas entrevistas narrativas foram analisados a partir de três etapas: (i) transcrição, (ii) análise temática e (iii) análise estrutural.

Após a transcrição detalhada, procedeu-se a análise formal do texto que possibilitou a identificação das ações constitutivas do estudo e, na sequência, a descrição estrutural do conteúdo, com uma análise minuciosa dos segmentos das narrativas para identificação de estruturas processuais no curso de vida das professoras participantes. Posto esse procedimento, foi realizada uma análise do texto para a delimitação das unidades narrativas e a identificação de seus temas por meio da abstração analítica dos diferentes eventos ou trajetórias expressas pelas professoras, os quais foram comparados de modo a reconstruir os elementos emergentes relacionados ao trabalho docente, ao adoecimento psíquico e ao desenvolvimento profissional de cada uma. A análise do conhecimento das argumentações ou explicações expressas pelas professoras, bem como as percepções sobre si mesmas e sobre os acontecimentos e experiências presentes no ciclo de vida profissional foram componentes para a análise, pois segundo Jovchelovitch e Bauer (2000), essa etapa tem como objetivo o que é expresso pelos indivíduos acerca de como e por que os fatos aconteceram, além da relação entre as situações e os acontecimentos, bem como a legitimidade aos elementos da narrativa, buscando identificar um modelo de autocompreensão das entrevistadas. Na sequência, foram realizados o agrupamento e o contraste entre as trajetórias individuais das professoras para identificação das categorias expressas nas etapas anteriores que permitiram a análise das condições estruturais e particulares de cada uma delas e, assim, atender aos objetivos da pesquisa. A contraposição das categorias teóricas utilizadas nos diferentes contextos

permite que, eventualmente, se destaquem estruturas processuais alternativas à particularidade do caso em questão. A análise das entrevistas narrativas resultou em uma minuciosa comparação das trajetórias individuais das participantes no percurso do desenvolvimento profissional docente, o que permitiu a elaboração do conhecimento teórico do ciclo de vida profissional de Amor, Desafio, Responsabilidade e Solidariedade e as percepções sobre o impacto do adoecimento psíquico no desenvolvimento profissional docente.

PROFESSORAS COM ADOECIMENTO PSÍQUICO E O IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE

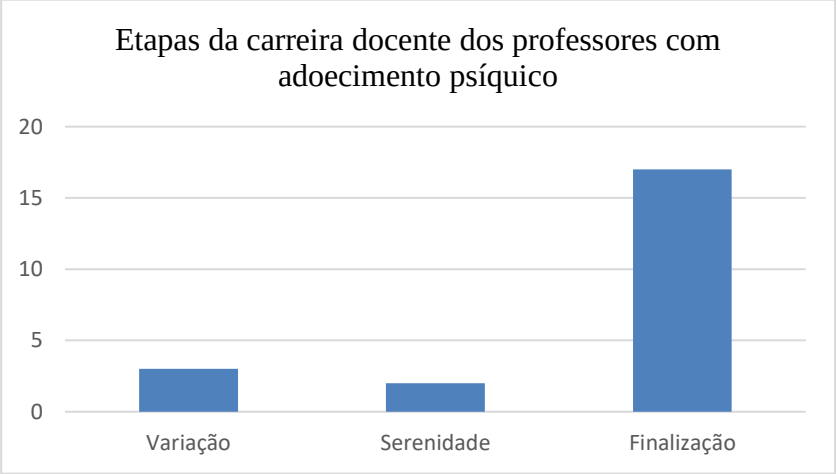
> Os problemas da educação só serão definitivamente
> resolvidos quando forem resolvidos definitivamente
> os problemas do sistema social
> (Vigotski, 2003, p. 220).

Os resultados das análises do questionário foram organizados em duas categorias: condição de bem-estar dos professores no trabalho e percepções de demandas emocionais (negativas e positivas) no desenvolvimento do seu trabalho docente. Já os resultantes da análise das entrevistas narrativas possibilitou uma minuciosa comparação das trajetórias individuais das participantes no percurso do desenvolvimento profissional docente, o que permitiu a elaboração do conhecimento teórico do ciclo de vida profissional de Amor, Desafio, Responsabilidade e Solidariedade.

4.1 Ciclo de vida profissional das professoras em situação de adoecimento psíquico

Ao analisar a carreira do professor na Educação Básica no Brasil, Ferreira (2017) destaca seis etapas que, segundo ela não ocorrem de modo linear e, muitas vezes, nem todas acontecem. São elas: Iniciação (01-05 anos), Estabilização (05-08 anos), Variação (08-15 anos), Examinação (15-18 anos), Serenidade (18-20 anos) e Finalização (20-25 anos). O tempo de atuação das 22 (vinte e duas) docentes variou de 08 (oito) a 37 (trinta e sete) anos de exercício na docência, dessa forma, as etapas da carreira vivenciadas pelas professoras participantes foram identificadas, conforme Gráfico 03, em Variação, Serenidade e Finalização, sendo: 03 (três) professoras na Variação, 02 (duas) na Serenidade e 17 (dezessete) na Finalização. Também foram caracterizadas as condições de bem-estar no trabalho, vivenciadas pelos participantes, considerando as etapas da carreira, bem como os indicativos emocionais (negativos e positivos) no desenvolvimento do seu trabalho docente.

Gráfico 3 - Etapas da carreira docente das professoras com adoecimento psíquico



Fonte: Dados pesquisa (2024).

A etapa da variação é o terceiro período da carreira, que compreende entre 08 a 15 anos de experiência, e é marcado por vivências que oscilam entre positivas e negativas. “ O professor varia seu estilo e métodos de ensinar e avaliar, de se relacionar com os alunos etc., ou seja, a forma de desenvolver o trabalho docente [...]” (Ferreira, 2017, p. 83). Em relação ao bem-estar no trabalho, há, nessa etapa, uma intensidade nas experimentações vivenciadas que podem chegar a uma polarização, atravessada pelo entusiasmo ou pelo cansaço que leva à saturação: “Atualmente estou muito cansada e desanimada. Desânimo, cansaço extremo [...]” (Questionário PQ18, 2024 - professora da etapa de Variação). Esses profissionais oscilam quanto à avaliação da condição de bem-estar. Essa variação vai de um extremo a outro, o que significa dizer que a mesma situação pode ser vista para um professor como “complexa” (Questionário PQ5, 2024 - professora da etapa de Variação) e para outro como “ótima” (Questionário PQ46, 2024 - professora da etapa de Variação), visto a complexidade da docência estar atrelada aos múltiplos fatores que vão delineando a vida pessoal e profissional do professor.

As docentes também apontaram situações que influenciam o ambiente e o torna inadequado ou inapropriado para uma boa qualidade de vida: “Em decorrência de morar distante do trabalho tenho tido uma rotina complicada e difícil, que vem refletindo

negativamente no meu trabalho e no meu bem-estar [...]" (Questionário PQ5, 2024 - professora da etapa de Variação). Para essa professora, a questão geográfica (distância) é tida como um agravante para a qualidade do trabalho que oferta, além disso, provoca-lhe mal-estar.

Agravada por um "sentimento de inutilidade" e "impotência" (Questionário PQ18, 2024 - professora da etapa de Variação), a intensificação dessas experiências também pode mobilizar o professor para novos desafios e/ou a buscar outras posições e formação:

> São muitas atribuições no nosso dia a dia e as mesmas não se encerram na sala de aula. Desde o planejamento pedagógico, as atividades extraclasse, a relação com alunos, a gestão escolar, as famílias dos alunos e a comunidade. Nessa correria toda a necessidade de buscar formações para nos manter atualizados e preparados para exercer nosso trabalho com maestria [...] (Questionário PQ46, 2024 - professora da etapa de Variação).

Por outro lado, também marcados pelo cansaço, pode haver a saturação do exercício docente, a exemplo da condição afirmada: "Gosto de lecionar, me sinto bem no ambiente escolar e em contato com os colegas de profissão e com os alunos, porém, não sinto que o trabalho docente seja valorizado pela sociedade nem pelo poder público [...]" (Questionário PQ5, 2024 - professora da etapa de Variação). A reação da profissional diante do seu trabalho é positiva, pois este causa-lhe um bem-estar, especialmente com os alunos e colegas, mas a professora evoca o sentimento de não valorização do trabalho docente por parte dos gestores educacionais. Essa queixa é recorrente entre as professoras, pois muitas não se sentem reconhecidas, tampouco valorizadas no trabalho que exercem.

A serenidade é o penúltimo período e corresponde entre 18 a 20 anos de experiência. É a serenidade na qual o entusiasmo que marca a etapa anterior (examinação) já não existe mais, aqui instala-se a tranquilidade. O profissional age por segurança diante das exigências da profissão, por isso, aspectos da experiência afloram consideravelmente. Como é uma etapa que antecede o final da carreira, há a evidência de declínio afetivo entre o professor e os alunos, o que pode ocorrer devido "[...] à diferença de idade (professor mais velho e alunos mais jovens), que pode provocar diferenças culturais, não motivando o diálogo entre ambos [...]" (Ferreira, 2017, p. 84).

Na serenidade, a prática pedagógica é complexa e requer dos docentes grande malabarismo para equilibrar-se. Eles buscam formas de se adaptar ao mal-estar provocado

pelo trabalho, como mecanismos de defesa, frente às dificuldades, às demandas e, em alguns casos, ao adoecimento, sendo uma condição que os tornam ativos diante dessa circunstância. Dejours *et al*. (1994) afirmam que há um bloqueio no trabalhador, quando este não consegue descarregar sua energia pulsional diante do exercício laboral, traduzindo em manifestação somática, daí surge grande parte dos sintomas físicos mencionados neste trabalho.

Ainda, segundo Dejours (1992), o sujeito, quando exerce uma profissão, tudo é voltado para ela, de tal modo que investe energia, paixão e mobilizações subjetivas, há um esforço do sujeito nessa entrega total, por isso, sente a necessidade de ser percebido e valorizado pelos outros. Ou ainda, quando apontam que o "[...] professor só tem obrigações e nunca são ouvidos, precisa ter mais autonomia, trabalho precário com muitas demandas e cobranças com pouco suporte [...]" (Questionário PQ49, 2024 - professora da etapa de Serenidade).

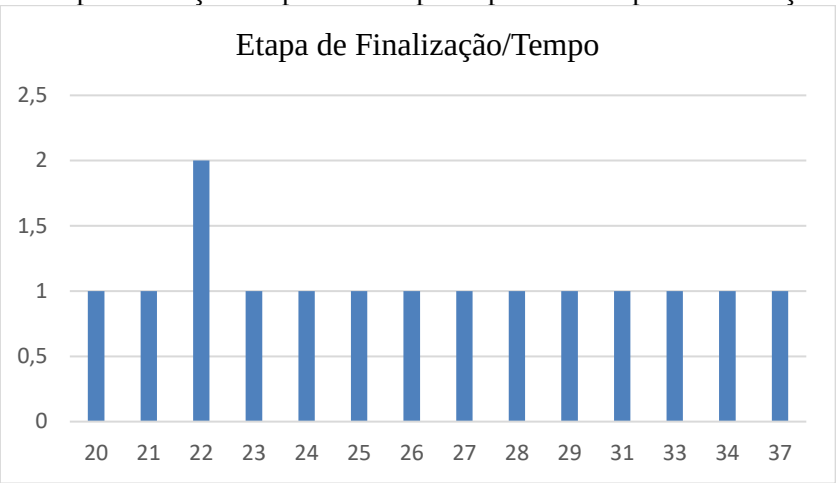
Por outro lado, falas como "Sou feliz com minha profissão, apesar das dificuldades com a indisciplina e falta de interesse do público onde executo" ou "procuro equilibrar meus comportamentos emocionais", "dependente de atividades físicas para permanecer atuando com eficiência" (Questionário PQ52, 2024 - professora da etapa de Serenidade). Nessa etapa, as professoras já não se preocupam tanto com o desenvolvimento das atividades pedagógicas, porque possuem maior segurança de si; não ficam vulneráveis à avaliação alheia. As relações interpessoais estabelecidas com o aluno estão atravessadas pelo distanciamento afetivo.

Por fim, a etapa da Finalização (a partir de 20 anos), último período, antecede à aposentadoria, processo que pode provocar reações bem diferentes nos professores, pois pode ser esperado por uns e lamentado por outros. Ferreira (2017, p. 84) aponta que "[...] o fim da carreira é caracterizado por uma tendência de desinvestimento profissional, saturação e desencanto para uns e por uma renovação de interesse para outros [...]". Dados também constatados por Chaves (2023) ao perceber um percentual de professores com emoções antagônicas como satisfação/frustração, motivação/desmotivação, alegria/angústia, muitas vezes, expressos no mesmo indivíduo.

Essa é a etapa em que 17 (dezessete) professoras participantes integram e encontram-se adoecidas, conforme Gráfico 4 a seguir. Isso demanda uma compreensão acerca das particularidades da carreira docente; por ser um período longo de atividade, o profissional é acometido por vários acontecimentos, principalmente, na saúde. Ferreira (2023, p. 142) afirma que "[...] algumas doenças são oriundas do próprio exercício da

profissão ou estão associadas a este, e outras têm outras nuances [...]".

Gráfico 4 - Tempo de atuação das professoras participantes na etapa de finalização da carreira



Fonte: Dados pesquisa (2024).

A etapa da Finalização "[...] tem reflexo nas emoções e nos sentimentos dos professores, nos desafios de sua prática, nas condições para o enfrentamento deles e na sua saúde, na satisfação e ou expectativas de aspectos relacionados do desenvolvimento profissional [...]" (Ferreira, 2023, p. 142). Diante do resultado dessa experiência, os professores podem desenvolver transtornos mentais comuns, que são manifestações de ordem física e psíquica, com queixas somáticas, como ansiedade, tristeza, dores de cabeça, cansaço, fadiga, insônia, irritabilidade, nervosismo e estresse, dentre outros sintomas (Moura, 2020).

As condições de bem-estar das professoras que vivenciam a etapa da Finalização da carreira é marcada pelo cansaço, o qual diminui o ritmo de trabalho, exigindo mais força e equilíbrio, isto é, demanda mais esforço físico e mental. No entanto, assim como na etapa de Variação, há uma polarização apresentada pelos docentes em relação à docência: "Cansada. Muito Bom! Prazeroso!" (Questionário PQ11, 2024 - professora da etapa de Finalização). Ao mesmo tempo em que o profissional afirma estar cansado, diz que o trabalho causa-lhe prazer. Parece contraditória essa situação, como, por exemplo: "É normal sentir -se desanimado, mas logo passa pelo amor a profissão", "sinto-me satisfeita profissionalmente, porém em um ambiente de trabalho não tão saudável" (Questionário PQ2, 2024 - professora da etapa de Finalização), "O trabalho docente é uma profissão exigente, mas extremamente gratificante, quando feito com dedicação, paixão e comprometimento com o crescimento e desenvolvimento dos alunos" (Questionário PQ36, 2024 - professoras da etapa de Finalização). A exigência, que é parte

do trabalho docente, não exime o sentimento de gratidão ao fazê-lo com afinco. No entanto, intercalam uma condição de satisfação do docente com seu trabalho, assim sendo, a ambiência não se constitui como espaço confortável para o desenvolvimento de suas ações pedagógicas.

Percebemos que o bem-estar é resultado de ver a evolução do aluno: “Sinto muito bem com as crianças, mas, muito estresse de forma geral”, “Em comparação com o ano passado, sinto que este ano a turma não está tendo o desempenho esperado. Isso me deixa ansiosa e preocupada” (Questionário PQ24, 2024 - professora da etapa de Finalização). Estar com as crianças causa no professor um grande bem-estar, por mais que o trabalho promova nesse profissional alterações emocionais fortes. Há, também, a polarização, quando sentimentos extremos são sentidos, ao mesmo tempo em que gosta muito das crianças, sente um estresse enorme: “A ansiedade, que me deixa muito estressada, mau humorada, diminuindo o interesse e a qualidade do meu trabalho, até mesmo o relacionamento com alunos e colegas” (Questionário PQ34, 2024 - professora da etapa de Finalização). Dessa forma, “[...] se a saúde mental do docente estiver comprometida, se o seu estado emocional/psicológico estiver desequilibrado, será difícil para este sujeito ter continuidade no desenvolvimento do seu trabalho, interagir, estudar e evoluir enquanto profissional [...]” (Moura, 2020, p. 141).

Mesmo tendo atribuições positivas da relação laboral, a avaliação negativa também é sinalizada pelos termos “cansativo e ruim; estressante; agitado; estou muito cansada e desanimada; vejo a profissão como um ofício desgastante, pois no final da aula eu me sinto esgotada; não tem sido prazeroso” ” (Questionário PQ24, 2024 - professora da etapa de Finalização) e “precário, pois a falta de respeito e valorização do profissional no dia a dia é constante. É preciso apostar em um trabalho conjunto, pois acredito que seja o caminho para reduzir o estresse” (Questionário PQ2, 2024 - professora da etapa de Finalização). O fato de ser um ambiente nocivo e estressante favorece a vulnerabilidade do professor, pois afeta as condições de saúde do docente, sua capacidade de realização e bem-estar:

> Tem um impacto na qualidade do meu "trabalho" de ser paciente, interativa e de apoio. Eu poderia não ser tão presente, atenciosa ou útil como costumo ser, poderia ter dificuldade em oferecer suporte e orientação de forma consistente e confiável. Um adoecimento psíquico poderia afetar minha capacidade de interagir de maneira positiva e construtiva, limitar minha energia e motivação para estar disponível e comprometida com as metodologias a serem realizadas. A saúde mental

> é fundamental para o bem-estar e a qualidade das interações interpessoais, inclusive as virtuais como a nossa [...] (Questionário PQ48, 2024 - professora da etapa de Finalização)

A fala de uma das docentes infere, ainda, uma avaliação negativa, quando vivenciada no contexto da Educação Infantil:

> Não existe bem-estar, principalmente na educação infantil com salas superlotadas de crianças. São muitas demandas para professor de Educação Infantil. Não temos momentos de descanso, são as 20 horas dentro de sala de aula. Às vezes, não dá tempo nem para tomar um copo de água. Quando acontece de uma criança se machucar dentro da sala de aula, os pais querem justiça, como se o professor tivesse culpa. Tem momentos que eu fico com quinze crianças sozinha sem o assistente de sala recebendo as crianças. Às vezes, elas chegam chorando muito e a demanda é que não querem que criança chore. Professor tem que dar seu jeito. Às vezes, tem professores que chegam a pegar quatro crianças no colo. Eu não pego porque eu não aguento. Mas, me ignoram nessa parte. Eu mesma cansei de Educação Infantil. Não quero trabalhar mais na Educação Infantil. Professor de Educação Infantil só tem deveres, e direitos nenhum. Não recebo elogios pelo trabalho realizado em sala só cobrança. Na sala de aula realizo o meu trabalho pedagógico, depois é focar o tempo todo nas crianças para não machucarem. A mente fica cansada. É uma exaustão. Sofremos muita pressão psicológica. Contudo não me sinto feliz trabalhando lá. Essa pesquisa foi uma porta aberta para desabafar os acontecimentos que acontecem naquele local. Ainda ignoram a minha palavra [...] (Questionário PQ13, 2024 - professora da Etapa de Finalização).

As vivências e experiências desses profissionais, principalmente na Educação Infantil, indicam cansaço, devido à dinâmica da sala de aula, com turmas lotadas de crianças, o profissional sem tempo nem ao menos para fazer as necessidades fisiológicas, como beber água. Pessoas preocupadas não trabalham bem; gastam demasiada energia no domínio das emoções, o que consequentemente leva a um desgaste e desenvolvimento de patologias. A etapa da Educação Infantil tem especificidades que aumentam as exigências do profissional, a exemplo da disposição física. Nesse caso, a docente precisa ter saúde e grande mobilidade muscular para lidar com a dinâmica efervescente de uma sala de aula infantil.

Ademais, as condições precárias do trabalho também levam ao adoecimento físico e mental de trabalhadores. As características destacadas no relato da professora sinalizam que o ambiente é adoecedor, tanto para o professor, quanto para as crianças. A professora também aponta a burocracia do sistema e as exigências que recaem sobre sua função, porém, mediante o cumprimento dos deveres, poucos são os direitos atendidos. Além disso, o excesso de cobrança por parte da escola causa um desencanto, de modo que o

profissional não se sente feliz na função que exerce, sofrendo grande desgaste emocional.

Almeida (2020), em sua pesquisa, discute o adentramento da dinâmica neoliberal na educação, nas escolas e no fazer pedagógico do professor que se sente forçado a corresponder às exigências advindas da nova conjuntura econômica, recaindo sobre ele a responsabilização pelo sucesso e/ou insucesso de seus alunos e de não estar preparado para exercer suas atividades laborais e que suas práticas são ultrapassadas e pouco eficazes. Essa(s) exigência(s) pode desencadear no professor um excesso de trabalho, tendo como consequência o adoecimento psíquico que pode surgir por meio dos sintomas, como estresse, nervosismo, depressão e ansiedade. Esses sintomas podem aumentar, caso o professor sinta que o seu trabalho não é reconhecido, o que gera grande frustração. Nesse ínterim, o docente se sente invisível perante o sistema, sozinho e silenciado com suas demandas e sem o devido reconhecimento de seu exercício.

As emoções são caracterizadas pelas professoras como: “Enfrento desafios relacionados ao estresse, ansiedade, depressão e outros problemas psicológicos devido às demandas do trabalho, à pressão, à sobrecarga de tarefas e às dificuldades enfrentadas no ambiente escolar” (Questionário PQ48, 2024 - professora da etapa de Finalização), sinalizam que o ambiente escolar é propício para emoções negativas, contudo, estas promovem mal-estar e, como consequência, o adoecimento: “[...] passei pelo psiquiatra e psicólogo chegando até a me afastar das atividades escolares por alguns meses e fazer uso de medicamentos” (QuestionárioPQ39, 2024 - professora da etapa de Finalização). Nesse caso, o docente que apresenta problemas psicológicos e mentais, provavelmente num quadro de adoecimento, precisou afastar-se das atividades laborais e fazer uso da medicação. A condição em que esse professor se encontra não é simples, tendo em vista o acompanhamento de profissionais de saúde mental e o tempo de afastamento da escola.

Os índices de adoecimento nos anos finais da carreira, segundo Chaves (2024, p. 65), “[...] são justificados pela idade e por uma caminhada permeada de desvalorização da profissão, intensa carga de trabalho, sem contar com as condições precárias para as atividades laborais, cenário que favorece o adoecimento [...]”. Os problemas de saúde atravessam a profissão de professor e, conforme Ferreira (2023), algumas delas têm sua gênese no próprio exercício docente ou associadas a outras particularidades do ambiente de trabalho, como ambiente estressor, condições precárias, sobrecarga, falta de reconhecimento e valorização etc. Porém, atrelado a todo esse contexto, está o relacionamento interpessoal, posto que as relações e as situações são promotoras de conflitos e, em algumas vezes, influenciam toda a vida do indivíduo. Especialmente na

escola pública, onde há alunos, também carentes de carinho e atenção, o trabalho do professor é atravessado por uma demanda afetiva que costuma ser intensa e pode desencadear enorme tensão emocional (Czekster, 2007). A autora aponta uma ideia que parece contraditória, quando afirma que "[...] o mesmo vínculo afetivo que causa sofrimento pode, também, trazer gratificação [...]" (Czekster, 2007, p. 54). Se apropriar de sua produção faz com que o docente se sinta responsável e importante naquilo que faz, ver o resultado do esforço do seu trabalho, bem como a autonomia em fazê-lo é fator de prazer para esse profissional:

> Procuro realizar o meu trabalho com esforço e responsabilidade e, apesar dos desafios atuais enfrentados, tenho ao menos tentado exercer o meu papel de agente de transformação [...]Todo trabalho quando feito com esmero, será visto, valorizado e aplaudido por muitos; uma classe, mais ainda em relação a aprendizagem sempre sairá ganhando. Digo isso porque atuo nessa área de educação a três décadas e sempre aprecio o meu trabalho fluir, pais e entre outros me elogiando, crianças chorando para ficar comigo, enfim, faço com muita dedicação e tenho muito orgulho em vê-lo frutificar [...] (Questionário PQ23, 2023 - professora da etapa de Finalização).
> Acredito que o trabalho docente ainda é extremamente importante na aprendizagem do aluno, por isso, busco fazê-lo com muita dedicação e compromisso [...] (Questionário PQ31, 2024 - professora da etapa de Finalização).

Nas falas das professoras da etapa da Finalização, percebe-se a grandiosidade do seu trabalho, todavia, para elas não é uma preocupação conquistar uma boa avaliação alheia. O que causa-lhes bem-estar é um exercício por meio de um trabalho com responsabilidade. Além disso, apontam o reconhecimento do trabalho docente como algo que fortalece a profissão, uma das formas de valorização, seja por meio de elogios, notoriedade, visibilidade:

> A ausência do desejo de estar na escola , a insatisfação dos resultados obtidos, sentimentos de impotência perante o desenvolvimento da aprendizagem do aluno, dentre outras. Por outro lado, há raras situações que geram emoções positivas no cenário atual, como por exemplo, quando há o reconhecimento do trabalho desenvolvido pelo professor ainda que este reconhecimento não perpasse pela esfera financeira [...] (Questionário PQ31, 2023 - professora da etapa de Finalização).

Orbitam nas percepções das emoções negativas, oriundas do trabalho docente, os atravessamentos destas, algumas vezes, recorrentes entre eles e o cenário da educação pública. Quando questionadas sobre o seu trabalho, a professora diz ser "ruim"

(Questionário PQ23, 2024- professora da etapa de Finalização), “Ultimamente não tem sido prazeroso o trabalho docente” (Questionário PQ23, 2024- professora da etapa de Finalização), “estressada, cansada, mas gosto de trabalhar com as crianças. Existem muitos problemas, picuinhas na escola que desgasta demais a gente” (Questionário PQ36, 2024- professoras da etapa de Finalização), “cansaço excessivo, baixa produtividade, insatisfação contínua” (Questionário PQ31, 2024- professoras da etapa de Finalização), “falta de concentração, nervoso, muita fome e as tristeza” (Questionário PQ32, 2024- professoras da etapa de Finalização). Compreende-se que as professoras, em sua maioria, não vê o trabalho docente como algo prazeroso, ao contrário, é um trabalho exaustivo, que cansa e deixa o sujeito exaurido. São muitos problemas que atravessam o trabalho do professor e causam nele grande desgaste emocional e, nesse excesso de cansaço e descontentamento, há uma urgência para a tomada de decisão que promova a mudança dessa situação crítica.

Nessa etapa da Finalização, o professor é afetado por várias situações, desde físicas, quanto psíquicas. Há uma condição de envelhecimento que compromete todo o desempenho do professor, o cansaço é prevalente, que o torna menos habilidoso para lidar com determinadas nuances de seu trabalho. O reconhecimento diante do trabalho docente é uma forma de devolutiva da comunidade escolar para todo o esforço dos professores. Fica evidente que esses profissionais sentem a necessidade de serem reconhecidos naquilo que fazem, porque há muito esforço dispensado para esse labor.

4.1.1 Desenvolvimento Profissional Docente: uma compreensão das demandas emocionais das professores com adoecimento psíquico

Dada as considerações apresentadas, fica clara a prevalência, no exercício docente, de um desgaste emocional acentuado. Esse é um quadro caótico e preocupante, que nos faz pensar sobre como esses profissionais conseguem lidar com essas fragilidades emocionais que atravessam a vida profissional e, consequentemente, impactam a vida pessoal. Como é possível que a educação pública tenha qualidade com o professor num contexto de fragilidade emocional como esse?

Desse desgaste emocional dos docentes, o cansaço foi a demanda mais recorrente. Por que as professoras estão se queixando de tanto cansaço? “levar trabalho para casa”, “planejamento e aulas”, “rotina do cotidiano”, “morar longe do trabalho” (Questionário PQ46, 2024), enfim, apontamentos possíveis de responder aos questionamentos

anteriores, todavia, requer mais investigação. No estudo de Pereira (2015), ficou evidenciado que o cansaço é um desgaste físico proveniente de condições precarizadas de trabalho. Segundo o autor, "[...] o desgaste mental dos professores aparece na forma de cansaço extremo, estresse e esgotamento; que são elementos, de certa forma, indissociáveis e que traduzem um mal estar psíquico com proporções gradativas em termos de sua severidade [...]" (Pereira, 2015, p. 113).

Os profissionais queixam-se de sofrerem alterações emocionais na escola, como, por exemplo, a pressão psicológica, que é uma sobrecarga sofrida ante um evento:

> Já passei por muitos altos e baixos naquela instituição. O ano passado sofri uma pressão psicológica muito grande de uma mãe de aluno porque outra criança mordia o filho dela. A mãe disse que iria por na justiça. Tentei explicar e a mãe não compreendeu e disse que a culpa era minha. Era o tempo todo com olhar fixo naquele aluno para não acontecer algo indesejável. Também tive um aluno autista sem o acompanhamento de uma monitora. As vezes era eu sozinha com esse aluno e os outros. Sofri muita pressão psicológica. Mais o meu trabalho pedagógico não ficou em vão realizei muitas brincadeiras, recortes e colagem, historinha, atividade com pintura e tinta guache e entre outros [...] (Questionário PQ13, 2024 - professora da etapa de Finalização).

Para muitos desses profissionais a escola torna-se um lugar indiferente, tamanho é o dilema vivenciado nesse ambiente. Percebe-se, também, através dos relatos que há muita responsabilidade atribuída para o professor, o qual, muitas vezes, ultrapassa o caráter didático-pedagógico, de modo que esse profissional tenha que possuir um dinamismo que garanta o aprendizado, a paz e a integridade dos alunos na sala de aula. Vieira (2013, p. 113) reforça essa discussão ao suscitar que "[...] pode-se dizer, em relação às condições do trabalho docente, que novas demandas têm sido apresentadas aos professores, por parte da sociedade e do sistema educacional. No entanto, não lhes são oferecidas as condições necessárias para atendê-las [...]". Talvez, o que permanece diante do trabalho realizado seja um sentimento de desamparo que ronda esses profissionais, que se sentem incompreendidos perante cobranças que estão além das condições que lhes são oferecidas.

A ansiedade foi a segunda condição de desgaste emocional que mais apareceu nas falas das professoras. A ansiedade é uma resposta emocional produzida pelo ser humano ao ficar apreensivo diante de um evento (Arnault, 2023). Leva o sujeito a manifestar reações de proteção diante do perigo, porém, em alguns casos, essas reações apresentam sintomas disfuncionais que podem ser prejudiciais à qualidade de vida. Segundo

Dalgalarrondo (2019, p. 163), a "[...] ansiedade é definida como estado de humor desconfortável, apreensão negativa em relação ao futuro, inquietação interna desagradável [...]".

Além das questões assinaladas, soma-se um acúmulo de demandas emocionais negativas no histórico do professor: a ansiedade, o estresse, a impotência, o desânimo, de modo que eles veem essas situações como algo comum, próprio do trabalho, indissociável a ele: "[...] é normal sentir -se desanimado, mas logo passa pelo amor a profissão [...]" (Questionário PQ25, 2024). Aqui percebe-se a normatização da condição precária do trabalho do professor, como se fizesse parte do seu ofício sentir-se mal. Há na maioria deles um "sentimento de inutilidade", de "desmotivação".

> Nos últimos anos, tenho perdido a motivação, devido ao esgotamento físico por enfrentar uma jornada de 40 horas, com poucos momentos de descanso, pouca valorização por parte dos órgãos que deveriam apoiar mais os profissionais docente. Vejo como positivo a satisfação de ser professor por mais difícil que esteja; sendo atuar em uma escola desajustada com muitas demandas tanto materiais quanto afetivas. Mas ainda sou movida pelo amor em ensinar [...] (Questionário PQ11, 2024 - professora da etapa de Finalização).

As professoras se queixam das demandas do trabalho, do grande desgaste físico e do pouco tempo para descanso; afirmam que o desgaste emocional interfere na disposição laboral. Incluem, também, o comportamento dos alunos, comportamentos disruptivos que causam alterações emocionais negativas:

> Quando os alunos são bem-comportados e compromissados o professor sente vontade e prazer de estar à frente da turma. Porém quando o contrário acontece o sentimento de frustração, desânimo e ansiedade nos acompanha. Em comparação com o ano passado, sinto que este ano a turma não está tendo o desempenho esperado. Isso me deixa ansiosa e preocupada [...] (Questionário PQ24, 2024 - professora da etapa de Finalização).

A professora projeta seu bem-estar docente no desempenho acadêmico dos alunos; para ela, quando não há resultados positivos no aprendizado do aluno ocorre o desenvolvimento de alterações emocionais psicológicas, como ansiedade e preocupação, além do sentimento de desânimo, frustração. Com isso, o comportamento do aluno passa a ser fator preponderante para o equilíbrio emocional do professor. Quando esse comportamento é indisciplinado, causa no docente mal-estar, o que provoca a ausência do desejo de estar na escola; o ambiente torna-se inóspito e as demandas um grande fardo.

As professoras têm conhecimento da gênese do problema que causa o desgaste (excesso de trabalho, precarização das condições laborais, dos resultados insatisfatórios diante da aprendizagem do aluno etc.) e sinalizam, claramente, que esse descontentamento causa-lhes problemas emocionais e mentais.

Por conseguinte, devido às transformações sociais que foram se estabelecendo dentro da sala de aula, os professores se viram diante de uma realidade complexa, de um advento da tecnologia digital e novos modos de fazer educação. Tudo isso desencadeou inúmeras emoções negativas como insegurança, medo diante do novo, dificuldade de adaptação, autocobrança. Nessa nova realidade, encontra-se com alto teor de complexidade a falta de interesse, compromisso, indisciplina e de respeito do aluno, a ausência das famílias na vida escolar de seus filhos, delegando toda a responsabilidade de escolarização e educação, exclusivamente, aos professores.

O desempenho das professoras tem uma relação íntima com as condições de trabalho, na maioria das vezes são salas superlotadas, uma carga horária pequena para cumprir com todas as demandas:

> É muito complexo, pois trabalhar com turmas multisseriada não é fácil, pois exige uma demanda muito grande de experiência e às vezes não conseguimos atender a todos como deveria ser, a carga horária é pequena, ficando assim a desejar. O mesmo acontece com a gestão escolar pois a falta de recursos didáticos é muito grande [...] (Questionário PQ30, 2023 - professora da etapa de Finalização).

Esses fatores também refletem na aprendizagem do aluno e também no olhar que esses profissionais têm de si:

> Em relação as emoções negativas, sentir desânimo ao deparar-se com dificuldades dos alunos em compreender um determinado assunto, frustração ao lidar com comportamentos desafiadores na sala de aula ou estresse devido à carga de trabalho e responsabilidades [...] (PQ48, 2024 - professora da etapa de Finalização).

O insucesso da aprendizagem dos alunos reflete no aspecto técnico e emocional das professoras. A avaliação que esses profissionais fazem do seu trabalho docente reverbera na sua saúde emocional, pois não consegue diferenciar o que é de competência técnica e toma para si toda a responsabilidade dos resultados de seu trabalho. Mesmo vivenciando uma realidade que se mantém distante da qualidade e do bem-estar, essas profissionais ainda têm fôlego para dizerem: “muito difícil, mas tento levar da melhor

maneira possível" (Questionário PQ13, 2024), "um pouco cansada, mas ainda tenho forças para continuar minha jornada de trabalho" (Questionário PQ39, 2024).

Como suporte para esses profissionais, em 2019, foi estabelecida a Lei 13.935 que determina a presença de psicólogos e assistentes sociais na Educação Básica (Brasil, 2019). A presença de psicólogos na escola favorece a melhoria do processo ensino-aprendizagem e a criação de intervenções que visam à superação de processos de exclusão, patologização e estigmatização social, além de promover um olhar sensível para as demandas emocionais existentes. Ainda assim, as professoras questionam sobre a necessidade desse profissional nas escolas: "ausência de uma psicóloga para melhor orientação" (Questionário PQ2, 2024).

Das demandas emocionais positivas oriundas do trabalho docente, a mais recorrente foi sentir-se bem ao ver o aprendizado do aluno, o que implica na qualidade do seu serviço, bem como na relação interpessoal com o corpo discente, na harmonia do ambiente escolar, no compromisso e na responsabilidade de exercer a profissão com excelência e alegria:

> Por ser uma professora e contribuir na formação de alunos em transformação, procuro fazer com que eles entendam que precisam ter perspectivas, metas, desejos, assim, elevando a autoestima dos envolvidos no processo [...] (Questionário PQ23, 2024).

A professora destaca sobre a função do seu papel na formação dos alunos e se vê como responsável por fazer os discentes desenvolverem um olhar prospectivo sobre o futuro.

> Os professores percebem que o trabalho que eles exercem é essencial para o desenvolvimento dos alunos: Acredito que o trabalho docente ainda é extremamente importante na aprendizagem do aluno, por isso, busco fazê-lo lo com muita dedicação e compromisso [...] (Questionário PQ31, 2024).
>
> Diante da importância da função que exercem, buscam fazê-la da melhor forma possível, investindo tempo e afeto: Todo trabalho quando é feito com esmero, será visto, valorizado e aplaudido por muito, uma classe mais ainda em relação a aprendizagem sempre sairá ganhando, digo isso porque atuo nessa área de educação a três décadas e sempre aprecio o meu trabalho fluir, pais e entre outros mim elogiando, crianças chorando para ficar comigo, enfim, faço com muita dedicação e tenho muito orgulho em vê-lo frutificar. O tempo de atuação para alguns professores permite a promoção de autoavaliação, onde esses profissionais veem os frutos do seu trabalho por meio dos retornos dos pais e alunos, isso é motivo de orgulho [...] (Questionário PQ13, 2024).

Em contraposição, existem os docentes que se sentem bem no ambiente de trabalho. Se veem como parte importante do desenvolvimento dos discentes, a ponto de entender a profissão como uma missão, que deve ser realizada para além da técnica, com sentimento, com afeto. Para essas professoras, receber o elogio das famílias dos alunos, da equipe diretiva e o carinho das crianças é recompensador, motivo de grande alegria e satisfação; isso causa-lhes bem-estar, de modo que se deve "desenvolver o trabalho docente com amor", "bom humor para amenizar as emoções negativas", "entusiasmo, coragem, motivação, autoestima", "eu gosto do meu trabalho e da minha profissão", "sou feliz com minha profissão, apesar das [...]" (Dados Questionários, 2024). Apesar da dificuldade encontrada/vivenciada no trabalho docente, há, ainda, professores que conseguem se encantar com sua profissão.

Condição esta que, para Tenney, Poole e Diener (2016), o bem-estar do professor ocorre mediante a associação de grande número de experiências de sucesso e realização no trabalho, causando-lhe uma maior frequência de afetos e emoções positivas: "[...] a experiência da docência, que ajuda nos momentos que o corpo está cansado [...]"(Questionário PQ3, 2024). "Por meio das emoções podemos expressar de forma simples e natural. O que sentimos, em determinadas situações, seja elas boas ou ruins [...]" (Questionário PQ24, 2024). Existem professores que veem na docência motivos para relaxamento diante do cansaço, nesse sentido, essa experiência laboral é vista como positiva, capaz de compreender suas emoções e expressá-las naturalmente:

> É muito complexo trabalhar com uma classe heterogênea e níveis diversificados ao mesmo tempo é satisfatório ter o apoio da equipe diretiva dando suporte e orientando a utilizar os recursos necessários para o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos e aperfeiçoamento dos profissionais da educação [...] (Questionário PQ 30, 2024).

As professoras sinalizam o quanto a parceria na escola também favorece na qualidade do trabalho que oferecem, bem como na constituição do seu bem-estar. O apoio da equipe diretiva para as professoras é tido como positivo. Além disso, eles apontam, nesse caso, a necessidade de formação continuada como meio de aperfeiçoamento profissional.

As professoras veem o trabalho docente como algo que não é estanque, enrijecido, mas que está em movimento e promove evolução. A formação, como um dos eixos propostos pelos estudos do DPD (Ferreira, 2023), prevê a capacidade do professor

entender que o processo de aprender a ensinar tem longa duração e sem fim pré-estabelecido. Por meio da formação, o docente tem uma amplitude do seu papel, bem como a sua repercussão na vida dos educandos:

> Compreendo que o desenvolvimento do meu trabalho docente é um processo contínuo de aprendizado, crescimento e aprimoramento. Procuro constantemente me atualizar em relação às práticas pedagógicas, métodos de ensino, tecnologias educacionais e formas de engajar os alunos [...] (Questionário PQ48, 2024).

A prática docente se apresenta para essas professoras como uma possibilidade de oferecer uma preparação técnica e de vida para os alunos, por meio de uma prática pedagógica empática e humanizada:

> Continuo gostando do que faço, quero sempre fazer o melhor, mas as coisas não fluem mais como antes, as atitudes comportamentais de alunos e pais tem me deixado cada vez mais desanimada e impotente, principalmente diante da falta de "punição" ou decisões tomadas pela escola e Secretaria de Educação [...] (Questionário PQ34, 2024).

É certo que os professores precisam entender que faz parte da carreira docente essas mudanças que ocorrem na sala de aula. Esse novo perfil do aluno, com comportamentos indisciplinados, é a realidade dos tempos atuais, para isso, faz-se necessário a adoção de novas posturas para compreender esse novo momento, sobretudo, porque as exigências da profissão advindas das transformações sociais reverberam na sala de aula e os professores percebem e sofrem essas influências, porém, há um sentimento de bem-estar manifestado por alguns docentes que, apesar de tudo, sentem-se bem com o que fazem e permanecem gostando do trabalho docente. Ademais, percebem e destacam a necessidade de aperfeiçoamento em suas práticas pedagógicas; para eles, a formação continuada prepara o profissional para lidar com as especificidades dos alunos e, só assim, é possível promover o crescimento e o desenvolvimento destes com qualidade. Desse modo, “[...] temos que equilibrar nossas emoções, pois contribuímos na formação de pessoas em transformação [...]” (Questionário PQ49, 2024).

No tocante às questões emocionais, as professoras percebem que é importante compreender suas emoções, bem como buscar apoio que possa dirimir quaisquer empecilhos que impossibilitam o bem-estar docente. Por meio da autorreflexão e autocuidado, as professoras consideram que é possível desenvolver emoções positivas e estabelecer relações no trabalho que contribuam para novas conexões, e que sejam

positivas tanto para si quanto para os alunos:

> Emoções positivas poderiam surgir ao ver o progresso e o aprendizado dos alunos, ao receber feedback positivo sobre seu trabalho, ao estabelecer conexões significativas com os alunos e ao sentir-se realizado ao ver o impacto positivo que tem na vida deles. É importante para um professor lidar de forma saudável com suas emoções, buscando apoio quando necessário, praticando a autorreflexão e o autocuidado, e valorizando as pequenas vitórias diárias. Afinal, o bem-estar emocional do professor influencia diretamente seu desempenho e sua relação com os alunos [...] (Questionário PQ48, 2024).

Em relação ao relato anterior, é evidente que o professor percebe que cabe a ele a compreensão daquilo que acontece consigo e à sua volta. Praticar a autoreflexão e o autocuidado é uma capacidade que está para o autoconhecimento, que leva ao autocontrole; é uma forma de saber o que é bom para si e afastar-se do que não faz bem. A professora destaca sobre a importância de conhecer e possuir um bem-estar emocional, segundo ela, o domínio das questões emocionais influencia no desempenho do profissional, bem como do processo ensino-aprendizagem.

Logo, as professoras não oscilam ao afirmarem que “enfim sabemos que quando não existe investimento no bem-estar do profissional, todo o processo de ensino e aprendizagem é prejudicado”. Há aí, portanto, o reforçamento dado à importância do bem-estar do docente e a implicação dessa condição para a qualidade da aprendizagem do aluno.

A qualidade de vida é um eixo de discussão muito importante, quando se pensa no trabalho docente, especialmente porque questões sobre o adoecimento docente é outro tema com grande destaque e recorrente dentro das escolas públicas da Educação Básica (Nascimento; Seixas, 2020). Caracterizar o perfil pessoal-profissional desses professores pode contribuir com a possibilidade de reverter esse quadro caótico que compromete, demasiadamente, a qualidade de vida. Assim sendo, a profissão docente exige muitas habilidades e conhecimentos que precisam e devem ser construídos com formação e compromisso, quer seja no âmbito teórico-prático, quer seja nas experiências humanas diversas, sobretudo, na interação docente-discente (Nunes *et al.*, 2020). Dito isso, o contexto social tem ampliado as exigências e responsabilidades desses profissionais e, consequentemente, aumentado a complexidade das demandas escolares, bem como da sobrecarga de trabalho, o que culmina nessas exigências e habilidades, tanto emocionais quanto sociais para atendimento a esse cenário (Seixas, 2023).

A imprevisibilidade, bem como a dinamicidade dos tempos atuais, que leva a incertezas e instabilidades, promovem nos docentes grande alteração emocional (Reis *et al*., 2006; Santos, 2023). Ademais, lidar com as diferentes trajetórias de vida e expectativas dentro das salas de aula implica em o docente desenvolver diversas estratégias, o que é complexo e emocionalmente delicado, já que, além dos alunos, também há na escola outras relações que esse profissional precisa estabelecer e que, muitas vezes, tornam-se conflituosas.

Com isso, partindo da perspectiva de que os profissionais são expostos a situações estressoras (Costa; Rocha, 2013) e, constantemente amparadas na ótica da normalidade, muitas vezes, eles não compreendem a necessidade de uma busca por mecanismos e soluções para minimizar a situação, como no caso do uso da medicalização para suportar o processo (Facci; Esper, 2020). A medicalização é vista como um mecanismo para controlar o mal-estar emocional, pois além da precarização das condições materiais e simbólicas do trabalho docente, há também a precarização do bem-estar emocional e psicológico (Rocha; Soares; Rossetto, 2024).

Collares e Moysés (2014) destacam que os processos de medicalização consistem na diminuição dos problemas coletivos gerados pela dinâmica social, política e econômica ao campo individual. Luz (1986, p. 19), aprofundando sobre essa temática, acrescenta que "[…] a medicalização generalizada como substitutivo do que é retirado da maioria pelas condições sociais da produção: um mínimo de controle sobre as decisões de política econômica (salários, 'produtividade', planejamento da economia, etc.) conquistado historicamente a duras penas [...]".

Evidentemente, no panorama que se apresenta, os docentes estão diante de um trabalho insalubre, com sobrecarga de suas atividades laborais, em que são responsabilizados, exclusivamente, pelos resultados do processo educativo, sem, contudo, terem melhorias efetivas. Diante dessa realidade, é implementada a Lei nº 14.681/23, que dispõe sobre a criação da Política de Bem-Estar, Saúde e Qualidade de Vida no Trabalho e Valorização dos Profissionais da Educação (Brasil, 2023), como uma medida considerada necessária para desenvolver ações direcionadas para a atenção à saúde integral e à prevenção ao adoecimento, bem como de estimular práticas promotoras do bem-estar no trabalho de maneira sustentável, humanizada e duradoura. Podemos considerar a inserção dessa Lei como um avanço? O que tem sido feito, na prática, dentro do chão da escola, na hierarquia e burocratização do sistema e dos direitos desses profisisonais, para que essa Lei possa ser implementada? Será que a ideia de entender que

há uma Lei destinada à causa docente não impede que essa mesma causa seja, de fato, resolvida? Não será essa Lei um silenciamento? Ela é, demasiadamente, nova, ainda há tempo para a vermos agir e reagir em prol do que se propôs.

Sendo assim, pode-se inferir que, se um professor adoece, isso implica diretamente na qualidade do seu trabalho. Não perceber essa condição do docente é um prejuízo imenso para a educação que ele oferece, bem como para a sua saúde física e mental. Como o desenvolvimento de cada docente manifesta-se pelo processo de constituição da individualidade, pressupõe-se que este faz parte da história pessoal em um processo de interação com o mundo e com os outros por meios das vivências de vida pessoal e profissional.

4.2 Quando muitas coisas acontecem: percepções das professoras sobre o impacto do adoecimento psíquico no desenvolvimento profissional docente

O trabalho humano é constituído de atividade consciente e subjetiva, sua ação ocorre por meio de graus de autonomia e objetivação. No caso do trabalho docente, este possui uma autonomia maior porque, diante da relação que ele constrói junto ao aluno, é possível avaliar o planejamento *a priori* estabelecido, reorganizar as metodologias a partir de objetivos pedagogicamente concretos (Basso, 1998). Diante da realidade vivenciada por muitos professores, é imprescindível compreender o trabalho docente como unidade, com suas propriedades básicas pensadas em conjunto, articuladas, e não em elementos separados (Vygotski, 1993).

Apoiando-nos nas reflexões das ideias de Leontiev (1978) sobre o significado e o sentido da atividade para o professor, entendemos que o sentido aponta o caminho de ações para que o indivíduo se aproxime do significado da atividade que é construído no processo sócio-histórico (Leontiev, 2001). Sendo assim, a sociedade capitalista na qual vivemos, caracterizada pela divisão social do trabalho e divisão de classes, provoca a ruptura da integração entre o significado e o sentido da ação que, ao se separarem, tornam as ações alienadas, isso porque o sentido pessoal da ação não corresponde mais ao seu significado.

Em referência ao trabalho do professor, questionamos: O que constitui como significado da sua atividade? Sem dúvida, o ensino. Então, quanto mais ela for motivada e dirigida pelo significado social que representa, mais humanizados se tornarão os sujeitos dessa sociedade (Volpin, 2016). Primeiramente é importante delimitar se a atribuição que

o professor dá ao seu trabalho docente refere-se, exclusivamente, ao sentido de garantir a sua sobrevivência, ou seja, com a intenção, apenas, de aquisição de salário, o que elimina a sua consciência diante de sua ação. Se sim, tem-se o rompimento do significado social dessa prática e, consequentemente, da alienação do trabalho docente. Romper com essa alienação, por meio de práticas sociais consistentes, não depende, unicamente, das condições subjetivas desse profissional, assim como não depende, somente, da formação continuada que possibilita a compreensão dos objetivos de sua atividade, a dependência perpassa, principalmente, pelas circunstâncias e/ou condições efetivas que o professor está submetido para tal função.

A execução de atividades mecânicas causa o embotamento da prática do professor porque ele fica fadado a desenvolver atividades de repetição, que não garante progressão cognitiva no aluno e diminui a qualidade do processo educacional. Diferente do que fora discutido até aqui, a articulação dialética entre as categorias significado e sentido é favorável para a compreensão e qualidade do trabalho docente (Basso, 1998), o que evidencia a necessidade da construção de novas relações de trabalho na escola.

O trabalho docente acontece enquanto o professor experiencia na prática as vivências adquiridas, todavia, essas experiências são absorvidas de modos diferentes por cada profissional e reverbera de acordo com a subjetividade de cada pessoa e, diante disso, os afetos acontecem; e é na sala de aula, um espaço de conflitos constituídos por meio das relações interpessoais.

Segundo Tardif (2002, p. 130), "[...] uma boa parte do trabalho docente é de cunho afetivo, emocional, baseia-se em emoções, em afetos, na capacidade não somente de pensar nos alunos, mas igualmente de perceber e sentir suas emoções, seus temores, suas alegrias, seus próprios bloqueios afetivos [...]". Diante disso, ficam evidentes, na docência, os lados positivo e negativo. Existem profissionais que são afetados, negativamente, pelas interações da realidade do cotidiano da sala de aula, adoecem com essa experiência e, consequentemente, podem comprometer a relação com o trabalho docente, de modo que eles não conseguem se manter proativos, enquanto outros, apesar de todas as adversidades vivenciadas se sentem satisfeitos com a docência e não se veem exercendo outra função (Tardif, 2002).

Dentre os aspectos negativos, Rocha e Fernandes (2008) afirmam que a profissão docente encara altas exigências, como: baixa remuneração, desvalorização, ritmo de trabalho acelerado, desempenho por produtividade, falta de autonomia, desqualificação social e excesso de esforço físico e mental. São demandas que se atualizam

constantemente, devido às mudanças velozes da era digital, realidade essa que exige flexibilidade.

É um cenário favorável para os agravos da saúde psicológica e física dos professores, adverso à qualidade de vida desses profissionais, difundindo um modo de existir propenso a mal-estares e desestabilização de sua saúde. São agravos que levam ao adoecimento desse profissional, como destacam Silva *et al.* (2023):

> Ao apontar para um corpo que adoece, descontextualizado de suas condições de produção, limita-se a potência transformadora dos sujeitos, pois o foco recai sobre um corpo doente que deve ser medicado e não sobre um corpo docente que deve ser convocado a pensar os diferenciais de gênero, de valorização/desvalorização social e de invisibilidade do trabalho, nas mudanças da relação do sujeito atual com a verdade, o saber, e as novas formas de construção e alienação das relações de trabalho [...] (Silva *et al.*, 2023, p. 2-3).

O adoecimento ainda é percebido numa perspectiva individualizante, neste caso, culpabilizando o docente, o que representa uma perda da perspectiva histórica e social, pois o que acontece no plano individual também é coletivo (Silva *et al*., 2023). As condições de trabalho, segundo a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2021), se apresentam como principais fatores de adoecimento psíquico porque a docência é classificada como uma atividade de alto risco para a saúde mental e uma das mais estressantes. O contexto laboral dos professores apresenta riscos ocupacionais, a exemplo da carga horária excessiva que não se limita, simplemente, à sala de aula; a falta de reconhecimento da atividade desenvolvida; a desvalorização salarial; e a carência de apoio de todos os lados (López; Extremera, 2017).

Há uma cobrança excessiva sobre o trabalho dos professores, somada a outros fatores de igual teor de exigências que provoca uma sobrecarga mental e emocional. Mendonça e Bezerra (2010) alerta que o adoecimento docente interfere na qualidade da educação, principalmente, devido ao índice de absenteísmo e perda do interesse do professor pelo trabalho. Pode-se compreender esse desinteresse mencionado recorrendo às explicações de Leontiev (1975/2021), quando ele destaca que a estrutura da sociedade capitalista suscita no trabalhador a perda da conexão das ações que compõem sua atividade, tendo o trabalho características desumanizadoras e alienantes. E mais, os motivos determinam o sentido pessoal que o indivíduo cria entre ele e sua atividade, mediante as condições objetivas e as relações sociais em que é realizado (Leontiev, 2001). Dessa forma, o trabalho passa a exercer uma prática mecânica e alheia ao trabalhador.

Corroborando essa discussão, Basso (1998) defende que:

> [...] a perda de sentido do trabalho pedagógico compromete a qualidade de ensino visto que determinadas práticas estereotipadas vão se reproduzindo, e, em alguns casos, levam o aluno ao fracasso e a uma docência incapaz de analisar e enfrentar os problemas educacionais de modo a transformar a realidade [...] (Basso, 1998, p. 22).

Por isso, os estudos e pesquisas sobre essa temática são indispensáveis e favorecem a junção de subsídios para incentivar a construção de políticas públicas e programas que compreendam a dinâmica do trabalho docente, bem como as causas do adoecimento psíquico, e melhorem a qualidade de vida dos professores. Os dados apresentados no item a seguir referem-se aos produzidos através das entrevistas realizadas com as professoras Amor, Desafio, Responsabilidade e Solidariedade.

4.2.1 Quando o professor fala da sua prática: percepções sobre o impacto do adoecimento psíquico no trabalho e no comportamento das docentes

A relação do professor com o trabalho docente tem sido um tema caro de pesquisa científica, devido ao impacto que essa temática tem causado na qualidade da saúde física e mental desses profissionais, bem como no desenvolvimento da educação pública brasileira (Carvalho, 2014; Pereira, 2015; Crespo, 2016; Silva, 2017; Assis, 2017; Veloso, 2018; Fernandes, 2019; Silva, 2020; Moura, 2020; Pereira, 2020; Assis, 2020; Silva, 2021; Freire, 2023; Tomassini, 2023). Dentre os dados analisados, as interações no ambiente, as condições do trabalho, as características individuais das professoras foram unidades direcionadoras para compreensão dos elementos/aspectos analisados. Além, claro, do destaque para a desvalorização da profissão, o desgaste emocional, o não receber apoio social dos colegas e a necessidade de políticas públicas, pensando nos cuidados voltados para promoção e prevenção da saúde. As relações interpessoais estabelecidas com toda a comunidade escolar, principalmente com alunos e corpo diretivo, a peculiaridade das subjetividades, a medicalização como medida de compensação, o avanço da tecnologia para uso nas salas de aula, a mudança de comportamento dos alunos nos tempos atuais, se comparados com outras épocas, também foram elementos/aspectos que atravessam o trabalho das profissionais.

As professoras apresentam um grande mal-estar, resultante do trabalho docente e, para elas, os fatores que contribuem para essa condição negativa, diante da prática laboral,

são inúmeros, mas as relações estabelecidas dentro da escola, especialmente com a direção, a precariedade nas estruturas físicas e pedagógicas em que os professores trabalham, a indisciplina dos discentes, são as que mais produzem o conflito. Outro aspecto destacado pelas professoras foi o uso da medicação como medida de compensação diante do desgaste físico, psíquico e mental. Sem ela, em muitos casos, torna-se difícil, quando não impossível, manter o cumprimento das obrigações laborais.

As docentes também destacam sobre a dificuldade de exercer essa função, principalmente nos dias de hoje. Por exemplo, o modo como a indisciplina na sala de aula impacta no seu bem-estar e compromete a qualidade do ensino, provocando desregulação emocional, como estresse e medo exagerado, é um dos argumentos emergidos. Há, portanto, uma frustração por parte dessas professoras por não conseguirem cumprir com os objetivos propostos para a aula, devido aos comportamentos dos discentes. Segundo essas profissionais, houve muitas mudanças, as quais não estão conseguindo compreender e ter domínio sobre elas, isto é, há uma discrepância entre o perfil dos discentes do passado e os de hoje, o que, para elas, prejudica o processo de ensino-aprendizagem. Esses argumentos também integram o campo de questões consideradas a gênese do adoecimento das professoras:

> Que eu me lembre, sim. Algo para afetar meu psicológico, a ponto de eu sentir muito medo, foi. E assim, a partir daquele momento não foi só comigo, os meus colegas também sofreram, o que eu sofri, eles sofreram na semana seguinte, foi pior. Segundo o professor foi um momento em que ele sofreu aflição, um quebra-quebra, uma briga dentro da sala, após aquele dia, na aula do colega, então, o colega ficou paralisado diante daquela situação. Talvez eu tenha até passado por algo parecido antes, não sei, mas, naquela época eu não tinha o transtorno que eu tenho hoje, antes eu era uma pessoa forte [...] (Entrevista, Solidariedade).

A professora Solidariedade relata sobre o impacto dos perfis dos novos alunos, dos tempos atuais, causando-lhe alteração emocional fortíssima, a ponto de desenvolver ansiedade, medo pelas relações conflituosas (agressividade, brigas); “[...] antes eu era uma pessoa forte” (professora Solidariedade). A professora afirma que as relações com os discentes não são fáceis na sala de aula, pois não mantêm o respeito e a obediência às regras sociais, impostas pela escola; a agressividade provoca danos na qualidade de vida do professor, gerando insegurança, medo, ansiedade, dentre outros transtornos:

> Eu me sinto bem por ainda estar na luta em favor dos alunos, porém, em alguns momentos eu me sinto triste, principalmente quando trago o plano de aula e não consigo, de forma objetiva, alcançar um bom resultado, até mesmo devido ao meu comportamento de ansiedade, a falta de disciplina dos alunos dentro da sala de aula. Porque hoje em dia os nossos jovens não estão sendo fáceis, diante disso me sinto fraca [...] (Entrevista, Solidariedade).

Ante o comportamento dos discentes em sala de aula, a professora Solidariedade oscila no seu fazer docente para conseguir ter domínio de sala. Ainda não se sabe se o professor perdeu a capacidade de controlar a disciplina na sala de aula ou se o aluno já não é o mesmo. De uma coisa não resta dúvida, as mudanças que estão acontecendo na escola, principalmente na sala de aula, e que estão sendo ditas pelos docentes estão comprometendo a qualidade do ensino porque esses profissionais afirmam que está difícil levar os discentes a se apropriarem dos conhecimentos; a indisciplina é uma das responsáveis pelo agravamento dessa relação, uma vez que favorece um ambiente estressante e ainda mais desafiador para o professor. Silva (2017) e Freire (2023) confirmam essa situação em seus estudos.

Percebe-se que essa alteração no comportamento dos alunos não se restringe aos adolescentes; são relatos de profissionais afirmando que até em turmas da Educação Infantil a manutenção do controle é complexa. Segundo Assis (2020), leva-se um tempo maior para que o professor se acostume com a turma, de modo que ele consiga adentrar e modificar comportamentos. São esses mecanismos adaptativos que, segundo Carvalho (2014), tornam os professores mais vulneráveis física e mentalmente, levando-os ao adoecimento psíquico.

> Com o comportamento da turma quando eu cheguei, diante de tantos anos de ensino, de trabalho, eu ainda não tinha visto uma turma com crianças com tantos comportamentos diferentes. Eu achei que fosse impossível acontecer isso em sala de aula. Nunca vi, depois fui me acostumando com eles, fui moldando, eles foram mudando um pouco e agora estou mais acostumada com eles, estou mais tranquila [...] (Entrevista, Responsabilidade).

Pensando criticamente, entende-se que emerge desse processo mais uma problemática para a educação, já que esse tempo enorme de adaptação e controle é um prejuízo incalculável para o desenvolvimento dos alunos. Concomitante à nova postura do discente na sala de aula, as professoras apontam, como exemplo, os impactos da pandemia no trabalho docente, como o sofrimento emocional ante às exigências do

sistema em se adaptar ao uso das tecnologias como forma de acesso aos discentes no período do isolamento social. Na tentativa de adaptação para cumprir às exigências pedagógicas, havia manifestações emocionais de choro, de frustração, de baixa apreciação de si, além das dificuldades estruturais, como a precariedade das condições financeiras para uso da *internet*, dos aparelhos de celular e, principalmente, formação continuada para saber lidar com essa nova forma de ensino exigiu do professor uma reaprendizagem e formas de enfrentamento (Ferraz; Ferreira; Ferraz, 2021).

Segundo as professoras, essa contradição/disparidade entre o cumprimento das exigências pedagógicas e a ausência de apoio do sistema educacional diante do novo momento social, devido à Covid-19, provocou um grande mal-estar. Foram preocupações sobre suas próprias situações e das condições precárias da maioria dos discentes, os quais não tinham como corresponder às exigências do momento, em virtude das desigualdades sociais, além da própria depreciação que o professor desenvolvia por si, uma vez que não conseguia realizar no seu trabalho docente, concomitante ao avanço da tecnologia, sem a devida formação e preparo para lidar com essa nova forma de ensinar:

> No período da pandemia a gente sofreu muito, muito mesmo. Tinham dias que eu chorava por não dar conta da tecnologia. Eu não tinha internet, aparelho de celular e computador adequado. A gente sem estrutura nenhuma e o sistema só exigindo, cobrando sem parar. A gente sem formação alguma para dar conta da situação. [...] Foi loucura, foi desespero, eu ficava me sentindo bastante fraquejada por eu não conseguir chegar naquele objetivo, devido à falta de experiência com a tecnologia, eu senti muita dificuldade [...] (Entrevista, Solidariedade).

Essa realidade não é exclusividade do profissional, infelizmente o advento da pandemia impactou/influenciou a prática pedagógica e alterou a proposta educativa, exigindo com velocidade uma mudança no fazer pedagógico. Foram alterações estruturais, físicas e psíquicas violentas, deixando os professores à mercê de cobranças/exigências, pressão, falta de conhecimento diante das ferramentas tecnológicas:

> Durante a pandemia, eu mesma como professora senti muita dificuldade. Falar a verdade eu não sabia mexer em tecnologia de jeito nenhum. Tive que aprender mesmo, a força. Porque foi uma coisa nova para a gente, e nós tínhamos que continuar a aula de qualquer forma. Ficamos seis meses para poder adaptar a essa nova tecnologia durante a pandemia, mas consegui, não foi fácil [...] (Entrevista, Desafio).

Ferraz *et al.* (2021, p. 331) destacam que, "[...] inegavelmente, alunos e professores foram lançados em uma configuração de ensino e aprendizagem para a qual não estavam preparados [...]". De fato, ao se buscar as produções científicas desse momento (Cruz; Coelho; Ferreira, 2021), vê-se um número significativo de relatos de professores denunciando o sofrimento vivenciado nesse período; foi uma sobrecarga violenta com resultados ainda piores. Aquilo que estava ruim conseguiu ficar ainda pior, o trabalho do professor ficou "[...] mergulhado na complexidade das ações que o ensino remoto demanda e, diante da ausência de formações mais significativas e de efetivo apoio pedagógico, busca promover situações de ensino-aprendizagem, mesmo em um contexto de intensa precarização do seu trabalho [...]" (Ferraz *et al*., 2021, p. 331).

Outro dado refere-se à ampliação da discussão sobre a insegurança das docentes diante da autoridade pedagógica na sala de aula, principalmente na relação com o discente. As professoras afirmam que preferem se eximir de determinadas ações em detrimento de outras, devido à dificuldade em lidar com o discente na sala de aula, o que indica ser a sala de aula um lugar de alto nível de estresse, o que dá margem à compreensão de a docência ser vista como uma atividade que traz risco para a saúde (Crespo, 2016). Segundo Silva (2019) isso ocorre, principalmente, devido à transição do docente entre os múltiplos papéis exigidos pela sua profissão, como identificados nesta investigação.

Diante desse descontrole emocional, outros modos de ação aparecem como forma de não confrontar a situação:

> Tem momentos que não consigo me controlar emocionalmente, tem vezes que deixo de dizer um não, digo um sim para evitar um problema. Por exemplo, o aluno não quer copiar aquela atividade, não quer participar daquela aula, ele diz não vou fazer isso, não estou a fim. Aí eu digo para eles tudo bem, tem problema não, depois você faz. Em outro momento, se eu questionar eu vou confrontar a situação e aqui a gente encontra muito dessa situação, e eu sinto muita dificuldade [...] (Entrevista, Solidariedade).

A professora Solidariedade afirma realizar concessões na sala de aula para manter a harmonia do espaço, ou pelo menos para não criar mais conflitos, quando o aluno diz que não fará o que a professora sugeriu como atividade; e ela, assim, se vê obrigada a aceitar tal comportamento. O que fica evidente é que a professora prefere fugir do conflito estressor, entretanto, essa postura implica no desenvolvimento de preocupações por parte dela; não há um bem-estar diante dessa situação. Destacamos, também, as demandas

oriundas das relações interpessoais na sala de aula por serem estas, demasiadamente, difíceis, todavia, inevitáveis como, por exemplo, as dificuldades de aprendizagem apresentadas pelos discentes e/ou os comportamentos excessivos:

> Quando eu digo dificuldades, às vezes com um aluno, podemos dizer assim, dificuldades de aprendizagem. Um aluno que tem um comportamento um pouco mais excessivo que os outros, porque tudo isso gera problemas, gera conflito em sala de aula e que a gente tem que lidar no nosso dia a dia [...] (Entrevista, Amor).

Considerando o relato da professora Amor, existe toda uma situação na sala de aula, contudo, a que mais impacta o professor é, sem dúvida, a dificuldade em lidar com o aluno que apresenta comportamentos excessivos, indisciplinados, autoritários. Todavia, há, por parte das professoras, uma sensibilidade em compreender que muitos desses comportamentos dos discentes podem ser reflexos das famílias, das condições particulares de cada um deles, que reverberam na sala de aula, provocando essas disrupturas que afetam as professoras, a ponto de elas pedirem afastamentos ou transferências para outras escolas, como no caso da professora Desafio:

> Quando eu saí aqui em 2010, eu não estava bem. Como eu te falei tinha duas crianças que não permaneciam na sala, outra que cuspiu em minha cara, era filho de um pai que tinha separado da mãe e estava criando-o só. O pai não estava tendo controle com ele, ele cuspiu em mim. Aí como eu também estava com problema pessoal eu pedi para afastar [...] (Entrevista, Desafio).

Assim, das relações interpessoais, a indisciplina se apresenta como um dos indicadores de frustração das professoras, que implica no desenvolvimento de transtornos mentais, como ansiedade e, consequentemente, na qualidade do trabalho docente e na saúde psíquica desses profissionais.

Por outro lado, as professoras indicaram, como um dos sinalizadores de bem-estar, a construção do aprendizado do discente. Isso causa-lhes satisfação porque, para elas, significa que o resultado do seu trabalho é positivo, uma vez que o discente aprendeu o que foi ensinado e, consequentemente, esse bem-estar implica, diretamente, na sua saúde psíquica. Em comparação ao proposto por Leontiev (2001) sobre o que incita a ação, no caso do professor, a aprendizagem dos alunos pode ser o motivo que gera a satisfação desde que este (o professor) não esteja vivenciando um processo de alienação oriundo das relações de trabalho:

> E a minha preocupação, o que mais eu prezo em meus alunos é o aprendizado dele. Aquele aluno que tem a responsabilidade de cumprir com suas responsabilidades, é muito bom, me deixa muito satisfeita. Não digo só na quantidade, mas na qualidade dos nossos alunos, quando a gente percebe que eles compreenderam o que foi ensinado por nós. Eu saio daqui muito feliz quando vejo que eles aprenderam. [...] Eu saio daqui com meus objetivos alcançados e outras vezes eu saio daqui abatida por não conseguir alcançar. Mas, eu tenho consciência que eu faço um trabalho que leva um bem-estar para meu discente. Eu, às vezes, assim quando recebo um elogio de uma mãe, um carinho de um discente, eu vejo que está surtindo efeito do meu trabalho. Eu queria fazer melhor, mas, devido ao cansaço, a gente deixa um pouquinho a desejar. Mas, eu busco muito, eu preocupo muito de trazer o melhor para meus alunos; eu procuro estudar. Agora mesmo eu terminei uma pós-graduação, eu senti a necessidade de fazer esse curso para eu entender melhor a situação dos meus alunos com dificuldades especiais. Nós temos muitos alunos portadores de necessidades, e eu busco estudar para eu entender melhor meus alunos [...] (Entrevista, Solidariedade).
>
> Eu preocupo com a situação do discente, se não está aprendendo eu preocupo, se não está comportando bem eu preocupo, isso afeta o psicológico da gente, não tem como, não é? [...] (Entrevista, Desafio).

No relato das professoras Solidariedade e Desafio, há um desgaste, um cansaço, insatisfações, no entanto, elas defendem que perceber a evolução cognitiva do aluno é motivo de grande satisfação para si. Importante indagar, então: Como que, mesmo diante das dificuldades enfrentadas, de o próprio aluno ocupar o lugar de variável estressor, a sua aprendizagem, o seu bem-estar torna-se motivo de satisfação e alegria para o professor? O que lhes causa, exatamente, esse bem-estar? É saber que o aluno está aprendendo apesar de tudo, ou saber que o seu trabalho docente, mesmo assim, tem qualidade e faz com que o aluno aprenda? A aprendizagem dos alunos como satisfação direciona a necessidade de construção de conhecimento para compreender o que está no entorno do processo de aprendizagem do discente, mesmo diante da preocupação, do cansaço: “Eu queria fazer melhor, mas, devido ao cansaço, a gente deixa um pouquinho a desejar [...]” (professora Desafio). Então, para as professoras, a percepção do desenvolvimento do seu trabalho está embricado no sucesso da aprendizagem do discente; se ele (o discente) aprendeu, a professora entende que o seu trabalho foi favorável e se sente bem, caso contrário, o mal-estar prevalece:

> Hoje em dia a sala de aula, pelos alunos que nós temos, são 31 alunos na sala. Então, muitas vezes bem que contribui um pouquinho. A tecnologia está aí e os alunos não são como antes. Muitas vezes, a tecnologia ajuda, outras vezes atrapalha e são alunos que estão na fase

> da pré-adolescência. Você fala, fala e eles não param, não ouvem, a gente fica agoniada, a gente quer passar para eles o conhecimento, transmitir o conteúdo, mas tem horas que a gente não consegue, por causa desse motivo. Então isso aí contribui para a ansiedade, a gente chega em casa, faz uma análise e vê que não fez o que queria fazer hoje, por causa da turma [...] (Entrevista, Responsabilidade).

Nesse sentido, há também a interpretação das professoras sobre o bem-estar do discente que depende do modo como o professor desenvolve sua prática pedagógica, por isso, segundo elas, é preciso investir em formação continuada para, assim, compreender melhor as especificidades e particularidades de cada discente e poder contribuir de forma significativa para a construção da aprendizagem. A preocupação com o aprendizado do aluno é pauta imprescindível do trabalho docente, pois as professoras percebem que a não aprendizagem é motivo de tormento para si, de modo que influencia na sua qualidade de vida, desenvolvendo sintomas, como a falta de sono, a impaciência, a preocupação excessiva, o estresse, a ansiedade:

> No início até o sono fugia. Eu preocupo, não é? Com a aprendizagem deles, eu quero ajudar eles. Eles falam assim: Ah, tia você preocupa demais, eu até perdi um pouco o sono. Mas eu fui, não é? Não cobrando tanto, com uma turma dessa aí é até difícil mudar eles, assim, do jeito que eu quero, eu acho que eu queria assim rápido, mudança rápida, mas aí todo mundo na escola já percebe, não é? Que eles já mudaram, tinham alunos que não permaneciam na sala, este ano eles já permanecem. Como eu te falei, no início eu perdia até o sono, preocupada com eles, ver o jeito deles assim, eu fui conversando [...] (Entrevista, Desafio).

As condições de trabalho são impostas ao professor e, inevitavelmente, leva esse profissional ao desgaste total, ocasionando uma relação doentia com o trabalho docente, em que muitos deles ficam esteados pela medicalização, a fim de dar conta das demandas de seu ofício. Como consequências, surgem sintomas físicos que denunciam um problema ainda maior: o adoecimento psíquico do professor. A saúde mental dos professores tem se agravado e, dentre as queixas, estão sentimentos intensos e frequentes de ansiedade, baixo rendimento e cansaço excessivo e dificuldades para dormir, além de dificuldade de socialização, isolamento e sensação permanente de tristeza (Lyra, 2022). Dessas consequências, como já dito anteriormente, o cansaço é um aspecto que aparece com recorrência do desgaste emocional e que implica no trabalho docente. As professoras sinalizam que o cansaço se torna um empecilho para o oferecimento de um trabalho com mais qualidade, ou seja, muito tempo de serviço, salas superlotadas, relações

interpessoais difíceis, indisciplina, burocracias do sistema, o desgaste físico e emocional, dentre outros, são fatores que promovem essa condição:

> Não tem explicação, é cansaço. Muito tempo de serviço, eu comecei muito nova. Com 15 anos de idade eu assumi uma sala de aula e estou até hoje, graças a Deus. Então, chega um momento que a gente vai enfraquecendo. [...] é a luta, o cansaço do dia a dia, isso afeta muito a pessoa, um desgaste físico e mental. Eu acredito, não só eu, têm uns colegas aqui que queixam as mesmas coisas como uma colega aqui que pediu aposentadoria por motivo de cansaço, desgastou. Ela não estava nem a fim de aposentar agora, mas não conseguiu, não aguentou. Não está sendo fácil hoje para um professor de 40 horas lidar com a sociedade em si, nos últimos tempos, não está sendo fácil. [...] Excesso de carga horária mesmo. Cansaço, me sinto um pouco cansada, muitas cobranças em cima da gente. Às vezes são pequenos detalhes que lhe deixam chateadas, muitas perseguições, é isso, não sei nem expressar [...] (Entrevista, Solidariedade).

O cansaço está se tornando determinante na vida dos professores, influenciando de tal modo que altera até os planos a longo prazo. Essas alterações promovem grandes consequências na atuação docente, dado esse confirmado no estudo de Ferreira (2023) sobre o desenvolvimento profissional docente. A professora Solidariedade, no relato acima, afirma que, ao longo do tempo de docência, o cansaço paira e a enfraquece como profissional, além de determinar decisões como a antecipação da aposentadoria. Situação esta que tem como consequência, provavelmente, pela solicitação da aposentadoria antes do prazo, sem ser amparado por lei, a perda de direitos que serão descontados no seu salário. Sendo assim, o adoecimento tem impactado a vida do professor por meio de sintomas como o cansaço extremo, a ansiedade, a frustração, a angústia, dentre outros. Esse impacto interfere nas relações pessoais e profissionais que o professor mantém e, consequentemente, atinge o seu desenvolvimento profissional.

Para a professora Solidariedade, os conflitos vivenciados na sala de aula provocaram nela problemas orgânicos de saúde, como hipertensão e cefaleia. Solidariedade afirma que o modo de corrigir o discente, hoje, a prejudica dando-lhe razão em todas as circunstâncias. Na tentativa de correção do discente, o professor é que sofre as consequências, o que provoca nele grande aborrecimento, além de alterações emocionais e comportamentais, conforme dados do estudo de Carvalho (2014), Silva (2017) e Freire (2020):

> Eu acho que lidar com o problema ali na sala de aula, talvez seja mais fácil do que você lidar com ele no seu interior, assim com a gente

> mesmo. Porque na sala de aula a gente consegue resolver o conflito, mas ele acaba não saindo da gente. A gente acaba levando para casa, acaba interferindo. Por exemplo, a gente sai de uma sala, entra na outra e aquilo que você passou numa sala anterior acaba interferindo, mesmo que você não queira, mas você não consegue desvincular totalmente dele e isso gera muitos problemas para a gente. Quando você chega em casa você já está estressada e às vezes com os nossos. Em casa qualquer coisinha ali já desencadeou um conflito, alguma coisa, ou um estresse maior. Eu tenho problema de dores de cabeça séria, de enxaqueca, sempre desencadeia um problema desse, uma dor de cabeça, sei lá, ansiedade e sempre acontecem esses problemas devido ao conflito de sala de aula. A gente acha que no momento que está na sala de aula que ele não interferiu tanto na sua vida, mas quando você começa passar dias e dias naquela situação você percebe que você está ansiosa. No meu caso na minha ansiedade eu como compulsivamente sem perceber que estou comendo, as vezes engordo bastante, tenho muitas dificuldades para lidar com essa situação no meu eu [...] (Entrevista, Amor).

O que se percebe pelo relato da professora Amor é que não há uma desvinculação da situação vivenciada de sua vida profissional e pessoal. As consequências, como pressão alta, enxaquecas, alto nível de estresse, agressões, uso de medicação, são agravadas e acabam por impactar o seu próprio trabalho docente e o como ela se relaciona com a docência.

> Eu tenho sempre problema de pressão alta, mas eu acho que desencadeou a partir disso, porque é uma carga de estresse muito elevada, muito alta. Eu já fui agredida por aluno na sala de aula, tenho marcas de agressão de aluno. A gente tem muitos problemas, a gente sabe que aluno é prioridade na sala de aula, mas tem casos de alunos ter sempre razão na escola, de o aluno nunca ter uma punição, de toda aquela carga sobrar para o professor, então, eu desencadeei pressão alta a partir daí, eu tomo remédio, pois sou hipertensa há mais de 20 anos e acredito que foi a partir daí, as enxaquecas, principalmente. Eu chegava em casa com muita dor de cabeça, eu não conseguia dominar, então, aquele estresse da sala de aula, eu sentia muita dor de cabeça, eu vomitava bastante, porque as minhas dores de cabeça sempre davam muito vômito. Eu tenho isso na minha família, mas eu acredito que desencadeou a partir daí, de todo esse estresse, de toda essa situação que a gente passa na sala de aula [...] (Entrevista, Amor).

Os problemas enfrentados pelas professoras não se restringem aos da sala de aula, somam-se a eles os problemas pessoais, como os familiares, por exemplo. Então, há um acúmulo de situações adversas, tanto na escola, como fora dela, que impactam o bem-estar do professor e que condicionam ao estresse e, como consequência, o adoecimento (Crespo, 2016; Silva, 2017; Moura, 2020; Freire, 2023). Para a professora Amor, com a

adesão da *internet* na escola, o seu uso tornou-se indispensável, todavia, os professores se queixam que a instituição escolar não oferece condições apropriadas para o bom uso dessa ferramenta, e por ser um componente de grande utilidade, o não uso, no horário adequado, implica num acúmulo de tarefas que desorganizam toda a vida laboral do profissional, como relata a professora Amor:

> A gente fala sala de aula, porque eu passo oito horas por dia, de segunda a sexta na sala de aula. Mas eu sei que não é só na sala de aula, os problemas, as dificuldades que a gente tem no dia a dia, na nossa vida. A gente tem família, tem filhos, netos, tudo isso também é problema, para mim, principalmente, é problema de estresse. [...] A gente tem sala de informática, um laboratório, uma biblioteca toda equipada, mas os aparelhos não funcionam, porque a gente não tem esse suporte da internet, eu não me conformo que uma escola desse porte deixe faltar o básico que é a internet, é uma ferramenta do professor. Eu vou para a sala de aula eu tenho que ligar meu celular nos dados para fazer chamada, nos orientam a fazer a chamada depois, mas eu tenho 30 alunos, três salas, eu vou chegar na sala e saber quem estava ou não? (Entrevista, Amor).

Quando relatam não ser somente na sala de aula, isto é, no trabalho, mas que este atravessa também o desenvolvimento pessoal, há uma compreensão da indissociabilidade do pessoal para com o profissional. Ferreira (2023, p. 56) diz ser um erro "[...] desvincular a história de vida do professor do ser profissional […]. É consenso que os aspectos pessoais e profissionais estão associados num processo de desenvolvimento. Também é um erro separar trabalho emocional de trabalho intelectual no processo de ensino [...]". São condições que levam ao estresse e, com isso, à percepção, como na fala das professoras; os problemas pessoais e profissionais se interrelacionam. Como somos, portanto, manifestações do processo evolutivo, tanto individual (história pessoal de desenvolvimento) quanto coletivo (os outros, os contextos), o estudo do desenvolvimento profissional docente permite, dessa forma, compreender esse processo (Ferraz, 2022).

Desse ponto de vista, o adoecimento psíquico causa grande impacto numa pessoa, em muitos casos, sua manifestação ocorre por meio de sintomas físicos. Apesar desse quadro, a professora Desafio continua no trabalho se esforçando para manter-se proativa, mesmo que ainda esteja apresentando sintomas como a ansiedade:

> Essa ansiedade, assim, tudo o que é novo temos um pouquinho de receio, fica com aquela cisma, será se vou conseguir, será se não vou. E a ansiedade acaba prejudicando, por mais que a gente tenta sair, ela acaba prejudicando. Qualquer coisa a gente coloca na cabeça, será se

> vou conseguir ou não, será se vou dar uma boa resposta, será se vou conseguir almejar o que ela consegue tudo, mas, a gente tenta. [...] isso me prejudica um pouquinho, porque eu acabo me prejudicando para não passar para meus alunos o que eu sinto realmente. Alguns que me conhecem percebem, hoje ela não está bem, hoje a professora está brava, a professora vai embora porque não está boa hoje [...] (Entrevista, Desafio).

Percebe-se que parte das manifestações são psicossomáticas, uma forma de manifestação emocional que reverbera no corpo, ou seja, são sintomas físicos com causas emocionais; e a ansiedade permeia as falas das professoras como um dos sintomas mais intensificados no dia a dia da vida laboral:

> Olha, a ansiedade é uma coisa muito difícil da gente lidar, por mais que a gente tenta, sozinha a gente não consegue. A ansiedade causa muito medo, a insegurança, a falta de ar, é muita dor de cabeça, o que mais me prejudica, fora os sintomas corporal da mente, da gente, em sala de aula, é mais a insegurança mesmo. A insegurança de passar para eles e a insegurança se eu estou realmente explicando para eles, e passando direitinho o que é de passar para essa turma, que é uma turma de pré-adolescente, turma difícil de lidar, e respiro, muitas vezes já consegui. Porque já tem oito anos que eu tenho ansiedade, mas graças a Deus até hoje eu consigo realizar minhas tarefas, minhas atividades na área da educação. E a crise de ansiedade é uma coisa que eu não desejo para ninguém porque quando a gente está com a crise de ansiedade. Eu já fui parar no hospital esse ano duas vezes. Uma vez o médico achou que eu estava infartando, tendo AVC, aquela falta de ar, a pressão alta, dor de cabeça, dormência no corpo [...] (Entrevista, Responsabilidade).

A professora Responsabilidade relata sobre a dificuldade de lidar com o transtorno de ansiedade, a insistência em tentar resolvê-la, a consciência de que, para essa condição, precisa de ajuda, pois sozinha é ainda mais difícil. Também reconhece essa necessidade e acredita que há comorbidades, ou seja, a manifestação de outros sintomas atrelados a esse. Responsabilidade manifesta uma postura empática, preocupada com o impacto que sua condição (o mal-estar diante dos sintomas físicos) pode causar nos discentes. Para ela, os sintomas de ansiedade a maltratam muito, de tal modo que ela não deseja a ninguém passar por essa experiência. Como dito pela docente, a ansiedade desencadeia vários sentimentos, como medo, insegurança, inclusive diante da própria prática pedagógica, além de sintomas orgânicos que podem ser confundidos com problemas físicos, como Acidente Vascular Encefálico.

Diante desse quadro, as professoras Solidariedade, Desafio, Responsabilidade e Amor sinalizam também a necessidade do uso da medicação para a compensação dos

sintomas. São ansiolíticos e antidepressivos para uso frequente, como forma de suportar as demandas do trabalho, então, o acompanhamento com o psicólogo e com o psiquiatra são necessários para ajudar na amenização dos impactos do adoecimento:

> Desde 2019 eu já tenho acompanhamento psiquiátrico, tomo minha medicação, tenho relatório, a partir de maio de 2019. Tomo antidepressivo para dormir, a ansiedade toma conta se eu não tomar. Quando fico sem tomar a medicação dois ou três dias eu já sinto a diferença emocionalmente. [...] Se eu não tomasse remédio, se eu fosse uma pessoa que dependesse da medicação para dormir, se eu não tivesse essa crise de ansiedade, essa inquietação que traz a ansiedade, talvez fosse melhor para eu lidar, traria mais tranquilidade no meu trabalho. Eu tenho pânico, medo, então, qualquer situação é motivo de muito medo para mim. Eu tenho muito medo. Eu tenho medo se alguém fala de mim. Eu tenho medo se meu discente perder. Eu tenho medo se meu discente questionar. Minha preocupação é medo, então, eu tento fazer o melhor para agradar a todos para eu não ter problema com ninguém [...] (Entrevista, Solidariedade).

Para Solidariedade, a experiência do uso de medicação tornou-se tão necessária que, o não tomar gera um impacto orgânico muito grande como, por exemplo, no controle dos sintomas da ansiedade e para dormir. Alega que através da medicalização se mantém proativa no trabalho, enfatizando que, se não fizesse uso da medicalização, sua prática seria melhor. Para ela, todo esse esforço tem relação com o medo da desaprovação alheia, o olhar do outro lhe é perturbador, por isso, faz de tudo para corresponder às expectativas de todos. Para Levinas (1988), o olhar do outro remete o sujeito para si mesmo e serve de mediação no seu processo de identificação. “O outro atua como um espelho que remete para o eu, ao permitir construir a sua identidade [...]” (Guerreiro, 2022, p. 4). Nas relações sociais que estabelece, o sujeito é influenciado pelo outro, “[...] nasce e cresce sob o olhar do outro, ele sabe de si através do outro, percebe-se e constitui-se nos termos do outro [...]” (Guerreiro, 2022, p. 5).

Já a professora Desafio faz uso da medicação para tratamento da labirintite (o que ainda duvida ser a causa das suas tonturas) e, quando não usa, os sintomas aparecem novamente, problema este que só amenizado quando faz tratamento com o psiquiatra:

> Eu acho que eu precisaria dos dois, psiquiatra e psicólogo. Fui ao clínico e ele falou que era labirintite e até hoje eu não sei se era mesmo labirintite. Eu estou tomando esse remédio e sempre que eu paro eu sinto a tontura de novo. Eu pensei... esse remédio não está me tratando! Quando eu passei com o psiquiatra que eu comecei a tomar o

> medicamento que parou e tirou todos os sintomas [...] (Entrevista, Desafio).

O psiquiatra é um especialista para transtornos mentais, logo, após ter procurado esse profissional e ter seguido com o tratamento, os sintomas de tontura da professora Desafio desapareceram. O adoecimento psíquico pode ser manifestado por meio de psicossomatias, que são demandas emocionais manifestadas no corpo, por isso, geralmente, as pessoas procuram outros especialistas, até descartarem as possibilidades orgânicas e serem encaminhadas para psicólogos e psiquiatras e iniciarem o tratamento adequado:

> Então, eu tive uma conversa com um médico uma vez, inclusive nem é da área, um cardiologista. Passo com ele às vezes porque eu tinha picos de pressão alta, muitos picos de pressão alta. Eu conversando com ele sobre essa carga horária, sobre essa situação, ele me falando que precisava ter momentos em que quando eu não estivesse na escola que eu pudesse arranjar jeito de desvincular. Daí fui pensando e percebi que ele tinha razão. Eu consegui buscar isso de alguma maneira, porque nos finais de semana eu sempre levava muitas atividades para casa, aí hoje os coordenadores falam, tem tal coisa acumulada, mas eu não estou me preocupando com isso. Finais de semana é meu agora e eu não preocupo mais com atividades. Tanto é que já tem um bom tempo que eu não tenho mais enxaquecas, não tenho mais dores de cabeça, às vezes tenho uma dor ou outra, mas não como antes. Já passei a ficar dois, três dias e fiquei internada; três dias com dores fortes, dores de cabeça, causava pressão alta. Eu ficava internada com pressão alta e foi num desses dias que eu passei três dias internada aqui no hospital [...] (Entrevista, Amor).

O corpo, segundo Ávila (2012, p. 37), é compreendido enquanto "[...] lócus do sofrimento na forma das doenças psicossomáticas [...]", o "corpo psicológico". Conceitualmente, o sintoma psicossomático é compreendido "[...] como um processo em que uma questão subjetiva segue um caminho adverso: ao invés de conseguir aceder à mente, como processo mental, ou seja, representação, esta situação se traduz corporalmente, ou seja, se apresenta como expressão do corpo [...]".

Já a professora Responsabilidade faz uso da medicação para dormir, como esquiva de sintomas de pressão alta e ansiedade:

> Eu tomo antidepressivo, parei uns tempos por conta própria, mas aí vieram os problemas tudo de novo, aí continuei. Tomo o remédio para dormir, acho que o remédio para dormir tem uns cinco anos que eu comecei e se eu não tomar qualquer calmante para dormir eu passo a noite todinha acordada e começo a pensar coisas, aí vem a pressão alta

> mesmo. Antidepressivo é direto, inclusive esse último está me prejudicando, está fazendo com que eu perca o apetite, estou perdendo peso, vou passar para ver se muda. [...] tem dois meses atrás eu senti uma tontura, chegando no portão de entrada, antes de eu entrar. Acho que a tontura foi tão forte que eu caí, e quem me socorreu foi a vice-diretora. Essa tontura tive no primeiro horário, fui para a sala de aula, dei o primeiro horário e umas nove horas eu não estava aguentando a tontura fui para a emergência do hospital. O médico que estava atendendo na hora me deu um atestado, mas a gente não é amparado pela gestão da escola. Eu tenho cinco licenças, estou desde a semana passada tentando conversar com o gestor para me dar essa licença, pelo menos uma, porque eu não estou aguentando ficar na sala de aula, por motivos de doenças, mas, por enquanto, até no momento não obtive nenhum retorno. Olha que são cinco e não tirei nenhuma e agora que eu estou precisando para tirar eu não consegui ainda. Mas a gente não é bem amparado pela gestão, pela secretaria, pela diretora, porque já aconteceu vários casos aqui de outros professores estarem da mesma forma também e depois que acontece o pior aí que vai tomar providências, mas aí é tarde. [...] A gente acaba adoecendo mais ainda; a gente fica agoniada mais ainda; a gente revolta mais ainda, a gente fica estressada mais ainda, porque a vontade é de largar tudo. Então, eu tento assim, ao máximo entregar nas mãos de Deus [...] (Entrevista, Responsabilidade).

A situação vivenciada pela professora Solidariedade de problemas de saúde e de falecimento ocorridos ao mesmo tempo em sua família e, ainda assim, teve que manter o exercício da docência, sem licença ou afastamento diante das circunstâncias também confirma as condições de trabalho desses profissionais. Uma situação tão difícil que a própria profissional não percebeu o seu estado de saúde mental e o acúmulo de situação vivenciada causou-lhe adoecimento, todavia, a própria professora afirma que passou por tudo isso sem apoio da escola, tampouco o gozo do direito à licença diante dessa problemática:

> Em 2019 eu estava passando por uma situação difícil. Eu perdi minha sogra de uma forma bem trágica enquanto a gente estava lutando com meu sogro doente, com câncer e minha tia, professora, uma segunda mãe, uma pessoa que cuidou o tempo todo de mim, da minha família, minha vizinha, minha companheira de trabalho e a gente trabalhou muito tempo juntas na mesma escola. [...] Com tudo isso a minha luta foi constante que eu não deixei de cumprir com minha carga horária. Eu não tive licença para nada. Às vezes eu desdobrei para dar conta de tudo e aquilo foi tumultuando e eu mesma não percebi que eu estava com problema. [...] eu estava no meu limite, que eu não estava mais aguentando. Daí eu fiquei seis meses em tratamento. [...] eu senti que eu estava com muita ansiedade. Eu mesma procurei um profissional da área, um psiquiatra e a partir daí eu percebi que eu tenho a necessidade de acompanhamento psiquiátrico [...] (Entrevista, Solidariedade).

No caso da professora Solidariedade, a necessidade de ter direito à licença por questões médicas, falecimento, confirma o estudo de Ferreira (2023), quando afirma ser o falecimento de entes um aspecto que impacta negativamente os professores, independentemente do ciclo profissional. Qualquer adoecimento, inclusive o psicológico, requer muitos cuidados, dentre eles, a compreensão de que o trabalhador adoecido necessita de atenção, sendo necessário o afastamento do trabalho. Esse direito trabalhista está previsto na Lei de Benefícios da Previdência Social, Lei nº 8.213, de 1991, no art. 59, desde que a condição (seja ela qual for) incapacite a pessoa de exercer as suas funções laborais (Brasil, 1991). Esse afastamento pode ser explicado pela presença de excessivas demandas e cobranças, recompensas inadequadas e comprometimento excessivo dos trabalhadores. Conforme Pereira (2020), o adoecimento de professores pode levar, consequentemente, ao afastamento da sua prática na sala de aula e a prejuízos no processo ensino-aprendizagem, e isso demanda a manutenção da saúde do professor.

Quando há mudanças de alguns fatores que prejudicam as relações e comprometem a qualidade do trabalho no ambiente laboral, também há necessidade de respeito e valorização, uma das demandas sinalizadas pelas docentes:

> Atenção, organização, valores, valorizar, empatia, olhar o lado do colega, ser igual ao próximo, não ter suas diferenças, direção escola, secretariado. O papel é deles, eles têm que estarem lá no setor deles, mas a comunidade escolar precisa da presença, as vezes falta um pouco de atenção, não sei. [...] solidariedade, empatia, amor ao próximo. Finalizo com a palavra gratidão, se fosse para fazer tudo de novo eu faria, estou muito feliz [...] (Entrevista, Solidariedade).

A harmonia nas relações interpessoais, especialmente entre direção e corpo docente, foi destacada pela professora Solidariedade. Segundo ela, essa relação harmoniosa promove a valorização do profissional e, consequentemente, a qualidade do ensino. Reconhecer o trabalho do professor é dialogar com ele, respeitá-lo, escutá-lo, ter empatia, compreender o que ocorre no contexto, ser presente na escola; são essas características que as professoras apontam como essenciais no trabalho docente:

> No meu modo de ver, precisa ter mais um olhar para o professor. Está faltando aqui na escola dar mais apoio para o professor. É o que estamos precisando. Está faltando mais diálogo com os professores. Vem e exigem e pronto; está faltando empatia; a palavra mais certa é essa. A empatia aqui funciona só na palavra, não funciona pessoalmente para cada professor, da equipe diretiva para os professores. [...] precisa saber conversar com o professor, são muito arrogantes com o professor.

> Muitas vezes a gente nem vê a direção da escola, não tem aquele diálogo que deveria ter, um diálogo bom, saudável. Eu mesma não vejo isso, o que está faltando é isso aí, ser mais amigável e estar do lado do professor. [...] Mais respeito com os professores, valorizar mais a função do professor, porque a nossa função não é fácil, ainda mais no ensino municipal, que é um pouco complicado, ter aconchego, ter mais diálogo. Muitas coisas acontecem e o professor não tem fala, não tem vez. A gente questiona, a gente fala, mas continua a mesma coisa, então, eu achava que pelo menos mudando um pouquinho essa regra aí. Tratar o professor com respeito, com mais dignidade, para quem está do outro lado. Eu acho que a educação melhoraria um pouquinho porque tem muitos além de mim, muitos professores revoltados com essa situação que a gente está vivendo. A pessoa quando está num cargo tem que mudar a realidade dela, tem que mudar a função dela de conviver com os demais [...] (Entrevista Responsabilidade).

A professora se queixa sobre o modo como ocorrem as relações interpessoais entre professores e direção da escola, afirmando ser sem empatia, os reflexos e consequências de sua prática pedagógica são silenciadas, invisíveis, o que causa um mal-estar no docente, pois "[...] muitas coisas acontecem e o professor não tem fala, não tem vez [...]" (professora Responsabilidade). A sugestão da professora Responsabilidade é que os docentes sejam escutados, que as medidas tomadas na escola sejam por decisões coletivas. Isso também repercute nos estudos de Mendes e Baccon (2017) ao observarem que os professores indicam comprometimento com o trabalho, valorizam a profissão, mas se queixam de que não são valorizados/reconhecidos socialmente.

A professora Solidariedade também sinaliza a falta de empatia, respeito (cita a interrupção vivenciada durante a entrevista, gerando uma sensação de opressão, de invasão), valorização, parceria:

> Às vezes a gente ouve, mas eu sinto que não existe empatia. Ninguém tem dó de ninguém, ninguém vê a dificuldade do outro. Inclusive, na entrevista a gente foi interrompida, de forma insatisfatória. Eu não me senti bem com a forma como a pessoa chegou na sala, nem uma licença pediu. Isso machuca muito. Aí a gente se sente assim totalmente oprimida, numa situação dessa, sem graça, certo? Quero que não seja assim, mas pelo menos quando você impedir uma situação mantenha pelo menos o respeito de licença, ou até mesmo pergunta se pode ou não invadir aquele ambiente, porque para mim foi uma invasão [...] (Entrevista, Solidariedade).

A professora Solidariedade destaca, além da necessidade de respeito e valorização do trabalho docente, o reconhecimento por parte dos gestores educacionais diante do trabalho docente e das produções dos discentes. As professoras afirmam que a empatia, o

reconhecimento, a apreciação, a solidariedade, a parceria, a humanidade, a união e a escuta são essenciais no fortalecimento da prática pedagógica. Elas têm o desejo de viver, na escola, uma gestão humanizadora, com bom acolhimento, mais parceria e entusiasmo nas relações, principalmente na forma pedagógica de se relacionar e avaliar o aluno, de modo que o compreenda em sua subjetividade, isso porque a relação que os professores mantêm com o trabalho docente não se diferencia da vida pessoal. Há um olhar que se mistura, os afetos de uma influenciam a outra, de tal modo que o profissional vai trabalhar sem condições adequadas de saúde, como se fosse uma obrigação que se sobrepõem às condições físicas apropriadas.

O mais salutar é perceber como o professor compreende sua importância na profissão que exerce, entende que a sua função é imprescindível na vida dos discentes e que faz toda a diferença:

> Eu venho chorando. Eu venho sofrendo, venho doente, mas eu não deixo de vir. Eu só não venho para a escola se eu estiver em cima de uma cama, muito doente, mas quando eu puder, eu venho, eu estou na escola [...] (Entrevista, Solidariedade).
> A gente está aí nessa batalha, com todas as dificuldades, com todos os problemas que a gente enfrenta no nosso dia a dia. Mas a gente aí tentando fazer o melhor, tentando contribuir para a nossa educação, para a melhoria da nossa educação é isso [...] (Entrevista, Amor).

As professoras Solidariedade e Amor relatam um sentimento contraditório: afirmam gostar de lecionar, mas, se pudessem escolher, não seriam professoras porque as relações mantidas com hierarquias, como a direção, não contribuem para um bem-estar na docência. Isso não implica ter um sentimento negativo com o discente. E, na relação com o trabalho docente, elas veem o exercício da profissão como uma obrigação que deve ser feita, mesmo sem condições de saúde física ou psíquica adequadas. O olhar que elas mantêm sobre o trabalho é de luta, de batalha, acreditando que, assim, irão contribuir para uma educação melhor.

Mesmo enfrentando grande adversidade, as professoras preferem permanecer no trabalho, pois gostam do que fazem:

> Você pensa em desistir? Eu respondo, não. Você se sente bem em seu trabalho? Eu dido, sim. Com as minhas dificuldades, com as minhas limitações eu gosto do que faço. Eu gosto de trabalhar, eu gosto de ser educadora. Eu me sinto feliz de poder exercer essa profissão, eu falo o que eu gosto [...] (Entrevista, Solidariedade).

A professora Solidariedade traça dois perfis bem diferentes sobre a mesma situação. No primeiro, há uma profissional que focaliza muitas dificuldades enfrentadas no trabalho, o que a deixa com limitações; no segundo, o relato consistente diante da certeza de sua escolha, do gostar de exercer a docência, do prazer e satisfação que esse exercício lhe causa. Todavia, alguns questionamentos insistem em vir à tona: Por que será que essa professora, mesmo em fase de finalização de carreira e, diante do adoecimento, não quer sair da docência? Considerando todas essas demandas do trabalho docente, por que não desistir? Por que ainda se sente satisfeita com a docência? São questionamentos pertinentes:

> Olha, eu gosto de lecionar, realmente. Mas, hoje se fosse para eu escolher, eu escolheria ser da área de técnica em enfermagem, de medicina, alguma coisa, hoje, hoje, pela situação que a gente está vivendo, nem é por conta do discente, pela situação que a gente está vivendo, situação das direções, eu não escolheria uma sala de aula, eu não escolheria pedagogia, de jeito nenhum, escolheria outro curso, administração, também eu gosto muito, mas a sala de aula eu não escolheria de jeito nenhum. [...] Porque eu sou muito responsável naquilo que eu faço. Até hoje, durante 28 anos de trabalho, eu sou uma pessoa muito responsável, muito digna do meu trabalho, tento ao máximo não faltar, então, eu acho que a única palavra que fecharia aí é responsabilidade [...] (Entrevista, Responsabilidade).

Ainda, conforme a professora Responsabilidade, ter uma conduta responsável compõe a postura de uma boa profissional porque, mesmo diante de tanta dificuldade enfrentada no dia a dia da sala de aula, ela mantém-se firme no seu propósito, cumprindo com sua obrigação, sem se omitir do seu ofício. Acrescenta-se a essa justificativa o fato de a docência não ser uma atividade que gera produtos imediatos e materiais. Há uma demanda de investimento energético afetivo por parte dos professores que, ao ensinar, deixa marcas no discente e, também modifica a si mesmo. Inclui, também, nesse conjunto de características, o envolvimento de sentimentos, de relações, saberes de diferentes ordens, de ser individual e, ao mesmo tempo, coletivo. É, portanto, uma atividade completamente relacional, com um ritmo intenso, o que exige desses profissionais altos níveis de concentração e atenção para a execução das metas pedagógicas. Em suma, além do ofício de lecionar e da construção do conhecimento dos seus alunos, também se envolvem emocionalmente e cognitivamente, ao se preocuparem constantemente com o aprendizado. Essa relação acarreta desgastes, mas, simultaneamente, proporciona prazer, realização e gratificação por uma profissão que é basicamente relacional, seja com os

alunos, com a comunidade e com a instituição (Mendes; Baccon, 2017).

Logo, o trabalho docente é peculiar, possui elementos articulados que são responsáveis por sua natureza, sua produção e seu desenvolvimento (Basso, 1998). É preciso entender qual o significado que esses profissionais têm da escola e do trabalho docente, para entendermos como eles podem permanecer proativos num espaço que, em muitos casos, lhes adoecem. Para Basso (1998), o significado é, então, a generalização e a fixação da prática social humana, sintetizado em instrumentos, objetos, técnicas, linguagem, relações sociais e outras formas de objetivações como arte e ciência.

Quais os significados e os sentidos que o professor dá à atividade docente que o faz permanecer nele mesmo com todo o adoecimento e demais impactos e desafios que essa profissão exige? O significado do trabalho do professor é formado pela finalidade da ação de ensinar, isto é, pelo seu objetivo e pelo conteúdo concreto efetivado através das operações realizadas conscientemente por ele, considerando as condições reais e objetivas na condução do processo de apropriação do conhecimento pelo aluno (Basso, 1998). Talvez pensar que essa apropriação de significados e sentidos dados ao trabalho docente, e por serem subjetivos, acabam refletindo os motivos que engendram essa vinculação e permanência, isto é, partilhar momentos com o outro, ensinar, fazer com que os sujeitos sejam seres pensantes, pode estar relacionado com orgulho, satisfação e identificação com esse trabalho. Seria, então, esses sentimentos que motivam a permanência desses profissionais nesse ofício, constituindo o seu significado existencial?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema objeto desta investigação é muito caro para a sociedade, para a educação, para os profissionais "professores" que, no seu percurso do desenvolvimento profissional, recebem as "marcas" de uma profissão que ascende a uma posição significativa dentre as que trazem mais riscos à saúde humana. Também é um tema que reverbera em todas as dimensões do social, quais sejam: saúde, educação, previdência social e política. Debruçar sobre a temática do adoecimento do professor, especialmente no campo psicológico, no qual pouco é permitido falar, é desbravar caminhos e permitir que o não dito tome lugar de voz.

Ao analisar como os professores da Educação Básica, com adoecimento psíquico, realizam seu trabalho docente, considerando suas características pessoais-profissionais e os possíveis impactos da condição de saúde no desenvolvimento profissional docente, percebemos que o problema que perpassa essa temática possui um emaranhado de situações que precisam ser mexidas, uma a uma; desde o funcionamento do sistema político-social-educacional, que não enxerga o professor como deveria, até as concepções tradicionais e arcaicas da sociedade em geral. Acrescentamos, ainda, as concepções subjetivas que empenam a engrenagem do objeto em questão. Assim, traçaremos adiante as principais percepções, como resultado de uma pesquisa sensível, cuidadosa e ética.

É evidente que o trabalho docente é o meio pelo qual o professor estrutura sua prática pedagógica. A ação laboral do professor não é resultado, apenas, de aquisições teóricas, são reflexos também de todo seu acervo cultural, adquirido por meio de suas vivências. Tudo o que o professor é, ele manifesta na sala de aula e vice-versa, ou seja, há o impacto da vida pessoal reverberando na vida profissional. Nesse sentido, falamos das relações que o sujeito mantém em sua vida social e que refletem em suas ações e comportamentos por onde ele passa. A Perspectiva Histórico-Cultural (Vigotski, 1986/2000) destaca que as relações que o sujeito mantém com o outro e com o meio o determinam e, por isso, compreendemos o professor enquanto sujeito de relações e toda as implicações que esse fenômeno lhe causa.

Por meio das grandes mudanças que ocorreram no mundo, nos últimos tempos, especialmente com o advento da era digital e de uma pandemia que trouxe inúmeras consequências para o ser humano, o professor foi impactado no seu "lugar" de trabalho: a sala de aula. As mudanças manifestadas como alteração radical no perfil do aluno, ausência da família na escola (no sentido de apoio), novas práticas pedagógicas, inserção

da tecnologia em todos os aspectos da prática profissional, aumento da burocracia e de excesso de trabalho impactaram o desenvolvimento profissional. Adaptar-se a essas mudanças, que desconstruiu o cenário da educação e trouxe um novo panorama, provocou uma desregulação emocional nesse profissional que se sentiu sozinho, sem amparos para compreender tantas mudanças.

A consequência de tudo isso foi um grande mal-estar que provocou, nesse profissional, desmotivação, incredulidade, insatisfação profissional, baixa autoestima e despersonalização. A cobrança por eficiência, diante da adaptação ao novo que chegou com força às/nas escolas, foi um potencializador do adoecimento psíquico docente. Logo, o exercício profissional da docência no Brasil é uma questão difícil de ser compreendida. Historicamente fizeram o docente acreditar e defender que ser professor é uma missão, com isso, todos os problemas que o processo de ensino-aprendizagem apresenta é de responsabilidade exclusiva do professor; e o pior, o próprio professor acredita nisso; mesmo doente física ou psiquicamente, ele se sente na obrigação de estar na sala, "dando" aula.

Aqui não se apresentam as respostas, apenas algumas considerações de um processo que não se finda. Dos principais impactos apontados pelas professoras como desencadeadores de adoecimento, quem primeiro aparece são as relações interpessoais, como: indisciplina, agressividade, as particularidades dos alunos que são tecidos na sala de aula e desestrutura todo o processo educativo. Em seguida, as próprias condições do trabalho docente, que promovem mal-estar por meio de sintomas físicos, como: cansaço, tontura, hipertensão, cefaleia e sintomas psíquicos: ansiedade, desgaste emocional, medo, insegurança, desânimo, tristeza. E, para dar conta de encarar todas essas demandas, o uso da medicalização, como forma de enfrentamento do trabalho docente.

As professoras sinalizaram a preocupação com o desenvolvimento do seu trabalho docente, com vistas à realização de um trabalho de qualidade, mesmo diante de um sistema que não oferece condições adequadas, isso implica, também, na preocupação exagerada com o aprendizado do aluno. Para as professoras, o desenvolvimento cognitivo do aluno é motivo que promove alteração emocional desses profissionais, por mais que enfatizem que os alunos dos tempos atuais não apresentam o mesmo perfil que antes, fato que dificulta bastante a aplicação do planejamento dentro da sala de aula.

Os dados apresentados pelas pesquisas nacionais que tratam dessa temática corroboram em afirmar sobre o adoecimento psíquico do professor e apontam para a importância de implementação de ações e políticas públicas voltadas à promoção de saúde

mental do professor com foco na redução de fatores estressores, como, por exemplo, a precarização, a burocratização e o excesso de trabalho docente. Sendo assim, os professores com adoecimento psíquico apontaram que o trabalho docente oferece condições multifatoriais que levam a essa situação.

Ademais, o trabalho docente constitui a identidade desses sujeitos, tendo um significado importante nas suas vidas, assim, o desenvolvimento profissional docente (DPD) é atravessado e constituído de impactos pessoais, profissionais e emocionais, numa inter-relação tênue. Com base nos dados da pesquisa, a maioria dos professores da Educação Básica da rede pública de Iuiú-BA apresenta-se na etapa da finalização; etapa de muito cansaço, desmotivação, ansiedade e grande preocupação com o desenvolvimento dos discentes. As professoras se queixam das relações interpessoais e das condições de trabalho a que são submetidas, mesmo com condições precárias de saúde física ou manifestação psíquica (emocional).

Findamos, por enquanto, essa discussão, mas com indicativos da necessidade de estudos futuros, visto que percebermos que o adoecimento psíquico compõe o desenvolvimento e o contexto do professor da educação Básica do município de Iuiú-BA. E os demais contextos? É uma percepção a se alargar, pois, para além de Iuiu-BA, a condição de adoecidos psiquicamente é a mesma? E mais inquietações vão adentrando como: qual a demarcação e prevalência do lugar que adoece e as (des)continuidades no desenvolvimento profissional docente? É certeza que, até alcançarmos o resultado dessas indagações, ainda há um tempo de espera, de investigação, de descoberta. Sendo assim, esperamos que o poder que a escrita tem, por meio das palavras, possa repercutir e chegar a horizontes amplos; e possamos continuar a “discutir”, “pesquisar” e encontrar possíveis “soluções” advindas dessas ações para amenizar os impactos que o adoecimento psíquico causa nos professores e na educação em geral. Até a próxima escrita!

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira; OZELLA, Sérgio. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Revista Psicologia, Ciência e Profissão**. São Paulo, ano 26, n. 2, 2006, p. 223-244. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000200006. Acesso em: 26 nov 2023

ALMEIDA, Paula Cristina Soares Silva de. **Condições do trabalho docente**: políticas e processos de desenvolvimento profissional. 2020. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, UESB, Vitória da Conquista – BA,2020.

ALVES, Wanderson Ferreira. Retorno sobre o tema da natureza e especificidade do trabalho docente. **Educ rev** [Internet]. 2024;40:e45870. Disponível em: https://doi.org/10.1590/0102-469845870. Acesso em: 28 nov. 2024.

AMADO, João (coord.). **Manual de Investigação Qualitativa em Educação**. 2. ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

AMADO, João; FERREIRA, Sónia. A entrevista na investigação em educação. *In*: AMADO, João (org). **Manual de Investigação Qualitativa em Educação**. 2. ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, out. 2017.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**: DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARANDA, Silvana Maria. **Um olhar implicado sobre o mal-estar docente**. 2007. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ARNAULT, Angela Maria Gularte. Transtorno de Ansiedade x Crise Ansiosa: como diferencias e manejar? **Revista FIT**, Saúde Coletiva, v. 27, n. 119, 2023. Disponível em: https://revistaft.com.br/transtorno-de-ansiedade-x-crise-ansiosa-como-diferenciar-e-manejar/. Acesso em: 24 set. 2023.

ASSIS, Camila Carolina Alves. **Trabalho e Mal-estar docente na educação infantil da rede pública municipal de Mineiros-GO:** mediações de enfrentamento dos professores. 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Jataí, Goiás, 2020.

AVILA, Lazslo Antonio. O corpo, a subjetividade e a psicossomática. **Tempo psicanal.**, v. 44, n. 1, p. 51-69. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: https://encurtador.com.br/QPjfi. Acesso em:15 jan. 2025.

BARROSO, Betânia Oliveira. **Para além do sofrimento:** uma possibilidade de re-significação do mal-estar docente. 2008. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília – DF, 2008.

BASSO, Itacy Salgado. Significado e sentido do trabalho docente. **Cadernos CEDES,** 1998. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0101-32621998000100003. Acesso em:

jan. 2025.

BATISTA, Helder Henrique Viana; NORONHA, Ana Paula Porto. Instrumentos de autorregulação emocional: uma revisão de literatura. **Avaliação Psicológia**, *[S.l.]*, v.17, n. 3, Itatiba, jul./set. 2018. Disponível em: https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/avp/article/view/15643. Acesso em: 06 mar. 2024.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BOGDAN, Robert Charles; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em Educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Lei 8.213 de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 jul. 1991. Disponível em: http://www.planalto.gov.br. Acesso em: 12 jan. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 dez. 1996. Disponível em: https://encurtador.com.br/zszBZ. Acesso em: 05 maio 2024.

BRASIL. Lei nº 13.935 de 11 de dezembro de 2019. Dispõe sobre a prestação de serviços de Psicologia e de Serviço Social nas redes públicas de Educação Básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 12 dez. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Organização Pan-Americana de Saúde. **Doenças relacionadas ao trabalho:** manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília, DF, 2001. (Série A. Normas e manuais técnicos; n. 114).

BRASIL. Lei Federal n.º 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, Brasília: MEC, 26 jun. 2014. Disponível em: https://pne.mec.gov.br/. Acesso em: 04 out. 2024.

BRASIL. Lei nº 14.681, de 18 de setembro de 2023. Institui a Política de Bem-Estar, Saúde e Qualidade de Vida no Trabalho e Valorização dos Profissionais da Educação. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 6, 19 set. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023 2026/2023/lei/l14681.htm. Acesso em: 10 set. 2024.

CARLOTTO, Mary Sandra. A síndrome de burnout e o trabalho docente. **Psicologia em Estudo,** Maringá, v. 7, n. 1, p. 21-29, jan./jun. 2002. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pe/a/hfg8JKJTYFpgCNgqLHS3ppm/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: 18 out. 2023.

CARVALHO, Ana Carolina da Costa. **Trabalho docente e adoecimento de professores do ensino fundamental em um município da zona da mata mineira**. 2014. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa – MG, 2014.

CODO, Wanderley (org.). **Por uma psicologia do trabalho**: ensaios

recolhidos. SãoPaulo: Casa do Psicólogo, 2006.

COLLARES, Cecília Azevedo Lima; MOYSÉS, Maria Aparecida Affonso. A educação na era transtornos. *In*: VIÉGAS, Ligya de Souza (org.). **Medicalização da educação e da sociedade**: ciência ou mito?. Salvador: EDUFBA, 2014, cap. 1. p.47-65.

COSTA, Francisca R. C. Pereira; ROCHA, Renato. Fatores estressores no contexto de trabalho docente. **Revista Ciências Humanas**, v. 6, Taubaté – SP, 2013. Disponível em: https://www.rchunitau.com.br/index.php/rch/article/view/51. Acesso em: 18 out. 2024.

CHAVES, Risia Silva. **Uma vida na docência**: a preparação e as marcas na carreira de professores em pré-aposentadoria. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista-BA, 2023.

CRESPO, Camilla Paiva Silva. **Adoecimento psíquico do professor e seus reflexos no processo de ensino em unidades escolares da rede municipal de Campos dos Goytacazes-RJ**. 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro – UENF, Campos dos Goytacazes, RJ, 2016.

CRUZ, Lilian Moreira; COELHO, Lívia Andrade; FERREIRA, Lúcia Gracia. Docência em tempos de pandemia: saberes e ensino remoto. **Debates em Educação**. v. 13, n. 31, jan./abr. 2021. p. 992-1016. Disponível em: https://doi.org/10.28998/2175-600.2021v13n31p992-1016. Acesso em: 20 jul. 2024.

CZEKSTER, Michele Dorneles Valent. **Sofrimento e prazer no trabalho docente em escola pública**. 2007. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

DAGHER, Thalita Ortiz Neves. **Trabalho docente e expressões do sofrimento psíquico**: uma análise a partir da psicologia histórico-cultural. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Campo Grande – MS, 2019.

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019, p. 163 e 365.

DEJOURS, Christophe. **A Loucura do Trabalho:** estudo de Psicopatologia do Trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez-Oboré, 1992.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth; JAYET, Christian. **Psicodinâmica do trabalho**: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho (M. I. S. Betiol, trad.). São Paulo: Atlas, 1994.

DELORS, Jacques *et al*. **Educação:** um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2010.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. Introdução a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN, Norma. K.; LINCOLN, Yvonna. S. (org.). **Planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIEHL, Liciane; MARIN, Angela Helena. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. **Estudos Interdisciplinares em Psicologia**, Londrina, v. 7, n. 2, p. 64-85, dez. 2016. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/25302/19800. Acesso em: 20 out. 2023.

DUARTE, Newton. A resistência ativa dos professores à doutrinação obscurantista neoliberal. *In*: FACCI, Marilda Gonçalves Dias.; URT, Sonia da Cunha. **Quando os professores adoecem [recurso eletrônico]:** demandas para a psicologia e a educação. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020.

ESPER, Marina B. S. Barroco. Produções sobre o sofrimento/adoecimento do professor universitário: reflexões a partir da Psicologia Histórico-Cultural. *In*: FACCI, Marilda Gonçalves Dias.; URT, Sonia da Cunha. **Quando os professores adoecem [recurso eletrônico]:** demandas para a psicologia e a educação. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020.

ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente:** a sala de aula e a saúde dos professores.2 ed. Bauru: EDUSC, 1999.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias; ESPER, Marina Beatriz Shima Barroco. Adoecimento e Medicalização de Professores Universitários frente a precarização e intensificação do trabalho. **Movimento-Revista de educação**, v. 7, n.15, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.22409/mov.v7i15.42453. Acesso em: 13 mai. 2024.

FERNANDES, Letícia Brito da Mota. **O adoecimento psíquico (in)visível docente:** uma perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – UFMS, Campo Grande, 2019.

FERRAZ, Rita de Cássia Souza N.; FERREIRA, Lúcia Gracia; FERRAZ, Roselane Duarte. Educação em tempos de pandemia: consequências do enfrentamento e (re)aprendizagem do ato de ensinar. **Revista Cocar**, *[S. l.]*, n. 9, 2021. Disponível em: https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4126. Acesso em: 7 jan. 2025.

FERRAZ, Rita de Cássia Souza Nascimento. Desenvolvimento profissional de professores iniciantes: demandas emocionais-sentimentais e os impactos na prática. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE DIÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 21., 2022, Uberlândia. **Anais** [...]. Uberlândia-MG, 2022, p.75-86.

FERREIRA, Lúcia Gracia. **Professores da zona rural em início de carreira:** narrativas de si e desenvolvimento profissional. 2014. 272f. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos - SP, 2014.

FERREIRA, Lúcia Gracia. Desenvolvimento profissional e carreira docente: diálogos sobre professores iniciantes. **Acta Scientiarum**., v. 39, jan-mar., 2017, p. 79-89. Disponível em: http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/29143. Acesso em: 03 nov. 2024.

FERREIRA, Lúcia Gracia. **Desenvolvimento profissional e Carreira docente brasileira:** interseções e diálogos com professores da Educação Básica. Campinas – SP: Pontes, 2023.

FERREIRA-COSTA, Rodney Querino. **O mundo do trabalho docente e o esgotamento psíquico**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista, UNESP, São Paulo, 2017. Disponível em: https://encurtador.com.br/ij1bE. Acesso em: 29 maio 2023.

FERREIRA-COSTA, Rodney Querino; PEDRO-SILVA, Nelson. Ansiedade e depressão: o mundo da prática docente e o adoecimento psíquico. **Periódicos Eletrônicos em Psicologia – P@PSIC.,** Rio Grande do Norte, 2018.

FONSECA, Ana Cristina Emerenciano Alcoforado. **Contribuições da psicanálise a uma leitura do mal-estar docente na rede municipal de ensino em Olinda**. 2009. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2009.

FORQUIN, Jean-Claude. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicassociais. *In*: **Teoria e Educação**, Porto Alegre, 1992, n. 5, p. 28-49.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. SãoPaulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira.** 3. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003.

FREIRE, Sílvia Segovia Araújo. **O silêncio e o sofrimento/adoecimento psíquico docente sob a análise da psicologia histórico-cultural:** das condições às emoções. 2023. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2023.

FREUD, Sigmund. A psicoterapia da histeria (1893-1895) (Freud) Parte IV. *In*: FREUD, Sigmund. **Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud.** Rio de Janeiro: Imago, 1987. v. II, p.251-294.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIANNINI, Susana Pimentel Pinto; LATORRE, Maria do Rosário Dias de Oliveira; FERREIRA, Leslie Piccolotto. **Distúrbio de voz e estresse no trabalho docente:** um estudo caso-controle. SCIELO, Rio de Janeiro de 2012.

GÓMEZ, Angel Pérez. O pensamento prático do professor - A formação do professor como profissional reflexivo. *In*: NÓVOA, Antonio (org.) **Os professores e a sua formação**. 3. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

GOMEZ, Milânia; KLAUTAU, Perla. Burnout na educação: Precarização e suas repercussões na saúde do professor da rede pública. **Psic. Clin**., Rio de Janeiro, 2021.

GOUVEIA, Aparecida Joly. Milhares de normalistas e milhões de analfabetos. **Educação e ciências sociais**, ano VI, v. 9, n. 17. p. 114- 140, maio/ago. 1961.

GUARIDO, Renata. A medicalização do sofrimento psíquico: Considerações sobre o discurso psiquiátrico e seus efeitos na Educação. **Educação e Pesquisa**, v. 33, n.1, 2007, 151-161. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/mJ9399tTm597mJXRgPhVNkf/?format=pdf&lang=pt . Acesso em: 23 mar. 2024.

GUERREIRO, José Emanuel Pereira. A construção da identidade e representações do sujeito. **R. Letras,** Curitiba, v. 24, n. 45 p. 34-48, jul/dez. 2022. Disponível em: https://periodicos.utfpr.edu.br/rl/article/download/13805/9334. Acesso em: 12 jan 2025.

GREGORIN, Cristiane Pinholi. **Um olhar sobre o mal-estar docente na perspectiva da contemporaneidade**. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2016.

GRIMM, Viviane; SOSSAI, Fernando César; SEGABINAZZI, Marília. Globalização, redes políticas e neoliberalismo: as contribuições de Stephen Ball para pensar sobre políticas educacionais na atualidade. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, p. 850-854, v. 11, n. 3, set./dez. 2016. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa>. Acesso em: 28 set. 2023.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis – RJ:Vozes, 2015, 80 p.

ILLICH, Ivan. **A expropriação da saúde**: Nêmesis da medicina. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente e Profissional:** formar-se para a mudança e a incerteza. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

JACQUES, Maria da Graça. O nexo causal em saúde/doença mental no trabalho: uma demanda para a Psicologia. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 1, p. 112-119, 2007. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000400015. Acesso em: 10 mar. 2023.

JOVCHELOVICH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista Narrativa. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.

LEONTIEV, Alexei. **Actividad Consciência Personalidad**. Tradução: Librada Leyva Soler; Rosario Bilbao Crespo; Jorge C. Potrony García com a revisão técnica de Franklin Martínez Mendoza. Havana: Editorial Pueblo y Educación, 1983 [1975].

LEONTIEV, Alexis N. Uma Contribuição para a Teoria do Desenvolvimento da Psique Infantil. *In*: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. 8. ed. São Paulo: Icone Editora, 2001.

LEONTIEV, Alexis. **Atividade, Consciência e Personalidade**. Trad. Nascimento, P. Bauru: Mireveja, 2021.

LEVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa: Edições 70, 1988.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth (org.). **Disciplinas e integração curricular:** história e políticas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LÓPEZ, Sergio Mérida; EXTREMERA, Natalio. Emotional intelligence and teacher burnout: A systematic review. **International Journal of Educational Research**, v. 85, p. 121-130, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.ijer.2017.07.006. Acesso em: 25 set. 2023.

LUZ, Madel T. **As instituições médicas no Brasil**: instituição e estratégia de hegemonia. 3. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

LYRA, Thaís. Pesquisa revela que saúde mental dos professores piorou em 2022. **Revista Nova Escola**, 2022. Disponível em: https://encurtador.com.br/KOZst. Acesso em: 12 jan. 2025.

MARCELO GARCIA, Carlos. **Formação de professores**: para uma mudança educativa. Porto: Porto Editora, 1999.

MARCELO GARCIA, Carlos. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. **Sísifo**: revista de ciências da educação, v. 8, p. 7–22, 2009. Disponível em: https://idus.us.es/server/api/core/bitstreams/30798119-4c25-4c28-9eb7-c64a9b5b20d0/content. Acesso em: 18 jun. 2024.

MARCELO GARCIA, Carlos; VAILLANT, Denise. **Desarrollo professional docente**: como se aprende a enseñar? Madrid: Narcea, S.A. de Ediciones, 2009.

MARINO FILHO, Armando. Atividade, significação e sentido: bases do sofrimento psicológico e a especificidade do adoecimento do professor. *In*: FACCI, Marilda Gonçalves Dias.; URT, Sonia da Cunha. **Quando os professores adoecem [recurso eletrônico]**: demandas para a psicologia e a educação. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020.

MARX, Karl. **Contribuição para a crítica da econômica política**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MASLACH, Christina; SCHAUFELI, Wilmar B.; LEITER, P. Michael. Job Burnout. **Annual Review of Psychology, v.** 52, 2001, p. 397-422. Disponível em: https://doi.org/10.1146/annurev.psych.52.1.397. Acesso em: 17 nov. 2023.

MASLACH, Christina; LEITER, P. Michael. **Trabalho:** fonte de prazer ou desgaste? Guia para vencer o estresse na empresa. Campinas: Papirus. 1999.

MELLO, Guiomar Namo. **Educação escolar brasileira**: o que trouxemos do século XX? Porto Alegre: Artmed, 2004.

MENDES, Thamiris Christine.; BACCON, Ana Lúcia Pereira. Ser professor e manter-se na profissão: um estudo com docentes da educação básica. **Educação**: Teoria e Prática, [S. l.], v. 27, n. 55, p. 389–407, 2017. DOI: 10.18675/1981-8106.vol27.n55.p389-407. Disponível em: https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/11056. Acesso em: 17 abr. 2024.

MENDONÇA, A. C. F.; BEZERRA, J. A. C. Síndrome de *burnout* em professores do ensino superior: Possíveis relações entre a exaustão física e emocional com a atividade da docência. Revista PLUS FRJ. **Revista Multidisciplinar em Educação e Saúde da Faculdade Regional Jaguaribana,** v. 1, 2016.

MÉSZÁROS, István. **A teoria da alienação em Marx**. São Paulo: Boitempo, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. Pioneira Thomson. São Paulo, 2002.

MOROSINI, Marília Costa; FERNANDES, Cleoni Maria Barboza. Estado do Conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação Por Escrito**, v. 5, n.2, p.154–164, 2014. Disponível em: https://doi.org/10.15448/2179-8435.2014.2.18875. Acesso em: 23 jan. 2024.

MOURA, Juliana da Silva. **Transtornos mentais e comportamentais em professores e as implicações para a carreira docente**. 2020. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista – BA, 2020.

NASCIMENTO, Kelen Braga do; SEIXAS, Carlos Eduardo. O adoecimento do professor da Educação Básica no Brasil: apontamentos da última década de pesquisas. **Revista Educação Pública**, v. 20, n. 36, set. 2020.

NÓVOA, Antônio (org.). **Vida de professores**. Porto: Porto Editora, 1992.

NÓVOA, Antonio. **As organizações escolares em análise**. Lisboa: Publicações DomQuixote, 1999.

NÓVOA, Antonio. **Profissão professor**. Porto: Porto Editora, 1995.

NUNES, Claudio Pinto; CARDOSO, Berta Leni Costa; SOUSA, Erivan Coqueiro. **Condições de trabalho e saúde do professor**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2020.

OLIVEIRA, Eloiza Silva Gomes. O mal-estar docente como fenômeno da modernidade: os professores no país das maravilhas. **Ciência & Cognição**, Rio de Janeiro, n. 7, p.27-41, 2006.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO - OIT. **Working time:** reduction of hours of work, weekly rest and holidays with pay. Genebra: OIT, 1984.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO - OIT. **Publicações da OIT**. 2021. Disponível em: https://encurtador.com.br/AkdPO. Acesso em: 14 jan. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. OMS Brasil. **Relatório sobre a saúde no mundo, 2001 – saúde mental:** nova concepção, nova esperança. OMS, 2001. Disponível em: https://iris.paho.org/handle/10665.2/42848. Acesso em: 23 nov. 2023.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE - OPAS. Organização Mundial da Saúde (OMS). **OMS destaca a necessidade urgente de transformar saúde mental e atenção**. Brasília: OPAS, 2022.

PEREIRA, Leandro Queiroz. **Adoecimentos e afastamentos de professores dos anos iniciais do ensino fundamental em Patos de Minas:** 2018 a 2019. Universidade Federal de Uberaba, Minas Gerais, 2020.

PEREIRA, José Antônio. **Trabalho docente e sofrimento mental:** um estudo em uma escola pública do estado de São Paulo. 2015. Universidade Estadual Paulista, UNESP, São Paulo.

PEREIRA, Luiz. **A escola numa área metropolitana:** crise e racionalização de uma empresa pública de serviços. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1967.

PEREIRA, Luiz. **O magistério primário numa sociedade de classes**. São Paulo: Pioneira/EDUSP, 1969.

PERNICIOTTI, Patrícia *et al*. Síndrome de Burnout nos profissionais de saúde: atualização sobre definições, fatores de risco e estratégias de prevenção. **Rev. SBPH,** São Paulo, v. 23, n.1, p. 35-52, jun. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582020000100005. Acesso em: 23 nov. 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE IUIÚ. Lei nº 276, de 23 de junho de 2015. Institui o Plano Municipal da Educação (PME). **Diário Oficial do Município**: caderno 1, Iuiú, BA, ano III, ed. oo318, 2015.

REIS, Eduardo J. F. Borges dos; ARAUJO, Tania Maria de; CARVALHO, Fernando Martins; BARBALHO, Leonardo; SILVA, Manuela Oliveira e. Docência e exaustão emocional. **Educação e Sociedade**, v. 27, 2006. https://doi.org/10.1590/S0101-

73302006000100011

REIS, Inês Maria de Oliveira. **Os sentidos do adoecer:** refazendo o percurso freudiano. 2008. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza – CE, 2008.

ROCHA, Vera M. da; FERNANDES, Marcos H. Qualidade de vida de professores do ensino fundamental: uma perspectiva para a promoção da saúde do trabalhador. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 57, n.1, p.23-27, 2008. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0047-20852008000100005. Acesso em: 10 jul. 2024.

ROCHA, Geovane dos Santos da; SOARES, Nandra Martins; ROSSETTO, Elisabeth. **Saúde Mental e as relações de trabalho**: um estudo sobre o adoecimento psíquico de professores. CONEDU - Educação Emocional (vol. 02). Campina Grande: Editora Realize, 2024.

SANTOS, I. N.; RUELA, G. de A.; SILVA, Érica B. M.; SILVA, A. F. da; DIAS, A. C. da S. Carga de trabalho docente e suas consequências à saúde durante a pandemia: uma revisão sistemática. **Educação Em Revista,** v. 24, 2023. e023006. Disponível em: https://doi.org/10.36311/2236-5192.2023.v24.e023006. Acesso em: 10 mai. 2024.

SANTOS, Marcio Antônio Raiol dos; SANTOS, Carlos Afonso Ferreira dos; SERIQUE, Nádia Passos; LIMA, Rafael Rodrigues. Estado da arte: aspectos históricos e fundamentos teórico-metodológicos. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 8, n. 17, p. 202–220, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.33361/RPQ.2020.v.8.n.17.215. Acesso em: 15 out. 2023.

SELIGMANN-SILVA, Edith. Psicopatologia no trabalho: Aspectos contemporâneos. *In*: FERREIRA, J. J.; PENIDO L. O. **Saúde mental no trabalho**: coletânea do fórumde saúde e segurança no trabalho do Estado de Goiás. Goiânia: Cir Gráfia, 2013.

SILVA, Ana Luiza Ribeiro. **Professor, além de dar aula você também trabalha?** Um estudo sobre o adoecimento psíquico dos professores de uma instituição federal de ensino superior. 2019. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Administração) - Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora – MG, 2019.

SILVA, Erika Carvalho. **Processos de medicalização e trabalho docente:** reflexões sobre o adoecimento de professoras da rede pública de Salvador/BA. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

SILVA, Flavia Gonçalves. Inconsciente e adoecimento psíquico na Psicologia Histórico-Cultural: estudo a partir da atividade docente. *In*: FACCI, Marilda Gonçalves Dias; URT, Sonia da Cunha. **Quando os professores adoecem [recurso eletrônico]:** demandas para a psicologia e a educação. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2020.

SILVA, Flavia Gonçalves. **O professor e a educação**: entre o prazer, o sofrimento e o adoecimento. 2007. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da Educação, Pontifícia Universidade Católica (PUC). São

Paulo/SP, 2007.

SILVA, Maria Aparecida Santiago da; TULESKI, Silvana Calvo. Patopsicologia Experimental: Abordagem histórico-cultural para o entendimento do sofrimentomental. **Estudos de Psicologia**, v. 20, n. 4, out.-dez. 2015a, p. 207-216. Disponível em: https://doi.org/10.5935/1678-4669.20150022. Acesso em: 20 jn. 2024.

SILVA, Marlova Gross. **O impacto do mal-estar docente no protagonismo do professor**. 2021. Dissertação (Mestrado) - Universidade La Salle, Canoas, 2021.

SILVA, Michael S. *et al*. Desenvolvimento profissional docente: perspectivas de construção de saberes. **Revista Humanidades & Inovação**. v. 8, n. 56, p. 104-115, 2021. Disponível em: https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/3686. Acesso em: 10 mai. 2024.

SILVA, Selma Gomes da. **Travessias entre a sala de aula e o consultório:** trajetórias docentes, adoecimento e narrativas de sofrimento psíquico de professores. 2017. 489f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza - CE, 2017.

SILVA, Valéria Aparecida da; COIMBRA, Ana Késia Santos; YOKOMISO, Celso Takashi. Saúde dos professores do ensino fundamental da rede pública e a construção dos espaços psíquicos compartilhados. **Periódicos Eletrônicos em Psicologia – P@PSIC.** São Paulo, 2017.

SILVA, Jerto Cardoso da; LEAL, Luiza Tamara Almeida; SCHMIDT, Stefanie; FUHR, Maiara da Silva; SARAIVA, Eduardo Steindorf. Saúde Mental, Adoecimento e Trabalho Docente. **Psicol Esc Educ,** 2023. Disponível em: https://doi.org/10.1590/2175-35392023-242262. Acesso em: 11 jan 2025.

SILVEIRA, Luhilda Ribeiro; NASCIMENTO, Geraldo Melônio. Normal, anormal e patológico nas teses sobre a sanidade e a loucura em O Alienista de Machado de Assis. **Nau Literária,** v. 11, n. 1, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.22456/1981-4526.53572. Acesso em: 10 out. 2023.

SIQUEIRA, Beatriz Colabone; BOARINI, Maria Lúcia. A saúde do professor no cotidiano escolar – uma pesquisa histórica. **Periódicos Eletrônicos em Psicologia – P@PSIC.** São Paulo, 2018. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/42133. Acesso em: 10 fev. 2024.

SOUZA, Wladimir Ferreira. Transtornos mentais e comportamentais relacionados ao trabalho: o que a psicologia tem a dizer e a contribuir para a saúde de quem trabalha? **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 25, n. 1, Rio de Janeiro, jan/abr. 2013. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000100007. Acesso em: 23 out. 2023.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 5. ed. Petrópolis, Vozes: 2002.

TAVARES, José *et al*. **Manual de psicologia do desenvolvimento e aprendizagem**.

Porto: Porto Editora, 2007.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Da condição docente: primeiras aproximações. **Educ. Soc**., Campinas, v. 28, n. 99, p. 426-443, maio/ago., 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/y6Mndr9brCyRzJRfKG49Qfb/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 18 out. 2023.

TENNEY, Elizabeth. R.; POOLE, Jared M.; DIENER, Ed. Does positivity enhance work performance? Why, when and what we don't know. **Research in Organizational Behavior**, 2016, v. 36, n. 1, p. 27-46. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.riob.2016.11.002. Acesso em: 20 set. 2023.

TOMASSINI, Marcelo Goes. **O mal-estar dos professores da rede de ensino estadualde São Paulo**. 2023, 259 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos – SP, 2023.

VARKEY FOUNDATION, **Brazil GTSI Statistics**. 2018.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Docência: formação, identidade profissional e inovações didáticas. *In*: SILVA, Aida Maria Monteiro *et al*. **Educação formal e não formal, processos formativos e saberes pedagógicos**: desafios para a Inclusão Social. Recife: ENDIPE, 2006, p. 467-484.

VELOSO, Lauro Take Tomo. **Trauma e sofrimento docente:** sintoma e invenção. 2018. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

VIEIRA, Jarbas Santos; FONSECA, M.S. Natureza do trabalho docente. *In*: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. **Dicionário**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

VIEIRA, Marilene de Lourdes. Mal-estar docente e sofrimento psíquico: portas de entrada para o adoecimento. **Revista Encontro de Pesquisa em Educação**. Uberaba, v. 1, n.1, p. 112-127, 2013. Disponível em: https://revistas.uniube.br/index.php/anais/article/view/703. Acesso em: 23 out. 2023.

VOLPIN, Gizeli B. Camilo. **O Significado e o Sentido do Planejamento no trabalho do professor:** uma análise crítica a partir da teoria da atividade de A.N. Leontie. 2016. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Araraquara, São Paulo, 2016.

VIGOTSKI, Levi Semionovitch. **Psicologia Pedágogica**. Porto Alegre: Artmed, 2023.

VIGOTSKI. Lev Semionovich. Manuscrito de 1929. **Educação & Sociedade**, ano 21, n. 71, 1986/2000. Disponível em: https://www.scielo.br/j/es/a/hgR8T8mmTkKsNq7TsTK3kfC/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 15 mai. 2024.

VYGOTSKY, Lev Semionovich. O significado histórico da crise na Psicologia.

In: VYGOTSKY, Lev Semionovich. **Teoria e método em Psicologia**. São Paulo: Martins Fontes. 1999.
VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Obras Escogidas III**. Madrid: Visor, 1995.

VYGOTSKI, Lev Semionovitch. **Obras escogidas:** problemas de psicologia general. Tomo II. Madri: Visor, 1993.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **ICD-11 for mortality and morbidity statistics**. Version: 2019, April. Geneva: WHO; 2019. Disponível em: https://icd.who.int/browse11/l-m/en. Acesso em: 12 dez. 2024.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Conforme Resoluções nº 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

CARO(A) SENHOR(A),

CONVIDAMOS o(a) senhor(a) (ou à pessoa pela qual o(a) Sr.(a) é responsável) para participar de uma pesquisa científica.

Por favor, leia este documento com bastante atenção e, se você estiver de acordo, rubrique as primeiras páginas e assine na linha "Assinatura do participante", no ponto 8.

1. QUEM SÃO AS PESSOAS RESPONSÁVEIS POR ESTA PESQUISA?

1.1. PESQUISADOR RESPONSÁVEL: *Ismenia da Silva Vieira*

1.2. ORIENTADOR/ORIENTANDO: *Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz*

2. QUAL O NOME DESTA PESQUISA, POR QUE E PARA QUE ELA ESTÁ SENDO FEITA?

2.1. TÍTULO DA PESQUISA *Professores em situação de adoecimento psíquico: O trabalho docente e a qualidade do processo educacional*
2.2. POR QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Justificativa): *Este estudo justifica-se pela aderência com as áreas de Psicologia, Educação e Saúde que abarca tanto as questões de desenvolvimento profissional docente, quanto o bem-estar desse profissional. A proposta pode subsidiar a transformação de uma realidade que primeiramente focaliza a atuação e o desenvolvimento pessoal e profissional de professores da Educação Básica, mas que poderá contribuir para a reflexão das condições de bem-estar docente e do processo educacional.*
2.3. PARA QUE ESTAMOS FAZENDO ESTA PESQUISA (Objetivos): *Esta pesquisa tem como objetivo geral: Analisar como os professores da Educação Básica em situação de adoecimento psíquico realizam o seu trabalho docente, considerando o desenvolvimento profissional e os possíveis impactos na qualidade do processo educacional. E tem como objetivos específicos: a) construir um perfil pessoal-profissional dos professores da Educação Básica em situação de adoecimento psíquico, considerando seu desenvolvimento profissional docente; b) verificar como é realizado o trabalho docentedo professor em situação de adoecimento psíquico; c) caracterizar os possíveis impactos do trabalho do professor em situação de adoecimento psíquico na qualidade do processo educacional.*

3. O QUE VOCÊ (OU O INDIVÍDUO SOB SUA RESPONSABILIDADE) TERÁ QUE FAZER? ONDE E QUANDO ISSO ACONTECERÁ? QUANTO TEMPO LEVARÁ? (Procedimentos Meto- dológicos)

3.1 O QUE SERÁ FEITO: *Responderá um questionário semiestruturado, contendo 10 questões a respeito do perfil pessoal-profissional e, de uma entrevista narrativa sobre a temática abordada.*
3.2 ONDE E QUANDO FAREMOS ISSO: *A entrevista narrativa ocorrerá individualmente, agendada previamente, com os professores, no próprio ambiente escolar durante o mês de agosto do corrente ano.*

3.3 QUANTO TEMPO DURARÁ CADA SESSÃO:

As entrevistas durarão de 30 minutos a 1 hora (máximo)

4. HÁ ALGUM RISCO EM PARTICIPAR DESSA PESQUISA?

Segundo as normas que tratam da ética em pesquisa com seres humanos no Brasil, sempre há riscos emparticipar de pesquisas científicas. No caso desta pesquisa, classificamos o risco como sendo

4.1 NA VERDADE, O QUE PODE ACONTECER É: (detalhamento dos riscos)

1. Os riscos, desconfortos apresentados pela pesquisa serão minimos, mas existe um pequeno risco de constrangimento ou desconforto, por parte dos pesquisados em participar de entrevista (pela ocorrência de perguntas que toquem aspectos de foro privado ou ensejem memórias/sensações desagradáveis).

4.2 MAS PARA EVITAR QUE ISSO ACONTEÇA, FAREMOS O SEGUINTE: (meios de evitar/minimizar os riscos):

Para evitar constrangimentos ou desconfortos, fica facultado ao participante solicitar o seu afastamento ou deixar de participar da pesquisa em alguma etapa ou de todo o projeto, pois a participação nessa pesquisa não é obrigatória e seu consentimento pode ser retirado em qualquer momento se isso lhe for mais conveniente.

5. O QUE É QUE ESTA PESQUISA TRARÁ DE BOM? (Benefícios da pesquisa)

5.1 BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa):

Os participantes poderão contribuir de forma direta com a pesquisa por meio dos seus conhecimentos que serão tabulados e publicados na dissertação de Mestrado de forma a expor e contribuir com as discussões na área.

5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...):

É fundamental que os docentes percebam a realidade da escola em que estão isneridos, para que possam buscar estratégias para que a prática docente não se torne uma ação distanciada de significados e permeada de adoecimentos que estão para além do orgânico, alcançando o psíquico.

6. MAIS ALGUMAS COISAS QUE O(A) SENHOR(A) PODE QUERER SABER (Direitos dosparticipantes):

Recebe-se dinheiro ou é necessário pagar para participar da pesquisa?

R: *Nenhum dos dois*. A participação na pesquisa é voluntária.

Mas e se você acabar gastando dinheiro só para participar da pesquisa?

R: O pesquisador responsável precisará lhe ressarcir estes custos.

6.3. E se ocorrer algum problema durante ou depois da participação?

R: Voce pode solicitar assistência imediata e integral e ainda indenização ao pesquisador e à universidade.

6.4. É obrigatório fazer tudo o que o pesquisador mandar? (Responder questionário, participar de entrevista, dinâmica, exame...)

R: Não. Você só precisa participar daquilo em que se sentir confortável a fazer.

6.5. Dá pra desistir de participar no meio da pesquisa?

R: Sim, Em qualquer momento. É só avisar ao pesquisador.

6.6. Há algum problema ou prejuízo em desistir?

R: Nenhum.

6.7. O que acontecerá com os dados que você fornecer nessa pesquisa?

R: Eles serão reunidos com os dados fornecidos por outras pessoas e analisados para gerar o resultado do estudo. Depois disso, poderão ser apresentados em eventos científicos ou constar em publicações, como Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações, Teses, artigos em revistas,livros, reportagens, etc.

Os participantes não ficam expostos publicamente?

R: Em geral, não. O(A) pesquisador(a) tem a obrigação de garantir a sua privacidade e o sigilo dos seus dados. Porém, a depender do tipo de pesquisa, ele(a) pode pedir para te identificar e ligaros dados fornecidos por você ao seu nome, foto, ou até produzir um áudio ou vídeo com você.
Nesse caso, a decisão é sua em aceitar ou não. Ele precisará te oferecer um documento chamado "Termo de Autorização para Uso de Imagens e Depoimentos". Se você não aceitar a exposição oua divulgação das suas informações, não o assine.

Depois de apresentados ou publicados, o que acontecerá com os dados e com os materiais coletados?

R: Serão arquivadas por 5 anos com o pesquisador e depois destruídos.

6.10. Qual a "lei" que fala sobre os direitos do participante de uma pesquisa?

R.: São, principalmente, duas normas do Conselho Nacional de Saúde: a Resolução CNS 466/2012e a 510/2016. Há, também uma cartilha específica para tratar sobre os direitos dos participantes. Todos esses documento podem ser encontrados no nosso site (www2.uesb.br/comitedeetica).

6.11. E se eu precisar tirar dúvidas ou falar com alguém sobre algo acerca da pesquisa?

R: Entre em contato com o(a) pesquisador(a) responsável ou com o Comitê de ética. Os meios decontato estão listados no ponto 7 deste documento.

7. CONTATOS IMPORTANTES:

Pesquisador(a) Responsável: *Ismenida da Silva Vieira*

Endereço: **Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB/Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGED/UESB**.

Fone: *(77) 99140-9696*/ E-mail: *ismeniamenu@hotmail.com*

Comitê de Ética em Pesquisa da UESB (CEP/UESB)

Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento ProfissionalDalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.

Fone: (73) 3528-9727 / E-mail: cepjq@uesb.edu.br

Horário de funcionamento: Segunda à sexta-feira, das 08:00 às 17:00

8. CLÁUSULA DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Concordância do participanteou do seu responsável)

Declaro, para os devidos fins, que estou ciente e concordo

☐ **em participar do presente estudo;**

☐ **com a participação dapessoa pela qual sou responsável.**

Ademais, confirmo ter recebido uma via deste termo de consentimento e asseguro que me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer todas as minhas dúvidas.

Vitória da Conquista, 05 de março de 2024

_____

Assinatura do(a) participante (ou da pessoa por ele responsável)

Impressão Digital

9. CLÁUSULA DE COMPROMISSO DO PESQUISADOR

Declaro estar ciente de todos os deveres que me competem e de todos os direitos assegurados aos participantes e seus responsáveis, previstos nas Resoluções 466/2012 e 510/2016, bem como na Norma Operacional 001/2013 do Conselho Nacional de Saúde. Asseguro ter feito todos os esclarecimentos pertinentes aos voluntários de forma prévia àsua participação e ratifico que o início da coleta de dados dar-se-á apenas após prestadasas assinaturas no presente documento e aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa, competente.

Vitória da Conquista, 05 de março de 2024

_____

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO

Projeto de Pesquisa: Professores em situação de adoecimento psíquico: o trabalho docentee a qualidade do processo educacional
Mestranda: Ismenia da Silva Vieira
Profa. Orientadora: Profª. Drª. Rita de Cássia S.N. Ferraz.

Este Projeto tem por objetivo analisar como os professores da Educação Básica em situação de adoecimento psíquico desenvolvem o seu trabalho docente e os possíveis impactos na qualidade do processo educacional.

Questionário Perfil sociodemográfico

1. Perfil sociodemográfico
Nome:
Idade:
Sexo:
Estado Civil:
Formação:
Tempo de Atuação Docente:
Atuação Profissional:

2. Demandas Comportamentais

a) Como você avalia o desenvolvimento do seu bem-estar no trabalho?

b) Sabemos que alguns professores não conseguem regular as emoções negativas emergindo sentimentos de desânimo como respostas das emoções. Na situação em que você se encontra quais percepções de emoções negativas e positivas você sinalizaria no desenvolvimento do seu trabalho docente?

3. Trabalho Docente

a) Como você compreende o desenvolvimento do seu trabalho docente?

b) Considerando a situação em que se encontra (adoecimento psíquico) você poderiaidentificar quais os impactos para a qualidade do seu trabalho?

Título do Projeto: Professores em situação de adoecimento psíquico: o trabalhodocente e a qualidade do processo educacional
Pesquisador responsável: Ismenia da Silva Vieira
Orientadora: Profª. Drª. Rita de Cássia S. N. Ferraz

Entrevista Narrativa - Eixos Norteadores

1. A atuação docente
2. A relação com o trabalho docente
3. Impactos do adoecimento no trabalho docente e qualidade do processo educacional

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PROFESSORES EM SITUAÇÃO DE ADOECIMENTO PSÍQUICO: O TRABALHO DOCENTE E A QUALIDADE DO PROCESSO EDUCACIONAL

Pesquisador: ISMENIA DA SILVA VIEIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 77382923.7.0000.0055

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.712.686

Apresentação do Projeto:

Segundo a proponente: ¿O trabalho docente se configura em uma multiplicidade de impactos que acabam por influenciar a qualidade do processo educacional, principalmente a dos professores em situação de adoecimento psíquico. Este estudo busca analisar como os professores da Educação Básica em situação de adoecimento psíquico desenvolvem o seu trabalho docente e os possíveis impactos na qualidade do processo educacional. Os objetivos

específicos são: identificar os professores da Educação Básica em situação de adoecimento psíquico, considerando seu desenvolvimento profissional docente; verificar como é desenvolvido o trabalho docente do professor em situação de adoecimento psíquico; caracterizar os possíveis impactos do trabalho do professor em situação de adoecimento psíquico na qualidade do processo educacional. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo e exploratório, com a participação de 04 (quatro) professores da Educação Básica que estejam em situação de adoecimento comprovado por laudo médico no período de 2019 a 2023. Os critérios para escolha dos docentes serão: 1- Serem professores efetivos e atuantes em sala de aula; 2- Situação de adoecimento ocorrida no período de exercício da docência. Os instrumentos utilizados para produção dos dados serão a Observação e a Entrevista Narrativa. Por meio do referencial teórico que fundamenta esta pesquisa, os dados serão, posteriormente, descritos e organizados em categorias articuladas, orientada pela técnica de a Análise de Conteúdo (Bardin, 2010). Dada a relevância desse estudo, destaca-se o atendimento aos

indicadores de qualidade do trabalho docente, bem como os impactos do adoecimento no trabalho.¿

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar como os professores da Educação Básica em situação de adoecimento psíquico realizam o seu trabalho docente, considerando o desenvolvimento profissional e os possíveis impactos na qualidade do processo educacional.

Objetivo Secundário:

- Construir um perfil pessoal-profissional dos professores da Educação Básica em situação de adoecimento psíquico, considerando seu desenvolvimento profissional docente;
- Verificar como é realizado o trabalho docente do professor em situação de adoecimento psíquico;
- Caracterizar os possíveis impactos do trabalho do professor em situação de adoecimento psíquico na qualidade do processo educacional.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo a pesquisadora, retirado do TCLE:

¿Os riscos, desconfortos apresentados pela pesquisa serão mínimos, mas existe um pequeno risco de constrangimento ou desconforto, por parte dos pesquisados em participar de entrevista (pela ocorrência de perguntas que toquem aspectos de foro privado ou ensejem memórias/sensações desagradáveis). Para evitar constrangimentos ou desconfortos, fica facultado ao participante solicitar o seu afastamento ou deixar de participar da pesquisa em alguma etapa ou de todo o projeto, pois a participação nessa pesquisa não é obrigatória e seu consentimento pode ser retirado em qualquer momento se isso lhe for mais conveniente.

BENEFÍCIOS DIRETOS (aos participantes da pesquisa): Os participantes poderão contribuir de forma direta com a pesquisa por meio dos seus conhecimentos que serão tabulados e publicados na dissertação de Mestrado de forma a expor e contribuir com as discussões na área. 5.2 BENEFÍCIOS INDIRETOS (à comunidade, sociedade, academia, ciência...): É fundamental que os docentes percebam a realidade da escola em que estão isneridos, para que possam buscar estratégias para que a prática docente não se torne uma ação distanciada

de significados e permeada de adoecimentos que estão para além do orgânico, alcançando o psíquico.¿

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados os seguintes termos:

1) PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2242003.pdf - postado em 05/03/2024 19:36:59

2) TCLE_CEP.pdf - postado em 05/03/2024 19:33:59

3) autorizacaoparacoletadedados.pdf - postado em 09/01/2024 11:23:53

4) Compromisso_Geral_assinado_assinado.pdf - postado em 09/01/2024 10:56:07

5) folha_De_Rosto_ismenia_da_silva_assinado_assinado.pdf - postado em 09/01/2024 10:46:27

6) Projeto.pdf - postado em 06/12/2023 10:06:29

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Apesar das alterações no risco ao participante de pesquisa não ter sido alterado nas informações básicas do projeto, a pesquisadora fez a alteração no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Assim, considera-se que a pendência foi sanada.

O projeto não apresenta pendências. A pesquisadora deverá ficar atenta às seguintes orientações:

1) Relatórios:

- Durante a execução do projeto e ao seu final, anexar na Plataforma Brasil os respectivos relatórios parciais e final, de acordo com o que consta na Resolução CNS 466/12 (itens II.19, II.20, XI.2, alínea d) e Resolução CNS 510/16 (artigo 28, inciso V).

2) Emendas

- Para realizar alterações de quaisquer sorte (acrescentar membros/assistentes, alterar um instrumento ou inserir um campo de coleta, mudar aspectos metodológicos, etc) em projetos já aprovados, você precisará submeter uma ¿EMENDA¿ para avaliação do CEP.

As instruções para tanto estão nas páginas 67 a 78 do Manual do Pesquisador da Plataforma Brasil.

Mas cuidado! Emendas não podem fazer mudanças profundas, que descaracterizem o projeto

em execução. Pequenas alterações textuais podem ser informadas nos relatórios.

Considerações Finais a critério do CEP:

Em reunião por videoconferência, autorizada pela CONEP, a plenária deste CEP/UESB autorizou acatar o parecer do relator por ad referendum.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2242003.pdf	05/03/2024 19:36:59		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_CEP.pdf	05/03/2024 19:33:59	ISMENIA DA SILVA VIEIRA	Aceito
Outros	autorizacaoparacoletadedados.pdf	09/01/2024 11:23:53	ISMENIA DA SILVA VIEIRA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Compromisso_Geral_assinado_assinado.pdf	09/01/2024 10:56:07	ISMENIA DA SILVA VIEIRA	Aceito
Folha de Rosto	folha_De_Rosto_ismenia_da_silva_assinado_assinado.pdf	09/01/2024 10:46:27	ISMENIA DA SILVA VIEIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.pdf	06/12/2023 10:06:29	ISMENIA DA SILVA VIEIRA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JEQUIE, 20 de Março de 2024

Assinado por:
Carla Patricia Novais Luz
(Coordenador(a))